

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Douglas Meyer Oliveira

**DA SOLIDÃO DAS TRAVES À REDE DO APLICATIVO DE ALUGUEL:
representações sociais de goleiro em meio à uberização da pelada de futebol**

Porto Alegre
2021

Douglas Meyer Oliveira

**DA SOLIDÃO DAS TRAVES À REDE DO APLICATIVO DE ALUGUEL:
representações sociais de goleiro em meio à uberização da pelada de futebol**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Douglas
DA SOLIDÃO DAS TRAVES À REDE DO APLICATIVO DE
ALUGUEL: representações sociais de goleiro em meio a
uberização da pelada de futebol / Douglas Oliveira. --
2021.
126 f.
Orientador: Alex Branco Fraga.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Goleiro de futebol. 2. Representações sociais.
3. Precarização do trabalho. I. Branco Fraga, Alex,
orient. II. Título.

Douglas Meyer Oliveira

**DA SOLIDÃO DAS TRAVES À REDE DO APLICATIVO DE ALUGUEL:
representações sociais de goleiro em meio à uberização da pelada de futebol**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. Mauro Myskiw
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

.....
Profa. Dra. Cibele Biehl Bossle
Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS

.....
Prof. Dr. Rodrigo Koch
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

.....
Orientador – Prof. Dr. Alex Branco Fraga
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e sabedoria para fazer as minhas escolhas, e estar sempre me protegendo e presente em minha vida.

Aos meus pais, Dulce e Aldo Fernando, pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim e me apoiar em minhas decisões, além de uma vida inteira de amor, carinho e afeto.

Aos meus irmãos, Guilherme e Aline. Guilherme, o mais velho, por ser uma referência, e, Aline, por ter me influenciado a seguir na vida acadêmica.

A Talita, pela paciência, pelo amor e incentivo que me deu durante todo esse processo, apoiando-me nos momentos de dificuldade e vibrando junto nos momentos de felicidade.

Aos meus avós maternos, Rosa e Mordko (*in memoriam*), e paternos, Cirlei e Fernando, por terem participado diretamente da minha criação e serem fundamentais, pela pessoa que me tornei.

Ao meu orientador, Alex Branco Fraga, por ter me dado a oportunidade de realizar o Mestrado; pela confiança depositada e por ser incansável durante todo o percurso. Sua didática e pedagogia fizeram com que tudo se tornasse mais leve.

Aos colegas do grupo de pesquisa de Políticas de Formação em Educação e Saúde (Polifes), pelas aprendizagens e trocas feitas durante esses dois anos de Mestrado.

A todos os professores que tive durante a minha vida, pelos ensinamentos. Só a educação liberta.

Aos participantes da pesquisa, que disponibilizaram seu tempo para contribuir com o estudo.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, por toda a assistência prestada.

Pelo apoio financeiro, agradeço às instituições Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A todos aqueles que não mencionei aqui, mas que, de alguma forma, contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

Muito obrigado!

RESUMO

O objetivo principal do estudo foi compreender de que modo os goleiros que atuam na plataforma Goleiros de Aluguel (GDA) vão construindo representações sociais acerca dessa função singular no futebol, por meio da mediação dessa tecnologia. O marco teórico do trabalho sustentou-se, principalmente, na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2001; SÁ, 1998), e, de forma complementar, nos estudos de Rifkin (2001) sobre a Era do Acesso, e nos de Abílio (2020), sobre “uberização”. Metodologicamente, a pesquisa caracterizou-se como qualitativa e se vale de entrevistas semiestruturadas com 17 goleiros que estavam cadastrados na plataforma há pelo menos um ano e haviam completado pelo menos 50 partidas, à época do recrutamento. Em função do período pandêmico, todas as entrevistas foram realizadas de modo remoto, gravadas e, posteriormente, transcritas. A operação analítica empreendida sobre a materialidade empírica produzida foi baseada nos seis passos propostos pela Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006). Três grandes categorias emergiram, ao longo do processo de escrita: (1) “diversão remunerada: uma forma de diminuir os custos de jogar no gol”, que reúne manifestações dos goleiros entrevistados sobre o fato de serem pagos para fazer algo que já faziam antes, por gosto; (2) “renda extra/fonte de sustento: uma forma de render como goleiro”, que reúne as manifestações dos goleiros que têm uma fonte de renda e utilizam os recursos obtidos na plataforma para despesas extras ou investimento, e também aqueles que, em decorrência da deterioração da economia e precarização das relações de trabalho, passaram a depender da plataforma como principal fonte de sustento; (3) “vestindo a mesma camisa: a formação de um time só de goleiros”, que reúne o conjunto de manifestações dos entrevistados que permite visualizar um aspecto que diferencia os goleiros de aluguel não apenas dos outros trabalhadores de plataformas, mas também dos demais goleiros. Além de demonstrarem compromisso e fidelidade à plataforma, os goleiros também se percebem como um grupo solidário, que se apoia mutuamente, e, principalmente, sentem-se valorizados por pertencerem a esse coletivo. Independentemente de estarem defendendo um lado, ou outro, da quadra, os goleiros de aluguel formam um time só. Vestem, portanto, a mesma camisa. Em conclusão, é possível afirmar, com base nos dados que, mediadas pela plataforma do GDA, são construídas diferentes representações sociais sobre a função do goleiro. O goleiro passa a ser mais valorizado, por ser o único que recebe para jogar, além de desmistificar a imagem do jogador como um sujeito solitário, pois, no GDA, o goleiro passa a fazer parte de uma rede de goleiros que são solidários entre eles.

Palavras-chave: Goleiro de futebol. Representações sociais. Precarização do trabalho.

ABSTRACT

This dissertation aimed to understand by which means the goalkeepers in the GDA (“Goleiros de Aluguel”, Goalkeeper Rental) platform build up social representation in regards to this unique soccer role, by using this technology. The theoretical framework of this study is based mainly on the Social Representation Theory (MOSCOVICI, 2007, JODELET, 2001, SÁ, 1998), and additionally, in the studies of Rifkin (2001) about the “Age of Access”, and Abílio (2020) about “uberization”. Methodologically, this research is characterized as qualitative, and it was constituted by semi-structured interviews with 17 goalkeepers, which were registered in the GDA platform for at least one year, and had completed at least 50 soccer matches by the recruiting period. Because of the pandemic, all interviews were conducted remotely, recorded, and transcribed. The analytical operation about empirical materiality was based in the six steps suggested by the Thematic Analysis (BRAUN; CLARKE, 2006). Three main categories emerged during the writing process: (1) “gainful fun: decreasing the costs of playing as goalkeeper”, which collects thoughts from interviewees about getting paid for something they already did for joy only; (2) “extra income/source of livelihood: revenues as goalkeeper”, which collects thoughts from goalkeepers that have an income, and use the income from the platform for extra expenses or investments, and also those that due to the economy’s deterioration and precariousness of working relationships, started to rely on the platform as their main source of income; (3) “wearing the same shirt: formation of a team of goalkeepers”, which collects the thoughts of interviewees that show an aspect that differentiates goalkeeper rental from not only other workers in platforms, but also from other goalkeepers. Besides demonstrating fidelity and commitment to the platform, these goalkeepers are also a solidary group, which supports each other, and, more importantly, they feel appreciated for belonging to this group. Independently of playing in differing sides of the soccer field, the goalkeeper’s rental are a team. They dress, therefore, the same shirt. In conclusion, it is possible to say based on data that, mediated by the GDA platform, different social representations are build up about the goalkeeper’s role. The goalkeeper gets more appreciated, being the only one that gets paid to play, and it also demystifies the image of the goalkeeper as a lonely role, because with GDA the goalkeeper is now part of a network of goalkeepers, which are solidary amongst each other.

Key-words: Soccer Goalkeeper. Social Representations. Employment, Precarious.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Questionário para cadastro como goleiro de aluguel.....	53
Figura 2 – Camisa oficial de dez jogos do GDA.....	53
Figura 3 – Desafio <i>cachback</i> extra.....	54
Figura 4 – Campanha para patrocinadores.....	54
Figura 5 – Convocação para uma partida no GDA.....	56
Figura 6 – Campanha de financiamento coletivo.....	58
Figura 7 – Perfil de um goleiro de aluguel no Instagram.....	63
Figura 8 – Perfil de um goleiro de aluguel no Facebook.....	63
Figura 9 – Cartaz de divulgação do GDA.....	70
Figura 10 – Deslocamento citado por Dida.....	71
Figura 11 – Conversa no grupo de WhatsApp do GDA.....	76
Figura 12 – Conversa no grupo de WhatsApp do GDA.....	90
Figura 13 – Conversa no grupo de WhatsApp do GDA.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de entrevistados.....	645
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

AT – Análise Temática

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CCQ – Círculos de Controle de Qualidade

CEO – Chief Executive Officer/Diretor Executivo

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CLT – Consolidações das Leis do Trabalho

CNS – Conselho Nacional de Saúde

Covid-19 – Corona Vírus Disease

CTDC – Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

EUA – Estados Unidos da América

GA – Google Acadêmico

GDA – Goleiro de Aluguel

GTT – Grupo de Trabalho Temático

IPA – Instituto Porto Alegre

Polifes – Políticas de Formação em Educação Física e Saúde

Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPGCMH – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano

Sesi – Serviço Social da Indústria

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRS – Teoria das Representações Sociais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MARCO TEÓRICO.....	20
2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	20
2.1.1 No futebol	32
2.1.2 Do Goleiro	34
2.2 A ERA DAS PLATAFORMAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO	38
2.2.1 As mudanças no mundo do trabalho	38
2.2.2 A Era do Acesso	41
2.2.3 Uberização.....	46
3 O GOLEIRO DE ALUGUEL	52
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	59
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	59
4.2 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA	60
4.3 INSTRUMENTOS PARA OBTENÇÃO DE DADOS	64
4.4 CUIDADOS ÉTICOS.....	66
4.5 TIPO DE ANÁLISE ADOTADA.....	66
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	69
5.1 DIVERSÃO REMUNERADA: UMA FORMA DE DIMINUIR OS CUSTOS DE JOGAR NO GOL	69
5.2 RENDA EXTRA/FONTE DE SUSTENTO: UMA FORMA DE RENDER COMO GOLEIRO	73
5.3 VESTINDO A MESMA CAMISA: A FORMAÇÃO DE UM TIME SÓ DE GOLEIROS	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
7 REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A	104
APÊNDICE B	111
APÊNDICE C	115
APÊNDICE D.....	116
APÊNDICE E	118
ANEXO A.....	120
ANEXO B	124
ANEXO C	125

1 INTRODUÇÃO

O atual mercado de trabalho encontra-se em um cenário de constantes transformações provocadas pela chamada “economia dos aplicativos” (SCHYMURA, 2020), ou “trabalho por aplicativos” (AMORIM; MODA, 2020), afetando diretamente o trabalhador, um dos principais agentes desse processo, que tem sido impelido a exercer suas atividades remuneradas de forma precarizada.

O campo abrangido pela Educação Física não está imune à transformação que ocorre no mercado de trabalho. Em 27 de dezembro de 2019, o Grupo de Trabalho Temático (GTT) Atividade Física e Saúde, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), publicou, no *site* da entidade, uma carta de repúdio ao Programa Brasil em Movimento, proposto pelo Ministério da Saúde, que visava a oferecer serviços ligados à prescrição e orientação de atividade física à população por meio de um aplicativo¹, conectando usuários aos profissionais da área por meio de chamadas via *smartphones*, o telefone inteligente. De acordo com os signatários da carta, além de afrontar os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), o “Programa Brasil em Movimento é uma proposta de uberização² do trabalho dos profissionais/professores de educação física” (GTT ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, 2019, p. 1).

As mudanças no mundo do trabalho, na área da Educação Física, não haviam chamado a atenção deste pesquisador até começar a exercer a função de professor de Educação Física na escola de Ensino Médio do Serviço Social da Indústria (Sesi), no município de Sapucaia do Sul, logo depois de concluída a licenciatura no Instituto Porto Alegre (IPA), como primeira graduação. Apesar de estar muito bem empregado, levando em conta os padrões da época, para um recém-graduado, notava que muitos colegas de graduação não estavam obtendo êxito na procura por um emprego na área, especialmente fora do âmbito escolar.

No ano de 2016, ao optar pelo curso do Bacharelado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o objetivo de expandir os conhecimentos e as possibilidades de atuação na área, surgiu a possibilidade de tratar do problema da falta de oferta de emprego formal para os bacharéis em Educação Física. Sob a

¹ No presente estudo, utiliza-se o termo “aplicativo” para designar um programa que envolve processamento de dados, com o intuito de resolver problemas e facilitar a execução de tarefas pelos usuários.

² A empresa de transporte privado urbano Uber Technologies Inc. foi a que primeiro e mais intensamente se disseminou pelo mundo, portanto, quando utilizamos o termo “uberização”, não significa que estamos nos referindo à empresa Uber, mas falando sobre essa forma de prestação de serviços feita através de plataformas que direcionam o cliente que necessita do serviço para o devido prestador.

orientação do professor Mauro Myskiw, produziu-se o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Mercado de Trabalho e Campo de Atuação do Profissional de Educação Física em Sapucaia do Sul” (OLIVEIRA, 2016), no qual se tratou de pesquisar sobre o mercado de trabalho para os profissionais de Educação Física.

No estudo, foram mapeados cinco grandes campos de intervenção, com o objetivo de analisar as ofertas de trabalho na cidade e as possibilidades de inserção de um profissional graduado em Educação Física. A conclusão do trabalho foi que, no município de Sapucaia do Sul, havia poucas oportunidades e possibilidades de inserção do profissional de Educação Física, portanto, um primeiro indício das dificuldades para esse trabalhador na contemporaneidade.

Ao longo do processo de mapeamento das ofertas de trabalho em Educação Física, em Sapucaia do Sul, a questão dos aplicativos não surgiu diretamente, pois o interesse estava em encontrar os lugares físicos nos quais os colegas sem emprego pudessem vir a atuar. A primeira vez em que um aplicativo ligado ao universo da Educação Física chamou-nos a atenção foi numa das tantas peladas³ de futebol com os amigos, costumeiramente jogadas duas a três vezes por semana, como prática de lazer.

Depois de muito tempo, um ex-colega de graduação compareceu num desses jogos. Pareceu estranho o fato de nunca tê-lo visto lá antes, pois ele não fazia parte daquele grupo de amigos do futebol. Ao questioná-lo sobre quem o havia convidado para jogar aquela partida, ele respondeu que não havia sido convidado a participar do grupo, mas fora contratado através de um aplicativo para jogar apenas aquela partida como goleiro. Causou surpresa, a revelação, mas, na condição de um jogador de pelada que não gosta de revezar no gol, a iniciativa pareceu muito interessante, num primeiro momento.

Geralmente, o goleiro é visto como praticante de função ingrata, por alguns, dentro do futebol, e em peladas, normalmente, não se encontra alguém disposto a jogar nessa posição, por isso é muito difícil encontrar um “goleiro de ofício⁴” para essas partidas amadoras, então, é preciso que os jogadores de linha se revezem por determinado tempo. Ao perceber essa necessidade, um aplicativo para *smartphones* foi utilizado para convocar seu goleiro de pelada de forma prática e rápida.

³ Nome dado a uma partida amadora e recreativa de futebol com regras livres, normalmente sem preocupação com as regras oficiais.

⁴ Pessoa que possui vocação para atuar como goleiro e apresenta qualidades específicas para isso.

Era de conhecimento prévio que esse ex-colega gostava de jogar como goleiro, porém, em conversa após o jogo, comentou que sua vida de formado estava difícil, pois trabalhava como *personal trainer* em uma academia, mas a remuneração lá não era suficiente para o seu sustento. Revelou que o aplicativo GDA era uma maneira de obter renda extra, além de associar-se ao que lhe dava prazer. O emprego na academia, de carteira assinada, proporcionava-lhe alguns benefícios, como: vale-transporte, alimentação, estabilidade, férias, etc., porém, o valor da hora paga pelo seu trabalho informal, no aplicativo de contratação de goleiros, era superior ao do seu trabalho formal na academia.

Ainda interessado em estudar o tema do campo profissional, pleiteamos uma vaga no Mestrado com o Prof. Mauro Myskiw, o mesmo orientador do TCC do bacharelado em Educação Física na UFRGS. Na banca, estava o Prof. Alex Branco Fraga, que, durante o processo de arguição, apresentou uma questão relativa ao episódio do colega contratado como goleiro de aluguel por meio de um aplicativo.

Apesar de aprovado na seleção do Mestrado, passamos a ocupar uma das vagas disponibilizadas pelo Prof. Alex, que não havia sido pleiteada por ninguém naquele certame. O atual orientador vislumbrava, naquela situação inusitada, a possibilidade de ajustar o projeto ao universo do aplicativo de goleiro, investindo na abordagem sobre a precarização do trabalho na área da Educação Física, e na consequente desvalorização da formação inicial, algo que aceitamos de pronto, pelas possíveis conexões com o trabalho realizado no TCC e a paixão pelo mundo do futebol.

Logo ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), o projeto foi organizado na direção apontada pelo orientador. O primeiro movimento foi no sentido de conhecer mais detalhadamente o aplicativo do GDA. Para ter uma noção aproximada sobre o modo de funcionamento, o aplicativo foi baixado e feito o cadastro na plataforma⁵ como goleiro; no mesmo dia, já chegaram convites para diversas partidas. Cabe destacar que, apesar de praticante assíduo de futebol de pelada, não apreciava jogar como goleiro, tanto que não apresentamos muita habilidade para desempenhar tal função, e só nos inscrevemos no aplicativo por “dever de ofício” de pesquisador, como um modo de conhecer por dentro o seu funcionamento.

⁵ No presente estudo, é utilizado o termo “plataforma” para denominar um ambiente *on-line* com variadas funcionalidades e que conecta diversos usuários, promovendo interação de valor. O valor maior não está na plataforma, mas nas interações que possibilita.

Dentre as diversas chamadas para a primeira experiência como goleiro de aluguel, escolhemos aquela que se encaixava em nosso horário livre. Já no local marcado para a partida com dez minutos de antecedência, apresentei-me como o goleiro “convocado” por meio do aplicativo, e fui direto para o jogo. Corria tudo certo, até aproximadamente 40 minutos de partida, quando me aconteceu algo bastante curioso e inusitado: ao saltar para defender uma bola, caí com o meu próprio corpo em cima da minha mão esquerda.

No calor do jogo, não percebi exatamente o que havia ocorrido na hora, e segui atento cumprindo o meu “dever de ofício”, como se nada tivesse acontecido. Logo quando a bola saiu pela linha lateral, olhei para a minha mão e percebi que meu dedo mínimo da mão esquerda estava quebrado, e bem quebrado, pois estava fora do lugar, inclusive. Ao me deparar com a situação, e em estado de choque, coloquei meu dedo no lugar novamente e, de modo instintivo, realizei movimentos de flexão e extensão. Aparentemente, estava tudo bem e segui no jogo.

Ao terminar aquela partida, cumprimentei os jogadores e me preparei para deixar o local. Logo que começou a diminuir a frequência cardíaca e o corpo a esfriar, senti dor no dedo. Saí dali diretamente para uma clínica de ortopedia e traumatologia. Diagnosticaram uma luxação no meu dedo, o que levou à imobilização da mão por cinco semanas, impossibilitando-me de realizar as atividades do dia a dia.

Logo na primeira experiência como goleiro de aluguel, tive um problema decorrente do desempenho da própria função, e a primeira impressão sobre essa nova modalidade de serviço foi que, caso se tornasse minha única fonte de renda, certamente teria sérios problemas para me manter, o que é a realidade dos vários profissionais que trabalham no que se convencionou chamar “economia de aplicativos”.

A pandemia da Covid-19 fez crescer, por força da necessidade do distanciamento social, o número de adeptos às novas tecnologias e aprofundou o cenário de mudança nas formas de relacionamento social que já estavam em curso. As reuniões e os encontros de estudo/trabalho passaram a ser realizados através de plataformas de teleconferência; as transações bancárias passaram a ser feitas via celular; os serviços de tele-entrega cresceram vertiginosamente, o que fez com que a economia de aplicativos desse um salto.

Apesar de a dependência da internet ter se tornado ainda mais vital, nos últimos tempos, e ter atenuado os efeitos do distanciamento social decorrentes da Covid-19, nem todos os serviços mediados por tecnologia tiveram impulso durante a pandemia.

A plataforma do GDA, por exemplo, surgiu bem antes da Covid-19, mas, em função das características próprias, seus serviços ficaram suspensos por alguns meses, devido às restrições sanitárias.

É interessante observar que os serviços por aplicativos têm suprido, de maneira prática e aparentemente simples, uma demanda por menor intermediação entre consumidor e prestador de serviços. No caso da contratação de goleiros avulsos para partidas de futebol esporádicas, o aplicativo atende, de um lado, ao desejo dos “consumidores de goleiros” em jogar uma partida mais equilibrada, pois, quando não há um goleiro do “ramo”, que tenha algum talento para desempenhar a função, o jogo muitas vezes perde a graça, pois, como se diz na gíria do futebol, “goleiro ruim é chutar e se abraçar”, o que significa que toda bola chutada na direção do gol entra pela falta de técnica do goleiro. Por outro lado, o aplicativo supre momentaneamente a necessidade de renda extra do sujeito, que tem algum talento para ser goleiro, mas não conseguiu desempenhar tal função no mundo do futebol profissional, ou até mesmo amador.

É preciso estar atento e perceber os dois lados da moeda, pois, da mesma forma que o aplicativo se caracteriza por ser uma maneira informal de trabalho, deve-se considerar a necessidade do sujeito em buscar opções para o seu sustento e de sua família, o que também leva a uma modificação na forma de entender essa função tão especial no mundo do futebol.

A partir disso, a ideia inicial do projeto era compreender de que modo o trabalho com o aplicativo GDA vem contribuindo com o processo de precarização do profissional-professor de Educação Física. Contudo, com o passar do tempo, e principalmente depois do processo de avaliação da primeira versão do projeto, que, em nosso grupo de pesquisa, denominado Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (Polifés), é chamado de “esfoliação”⁶, foi possível perceber que o foco do trabalho a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado deveria ser modificado.

Durante esse processo de esfoliação, após leitura cuidadosa dos colegas, chegou-se à conclusão de que, com o tempo restante para o desenvolvimento do estudo no Mestrado, considerando a necessária apropriação do referencial teórico para a produção dos dados relativos ao grupo de goleiros de aluguel, e a operação analítica, não seria possível dar conta de responder à pergunta inicialmente

⁶ É um processo no qual os colegas do grupo de pesquisa leem o texto que será encaminhado à qualificação ou à defesa final, tanto no mestrado quanto no doutorado. É uma espécie de simulação da banca, na qual são apresentados comentários e críticas com o objetivo de contribuir e tornar o trabalho mais denso e sólido, além de preparar o candidato para a defesa na banca.

formulada, especialmente no que se refere ao tema da precarização no campo profissional da Educação Física e suas possíveis relações com a formação.

Portanto, em vez de centrar a problematização no processo de precarização da Educação Física, a partir de um aplicativo de goleiros para futebol de pelada, julgou-se mais apropriado centrar o estudo nas percepções dos goleiros que atuam nessa condição, mais especificamente nas representações sociais que emergem a partir dessa nova configuração no mundo do futebol, que é uma função muito diferente da desempenhada por um goleiro profissional ou um goleiro amador.

O Prof. Dr. Alex Branco Fraga costuma comentar que é muito importante que o tema da pesquisa esteja “correndo em nossas veias sanguíneas”, e o futebol está presente na minha vida desde pequeno; então, o interesse e a afinidade também foram determinantes para mudar o direcionamento do problema de pesquisa para um assunto que eu tenha uma capacidade maior de posicionalidade e reflexividade, dois elementos-chave no processo de aferição de rigor em pesquisas qualitativas.

Ao imergir no mundo do GDA, verificou-se que os goleiros possuíam outra percepção do futebol, muito em função da forma diferenciada de se relacionarem com os times e os demais jogadores. Diferentemente de um goleiro que faz parte de um time, e com os demais companheiros se entrega às partidas com o objetivo de vencer o adversário para somar pontos no campeonato, os objetivos e o engajamento de um goleiro de aluguel são de outra ordem. Um goleiro de futebol profissional quer fazer boas partidas para evitar que o seu time tome gol e perca o jogo, por isso, é mais prestigiado, pelo fato de defender a meta e partilhar um sentimento de pertencimento a um grupo unido em torno do mesmo objetivo: superar o adversário.

Já o goleiro de aluguel não pertence ao time; não vê o jogo como uma batalha contra os adversários de uma agremiação específica; a vitória não é, em si, o objetivo final do goleiro de aluguel, e sim a avaliação que receberá tanto dos companheiros circunstanciais do jogo, quanto dos adversários, ou seja, não está ali com o objetivo de superar o time adversário, mas agradar tanto os jogadores de um e de outro time pelo desempenho que mantiver embaixo das traves. Ele não pertence a um ou a outro time que está jogando aquela partida, mas a um coletivo de goleiros de aluguel ao qual pertence.

Ao apresentar o projeto de qualificação, foi possível perceber que esse tipo de problematização não era muito comum, no campo da Educação Física e dos esportes. Nas varreduras no Google Acadêmico (GA), deparamo-nos com materiais sobre futebol que tratavam de temas que guardavam alguma similaridade com o que é aqui

tratado, e a maioria deles estava baseada na Teoria das Representações Sociais (TRS).

Havia muito mais estudos sobre representações sociais e futebol, de modo geral, do que de goleiro, mas, apesar de certa escassez de referências específicas, esse primeiro movimento permitiu não só mapear o que havia disponível como também entender de que modo os autores do campo articulavam a temática dentro da TRS.

Macagnam e Betti (2014), no trabalho intitulado “Futebol: Representações sociais e práticas de escolares do ensino fundamental”, caracterizam as práticas e identificam as representações sociais de escolares sobre o futebol no âmbito das aulas de Educação Física escolar. No estudo etnográfico realizado, utilizaram a observação participante, entrevistas semiestruturadas e um questionário para obter dados. Como resultado, foi possível notar que as mídias e a família são os principais elementos que constituem as representações dos alunos sobre o futebol, além de que as representações sociais são um importante meio que norteiam as relações dos alunos com o futebol, na medida em que influenciam a orientação e organização das suas condutas.

No estudo “A teoria das representações sociais e a análise do discurso em uma narrativa esportiva de futebol”, Santos (2011) utiliza a TRS para analisar como a mídia foi e continua sendo um veículo de difusão das representações sociais, bem como de comportamentos e opiniões. Embora a análise de dados utilizada neste nosso estudo seja diferente da utilizada pela autora, foi possível perceber a capacidade e a importância do emprego da TRS a partir de uma interface sociocognitiva das representações sociais.

Em estudo de Sousa; de Paula; Oliveira Junior e Antunes (2018) com o título “Apropriação da teoria das representações sociais pelo campo acadêmico/científico da educação física no Brasil: O estado do conhecimento”, os autores constataram que, dos anos de 2004 a 2016, a maioria das produções utilizando a TRS, no campo acadêmico/científico da Educação Física brasileira foi realizada no Sudoeste, com abordagens qualitativas, e tendo Moscovici (2007) como referencial teórico.

De acordo com Celso Pereira de Sá (1998, p. 34-41), um dos mais importantes pesquisadores brasileiros no âmbito da TRS, de modo geral, as temáticas mais

recorrentes no campo da investigação sobre representações sociais têm sido as seguintes:

(1) relação entre ciência e pensamento erudito e pensamento popular ou Representações Sociais; (2) relação saúde e doença; (3) o desenvolvimento humano; (4) educação; (5) mundo do trabalho, das profissões, da organização e das condições de trabalho; (6) estudos sobre comunidade; e (7) exclusão social incluindo uma variedade de temas, a citar, os documentos de inclusão, os meninos de rua, o linchamento, entre outros.

Cabe salientar que o próprio Sá (1998, p. 34) alerta que “é praticamente proibitivo dar conta hoje de toda a produção empírica no campo das representações sociais”, portanto, relacionou as temáticas que pareciam mais recorrentes naquela época. Percebe-se que, tanto as questões relacionadas ao trabalho quanto as questões ligadas ao senso comum, ao pensamento popular e à construção de novas representações, já vêm sendo estudadas a partir dos pressupostos da TRS, elementos que nos motivaram ainda mais a delinear o marco teórico do presente trabalho nessa direção. Na medida em que entendia cada vez mais a forma como a TRS vinha sendo empregada, tanto em pesquisas específicas da área quanto em temas correlatos, mais convicto ficava da necessidade de investir nessa teorização para dar conta da problematização que começa a se desenhar.

As representações são produzidas pelos seres humanos, para que seja possível apreender o mundo à nossa volta; pela necessidade de balizar nossas formas de comportamento em relação aos outros; de compreender as informações que nos chegam; de ter domínios físico e intelectual sobre as coisas do mundo. As representações são sociais porque tudo o que rodeia os sujeitos é partilhado por meio de diferentes formas de significação dos acontecimentos, que servem de apoio para o estabelecimento da interação entre todos; algumas vezes de forma convergente; outras de forma conflituosa; e que faz com que cada um de nós possa compreender o mundo que nos cerca, administrá-lo, ou até mesmo enfrentá-lo (JODELET, 2001).

[...] as representações que fabricamos [...] são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal. (MOSCOVICI, 2007, p. 58).

A TRS tem sido bastante usada para estudar fenômenos relacionados ao mundo do futebol, especialmente no Brasil. Alguns estudos enfatizam a importância dos torcedores e da mídia na construção das representações sociais. Os textos literários falam sobre a posição do goleiro ser ingrata e solitária. Estudos no âmbito escolar também são bastante desenvolvidos, com a utilização da TRS, além dos que envolvem questões raciais e de gênero.

Apesar de existirem estudos diversos sobre a temática do futebol que utilizam a TRS, a questão específica das representações sociais no nicho particular dos goleiros de futebol não tem sido enfatizada.

O goleiro de futebol possui diferentes representações sociais. Muitas vezes, quem acaba desempenhando tal função nas peladas, é o “gordinho” ou, então, o que possui menos qualidades técnicas para atuar como jogador de linha, ou, até mesmo, o que chega atrasado, como forma de punição. No presente trabalho, a proposta é analisar, sob a ótica da TRS, a forma como, por intermédio da plataforma do GDA, essas representações são mantidas, ou vêm sendo construídas novas representações sobre o goleiro.

Em função dessa guinada no foco do estudo, o problema de pesquisa ganhou outra conotação e passou a ser formulado da seguinte forma: **De que modo os sujeitos que atuam no aplicativo GDA vão construindo, por meio dessa plataforma digital, representações sociais sobre essa posição singular no mundo do futebol?**

No presente trabalho, tem-se como objetivo principal, portanto, compreender de que modo os goleiros de aluguel vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol, por meio da mediação dessa plataforma digital.

Para dar conta desse contexto, esta dissertação de Mestrado está estruturada em seis capítulos. Na presente introdução, apresentam-se a forma como ocorreu a aproximação com o tema; o problema de pesquisa; os objetivos; e a justificativa do estudo.

No segundo capítulo, é apresentado o marco teórico utilizado, justificando a escolha pelo uso da TRS, tal como das representações encontradas na literatura sobre futebol e goleiros. A segunda parte desse capítulo, consiste em traçar uma linha cronológica sobre as relações de trabalho, iniciando pelos modelos criados na

segunda revolução industrial; avançando para a era do acesso; onde se percebem grandes modificações nas formas de trabalho, e finalizando na uberização, momento em que estamos vivenciando.

No terceiro capítulo, explica-se como funciona a plataforma do GDA, e descrevem-se os principais elementos que permitem entender sua singularidade, e também são apresentados os trabalhos acadêmicos já publicados sobre o tema.

No capítulo quatro, constam as decisões metodológicas adotadas para a produção do material empírico deste trabalho, que é de caráter qualitativo. Em seguida, informa-se qual foi o contexto e quais os critérios utilizados para selecionar os sujeitos da pesquisa. Também são apresentados os instrumentos utilizados para a obtenção de dados (entrevista semiestruturada) e a análise de dados (análise temática), além dos cuidados éticos.

No quinto capítulo, são feitas a análise e a interpretação dos dados gerados. Como propõe a análise temática, através dos códigos iniciais obtidos nas entrevistas, foi possível observar semelhanças nas respostas, e, a partir disso, criar três temas: “diversão remunerada: uma forma de diminuir os custos de jogar no gol”, “renda extra/fonte de sustento: uma forma de render como goleiro” e “vestindo a mesma camisa: a formação de um time só de goleiros”.

No sexto e último capítulo, constam as conclusões e os resultados, bem como as contribuições do estudo para a sociedade, além de levantar as limitações e os desdobramentos de possíveis novos estudos.

Nos elementos pós-textuais, constam a bibliografia utilizada, cinco apêndices e três anexos. Os Apêndices A e B correspondem a dois artigos escritos durante o processo de produção desta dissertação de Mestrado, que são citados mais diretamente no item 2.1.2 e capítulo 3, respectivamente. O artigo do Apêndice A está publicado na revista *Caderno de Educação Física e Esporte*, e o artigo do Apêndice B possui o aceite e deverá ser publicado em abril de 2022, na revista *Ciências do Trabalho*. O Apêndice C corresponde ao modelo de convite para entrevista enviado aos goleiros de aluguel. No Apêndice D, consta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e, no apêndice E, o Roteiro de Entrevista Semiestruturada.

No Anexo A, encontra-se o Parecer Consubstanciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP); no Anexo B, a autorização de emprego do nome do aplicativo Goleiro de Aluguel, e, no Anexo C, o aceite de publicação do artigo Goleiro de Aluguel.

2 MARCO TEÓRICO

É apresentado o marco teórico utilizado, justificando a escolha pelo uso da TRS, assim como das representações encontradas na literatura sobre futebol e goleiros.

2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Na medida em que a TRS ganhou força no desenvolvimento do estudo, tentou-se entender não apenas o modo como vinha sendo empregada, como também o enfoque que poderia ser mais adequado ao trabalho que viria a ser desenvolvido. Na falta de oportunidade de estudar de modo mais sistemático tal teorização antes do Mestrado, o trabalho de aproximação à TRS foi começado pelas “beiradas”, ou seja, pelas resenhas e/ou artigos de revisão encontrados. Essa primeira camada de literatura de “segunda mão” foi muito importante para a organização do projeto, pois permitiu mapear os modos de aplicação em pesquisas na área da Educação Física; as formas de abordagem; e os principais autores, e assim investir, posteriormente, na leitura mais substancial dos trabalhos considerados clássicos nessa área.

Nesse primeiro movimento de busca por materiais que articulassem TRS e Educação Física no GA, um artigo de revisão foi muito útil para o processo de enquadramento teórico: “A teoria das representações sociais nos estudos sobre representação de professores”, de Menin, Shimizu e Lima (2009). Nesse artigo de revisão, as autoras analisaram 27 teses de Doutorado e dissertações de Mestrado de programas brasileiros de Pós-graduação em Educação que usaram a TRS e foram defendidas no ano de 2004.

Esse levantamento foi feito com base em uma pergunta provocativa feita por Denise Jodelet, uma das mais importantes estudiosas da TRS, em uma conferência que proferiu em 2001, no Brasil, na qual dizia haver um grande número de pesquisas em nosso país que se baseavam na TRS, e que seria interessante e oportuno realizar uma análise dos resultados obtidos (MENIN; SHIMIZU; LIMA, 2009).

Menin, Shimizu e Lima (2009) estabeleceram alguns critérios para a análise dos trabalhos que fizeram parte daquele estudo: escolha do objeto de representação a ser investigado; pertinência do objeto de investigação ao conjunto de sujeitos;

escolha e descrição dos sujeitos; pertinência da revisão bibliográfica; descrição e pertinência dos procedimentos de coleta e do tratamento dos dados; exposição e coerência dos procedimentos de análises; e indicação das principais contribuições do estudo da TRS para a Educação.

Menin, Shimizu e Lima (2009) constataram que os autores mais utilizados para definir os conceitos da teoria foram Moscovici (2007) e Jodelet (2001), o que é um indicativo da relevância de ambos para todo e qualquer empreendimento investigativo que tenha a TRS como fundamento teórico. Além de mapear as principais referências teóricas utilizadas nas dissertações e teses selecionadas, o referido artigo de revisão ganha relevância pelo fato de ser também uma espécie de *checklist* dos principais elementos a serem considerados por quem pretende desenvolver uma pesquisa nessa perspectiva.

De acordo com o que as autoras apresentam, o primeiro passo, depois da definição do objeto de estudo, é a revisão de literatura para encontrar trabalhos que utilizam a TRS no tema em questão. No caso específico desta dissertação, a especificidade dos estudos com goleiros de aluguel remete ao recorte de estudos na interface com a Educação Física e o futebol.

Dos 27 trabalhos analisados por Menin, Shimizu e Lima (2009), destaca-se o estudo de Cunha (2004), cujo título é “Repensando a avaliação: As RS compartilhadas pelos professores de educação física”, pois se encontra diretamente relacionado com o campo da Educação Física, área na qual o tema deste estudo está inserido.

Após realizar uma busca em diversas bases de dados, concluiu-se que o trabalho de Cunha (2004) não está disponível *on-line*, mas, pelo que é possível depreender da revisão de Menin, Shimizu e Lima (2009), Cunha (2004) procurou descrever como se construiu o processo de avaliação na Educação Física, partindo das origens dessa componente curricular, enfatizando sua tradição mais biológica e técnica, até chegar à configuração atual, na qual a cultura corporal de movimento é tomada como objeto de estudo dessa disciplina na escola.

De acordo com as autoras, o trabalho de Cunha (2004) identifica as representações centrais de avaliação em Educação Física ligadas à saúde e à mensuração, e explica como essas ideias se relacionam a conceitos anteriores da disciplina pertencentes a uma noção biomédica de saúde e, também, de competição esportiva.

Outro trabalho de revisão importante para o presente estudo foi encontrado durante a busca, no GA, de textos que associassem TRS e futebol, com destaque para o seguinte: “Apropriação da teoria das representações sociais pelo campo acadêmico/científico da educação física no Brasil: O estado do conhecimento (2004-2016)”, de autoria de Sousa, Paula, Oliveira e Antunes (2018), publicado na revista *Pensar a Prática*.

Esses autores fizeram uma revisão de literatura acerca de trabalhos que utilizaram a TRS em seus estudos, dentro do campo da Educação Física, entre os anos de 2004 e 2016. Dos 11 trabalhos encontrados, de acordo com os critérios adotados pelos autores, destaca-se o trabalho de Valentin e Coelho (2005), cujo título é “Sobre as escolinhas de futebol: Processo civilizador e práticas pedagógicas”.

Valentin e Coelho (2005), em seu trabalho, dedicam-se a compreender e analisar os sentidos das representações sociais dos professores das escolinhas de futebol sobre suas práticas pedagógicas, no município de Presidente Prudente/SP. Os autores estabeleceram critérios para escolher os sujeitos da pesquisa; utilizaram entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados; e a análise de discurso para a análise, pautada pela linha teórico-metodológica das representações sociais e pela Sociologia configuracional.

Tanto na revisão de Menin, Shimizu e Lima (2009), quanto na de Sousa, Paula, Oliveira e Antunes (2018), é possível perceber que os principais autores de referência para quem usa a TRS são os seguintes: Serge Moscovici, psicólogo social romeno radicado na França, é autor, entre outras obras célebres, do livro “Representações sociais: Investigações em psicologia social”, publicado em português pela editora Vozes. Outra autora é Denise Jodelet, filósofa francesa, seguidora das ideias de Moscovici, e que, entre tantas obras, destaca-se “Representações sociais e mundos de vida”, uma coletânea que reúne os textos mais significativos produzidos pela autora sobre o tema entre os anos de 1982 e 2016.

Para dar uma ideia mais geral do trabalho do primeiro e mais citado autor da TRS, evidencia-se o trabalho de Neuza Batista dos Santos (2010), intitulado “Resenha do livro representações sociais: Investigações em psicologia social de Serge Moscovici”. A autora faz uma análise muito interessante sobre um dos principais livros de Moscovici, explicando, de forma compacta, mas ao mesmo tempo muito consistente, o que o autor buscou explicar em cada capítulo. Logo na introdução, a

autora relata que Moscovici contribuiu para a construção da perspectiva “europeia” de Psicologia, ao integrar o social, até então visto como objeto de estudo do campo da Sociologia; e o psicológico, objeto de estudo da Psicologia.

Outro aspecto importante salientado pela autora, da obra de Moscovici, é como ele relaciona a Ciência e os elementos do senso comum. Com esse intuito, traz uma passagem do livro em que o autor define que o senso comum é “a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem o qual nenhuma coletividade pode operar” (SANTOS, 2010, p. 3).

Para a autora, o pensamento de Moscovici transita entre dois universos que afetam a forma de pensar nas sociedades contemporâneas: os reificados, que estão relacionados aos conhecimentos comprovados através da ciência; e os consensuais, que são produzidos por meio do senso comum e das representações sociais que emergem da relação dos sujeitos envolvidos. Representações essas definidas como uma rede de ideias, metáforas e imagens sociais mais fluidas do que as teorias (SANTOS, 2010).

Outro trabalho que foi muito útil para entender os modos de usar a TRS em trabalhos acadêmicos foi o de Ribeiro e Rocha (2016), intitulado “História, abordagens, métodos e perspectivas da teoria das representações sociais”. Os autores fazem uma resenha da obra de Moliner e Guimelli (2015), que trata de refletir sobre a utilização da TRS em pesquisas, apontando limitações e possíveis novos investimentos após mais de 50 anos da formulação dessa teorização.

Logo no início do texto, Ribeiro e Rocha (2016) usam como exemplo o “Casamento para todos”, fenômeno que dividiu opiniões, na França, em meados dos anos 2000, que trata sobre ser a favor ou contra o casamento de pessoas do mesmo sexo. Nesse contexto, é possível analisar que uma mesma representação social pode ter diferentes faces: dependendo da posição do sujeito e do seu ponto de vista de ser a favor ou contra algum determinado assunto; revela a representação social que o mesmo tem sobre determinado objeto, incidindo diretamente na sua atitude diante das pessoas e na dinâmica de outras representações sociais.

A representação social então se mostra como uma ponte entre o mundo individual e o mundo coletivo, porém resguardam que elas não são produzidas pela sociedade em conjunto, mas, sim pelos produtos de grupos sociais que constituem essa sociedade. (RIBEIRO; ROCHA, 2016, p. 407).

Ribeiro e Rocha (2016) alertam que a TRS encontrou certa resistência e não se propagou tanto nos Estados Unidos da América (EUA), porém, em função dos contextos social, histórico e cultural, expandiu-se na América Latina, mais precisamente no México, na Argentina e no Brasil. Os autores sugerem quatro formas de abordagens teóricas das representações sociais: a abordagem sociogenética, vinculada aos trabalhos de Moscovici e Jodelet; a abordagem estrutural, que tem suas referências principais em Abric e Flament; a abordagem sociodinâmica, cujo autor principal é W. Doise; e a abordagem dialógica, com inspiração nos trabalhos de Ivana Markova.

Além de sugerir diferentes abordagens teóricas, Ribeiro e Rocha (2016, p. 408) também propõem metodologias consagradas e inovadoras no estudo das representações sociais, com o objetivo de vincular o tipo de sujeitos e de objeto de estudo a dadas metodologias.

É o caso da abordagem etnográfica em que o estudo de Denise Jodelet é tido como referência e que deve ser aplicada em populações homogêneas. Já a abordagem sociológica deve ser aplicada quando se quer estudar o impacto das variáveis sociodemográficas ou socioeconômicas sobre os conteúdos de uma RS. Outra abordagem metodológica é a intercultural que busca mostrar como as normas e as tradições são suscetíveis de impactar a representação de um dado objeto. A abordagem experimental finaliza esse hall e deve ser utilizada quando se quer estudar o impacto de uma ou mais variáveis sobre o funcionamento, a dinâmica ou a expressão de uma dada representação.

Ribeiro e Rocha (2016), defensores do estudo das representações sociais, descrevem três justificativas para a utilização da teoria. A primeira é que auxilia na compreensão das lógicas sociais em que a representação de um dado objeto justifica a lógica social de ação e posicionamento. A segunda aponta o poder de que, se conhecendo determinada representação social, torna mais fácil construir uma estratégia de comunicação; e a terceira vincula-se ao entendimento das orientações das trocas sociais e as mudanças de comportamento.

Em seu trabalho “Representações sociais do professor”, Marques e Musis (2016) apontam que as representações sociais estão em constante processo de transformação, e que são capazes de influenciar comportamentos; são criadas a partir de um contexto social, e não individualmente. Dessa forma, acabam circulando, propagando-se e ressignificando-se, surgindo novas representações, fazendo com que as antigas desapareçam.

Outros tantos trabalhos foram encontrados, contudo, bem mais distantes das temáticas diretamente ligadas a esta pesquisa. Apesar da escassez de materiais sobre a temática goleiro, essa primeira leitura não deixou dúvidas sobre a pertinência da TRS para este estudo de Mestrado, pois se trata de um referencial teórico-metodológico com solidez acadêmica suficiente para permitir compreender como a função de goleiro de futebol passa a ser modificada com a oferta de contratação de serviços de goleiro para peladas por meio de aplicativos.

Além da pertinência da temática, essa primeira camada de leitura levou ao mapeamento dos principais autores que dão sustentação à TRS mundo afora, mais especificamente Serge Moscovici e Denise Jodelet. Ambos são considerados fundamentais para o entendimento da TRS no campo das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, portanto, merecedores de um investimento na segunda camada de leitura e foram utilizados como base para a organização do trabalho.

A TRS emerge originalmente no âmbito da Psicologia Social, e mantém estreita proximidade com as áreas da Sociologia e da Antropologia. Sua origem está diretamente ligada ao conceito de representações coletivas, de Durkheim, que defendia que as representações individuais deveriam ser estudadas pela área da Psicologia, enquanto as representações coletivas formariam o objeto da Sociologia. Porém, Moscovici (2007, p. 13) propõe a utilização do termo “social” com o objetivo de enfatizar a qualidade dinâmica das representações, expondo que o processo de construção dos significados nasce das interações entre os sujeitos, em vez do caráter mais estático da teoria de Durkheim.

Não espere que eu jamais seja capaz de explicar a diferença entre “coletivo” e “social” [...] eu prefiro, contudo, usar apenas “social”, por que ela se refere a uma noção clara, aquela da sociedade, a uma ideia de diferenciação, de redes de pessoas e suas interações, (MOSCOVICI, 2007, p. 341-342, grifos no original).

É possível perceber que há certa indeterminação no uso dos conceitos de social e coletivo, que, para Moscovici, não é tão relevante, ao enfatizar que as representações são criadas e recriadas pela interação entre pessoas ou grupos. O que Moscovici (2007, p. 45) propõe é “considerar como um fenômeno o que era antes visto como um conceito”.

As representações sociais ocorrem quando um número grande de sujeitos se comunica e partilha de um mesmo significado; assim, não podem ser criadas por um indivíduo de forma isolada. Diferentemente das propostas de Durkheim, com as quais

Moscovici (2007, p. 41) dialoga para explicitar parte da sua teoria, as representações sociais estão em constante transformação, e

[...] uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

Para que esse fenômeno se configure como tal, é necessário que, além das interações entre os sujeitos, exista também um objeto. Celso Pereira de Sá (1998, p. 24), citado na introdução deste trabalho, relata que:

[...] a proposição teórica de que uma representação social é sempre de alguém (o sujeito) e de alguma coisa (o objeto). Não podemos falar em representação de alguma coisa sem especificar o sujeito – a população ou conjunto social – que mantém tal representação. Da mesma maneira, não faz sentido falar nas representações de um dado sujeito social sem especificar os objetos apresentados. Dizendo de outra maneira, na construção do objeto de pesquisa precisamos levar em conta simultaneamente o sujeito e o objeto da representação que queremos estudar.

Moscovici (2007, p. 34) defende que as representações possuem precisamente duas funções. Na primeira, convenciam os objetos, as pessoas ou os acontecimentos que encontram, de forma a criar um certo padrão e incluí-lo em determinada categoria, fazendo com que passe a ter uma forma definitiva.

Assim, nós passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação como decréscimo do valor do dinheiro. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado.

Na segunda função, o autor considera que “as representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma forma irresistível” (MOSCOVICI, 2007, p.36). O que ele quer dizer com isso é que, por exemplo, todo trajeto que um ser humano percorre, desde o seu nascimento, faz com que crie uma percepção sobre diferentes situações, e que, quando, mais tarde, ele se deparar com alguma situação semelhante, encontrará uma resposta já pronta, que o levará de volta à sua primeira infância.

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente,

reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente. (MOSCOVICI, 2007, p. 37).

Esses dois processos tornam possível esse mecanismo de produção de conhecimento, nomeado por Moscovici como ancoragem e objetivação.

O desconhecido é estranho para todos nós. É difícil nos mantermos tranquilos e à vontade com algo que não conhecemos. Para que exista, então, um equilíbrio, a tendência é que busquemos primeiramente uma aproximação, tornando o não familiar em familiar. Esse mecanismo de tentar reduzir o que nos é estranho e categorizá-lo a algo que nos soa mais familiar, é chamado, por Moscovici (2007, p. 60), de “ancoragem”, assim como um sujeito se sente instável e desconfortável, em meio a uma tempestade em alto-mar e lança uma âncora para estabilizar-se e tranquilizar-se.

A ideia é codificar o novo e tentar condicioná-lo a alguma categorização que já seja familiar; a algo que já tenhamos alguma vivência ou conhecimento prévio; pois, ao generalizar, reduzimos as distâncias. Seria como “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

No processo de objetivação, “o que era abstrato se torna concreto, pela transferência do que está na mente para algo que exista no mundo físico, ou seja, tornar o desconhecido conhecido” (MOSCOVICI, 2007, p. 60).

Para começar, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Temos apenas de comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal. (MOSCOVICI, 2007, p.71-72).

É importante mapear qual é o lugar que as representações sociais ocupam, em uma sociedade pensante. E, para isso, Moscovici (2007) propõe dois universos distintos: os reificados e os consensuais. O universo reificado envolve tudo o que compreendemos através da Ciência, e o universo consensual seria tratado por meio das representações sociais. Em outras palavras, o universo reificado busca relatar a realidade, independentemente de nossa consciência, além de possuir um estilo e uma

estrutura fria e abstrata, diferente do universo consensual, que é acessível a todos e variável, utilizando-se das representações sociais, do senso comum e da consciência coletiva.

Dependendo do contexto social em que o sujeito está inserido, um mesmo acontecimento pode ter representações sociais distintas. Moscovici (2007) usa o exemplo de um sujeito que está desempregado. Para alguns, o motivo é a falta de interesse em procurar trabalho, ou o fato de ser muito exigente em relação à remuneração, ou até mesmo falta de sorte. Nesse caso o desempregado é o culpado, dando a entender que os problemas sociais podem e devem ser resolvidos somente pelo indivíduo. Da mesma forma que, para outros, o desempregado é mais uma vítima do sistema capitalista. Nesse caso, a culpa não é do desempregado e, sim, de uma situação econômica e política, enfatizando a injustiça social e propondo soluções coletivas para problemas individuais.

Denise Jodelet (2001) deu continuidade aos estudos de Moscovici sobre a TRS e ampliou os métodos e as técnicas para o estudo das representações sociais. Seus principais estudos são na área da Saúde Mental e da Psicologia Social. Para demonstrar como se dá o processo de uma representação, ela explica como foi a aparição da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids). Logo que a doença surgiu, a Ciência não tinha informações concretas sobre sua natureza, assim, a mídia e as conversações depararam-se com algo estranho e desconhecido, fazendo com que as pessoas elaborassem “teorias”, apoiando-se somente nas poucas informações divulgadas na época.

As formas de transmissão da doença fizeram surgir duas vertentes de pensamento: uma, do tipo moral e social, e, outra, de tipo biológico. Na primeira, baseando-se nos preceitos religiosos, a Aids é vista como uma forma de punição para quem faz coisas erradas. Da mesma forma que um antigo combatente da guerra do Vietnã criou uma “teoria” na qual acreditava ser uma doença feita pelo homem, de forma a exterminar o indesejável. Jodelet (2001, p. 2) defende que esse combatente expressa “uma posição pessoal de vítima social marginalizada e que se apoia em um precedente histórico; o genocídio”.

Os sujeitos baseiam-se em algum conhecimento que já possuem, e o relacionam com o estranho, com o novo. Dessa forma, criam semelhanças e acabam

transformando o não familiar em familiar e tornando o desconhecido algo concreto, passível de ser um objeto de estudo.

A falta de informação faz com que crenças arcaicas ressurgam, como o perigo do contato corporal, um tema recorrente no discurso racista, que se utiliza de fatores biológicos para justificar a exclusão e o preconceito.

Assim, duas representações, uma moral e outra biológica, constroem-se para acolher um elemento novo [...] que se trata de uma função cognitiva importante da representação social. Estas se instalam sobre valores variáveis segundo os grupos sociais dos quais retiram suas significações, bem como sobre os saberes anteriores reativados por uma situação social particular. (JODELET, 2001, p. 4).

Após ir a campo estudar como pode ser socialmente representada a loucura, Denise Jodelet observa três particularidades da noção de representações sociais: a vitalidade, a transversalidade e a complexidade. Em relação à vitalidade, a autora explica que a TRS sofreu muitas críticas e, no início da sua criação, era pouco utilizada, e que somente alguns anos após ser trazida à luz na Psicologia Social, por Moscovici, começou a ser utilizada, e o que chamou a atenção não foi somente o número de publicações, mas a diversidade de países, as metodologias e os domínios nos quais ela é aplicada.

A transversalidade define-se pelo potencial que a TRS possui de pertencer a estudos de diferentes disciplinas; por estar inserida nas áreas psicológica e social. E a complexidade compreende essa forma que as representações sociais possuem de considerar o funcionamento cognitivo e do aparelho psíquico, e, ao mesmo tempo, compreende aspectos sociais, da interação entre os grupos, da linguagem e da comunicação (JODELET, 2001).

Em busca do conhecimento e de tornar as coisas mais familiares, a curiosidade faz com que o ser humano sempre queira saber o que tem a ver com o mundo que o cerca. E, para isso, Jodelet (2001, p. 1) justifica que:

É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porque construímos representações [...] por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la.

Ângela Arruda (2005, p. 233), uma das principais autoras brasileiras na área das representações sociais, ao falar sobre a interpretação, relata que:

[...] alcançar a representação social é um exercício de interpretação: a pesquisa visa exatamente a coleta de indícios e a sua sistematização pelo/a pesquisador/a para chegar a esta interpretação, que se faz apelando a vários recursos. Como antropólogo/a do mundo contemporâneo, trata-se de captar a versão que os/as nativos/as oferecem da sua realidade (em particular do objeto de estudo recortado pelo/a pesquisador/a), a partir dos referenciais do próprio grupo e do olhar de pesquisador/a apoiado/a na teoria [...] ou seja, por um lado, encarar esta produção como singular e própria daquele grupo. Por outro, saber que a coleção de dados que se obtêm e se processam não são ainda a representação social – ela surge da costura que só o olhar do/a pesquisador/a pode fazer.

A partir dos estudos de Moscovici sobre a TRS, foram desenvolvidas três abordagens teórico-metodológicas distintas, para estudar o fenômeno das representações sociais: a abordagem processual; a abordagem estrutural; e a abordagem societal.

A abordagem processual (ou cultural), fomentada por Denise Jodelet, que foi a principal responsável por manter atual a proposição original de Moscovici, sistematizando e divulgando a teoria, compreende as representações sociais como o estudo dos processos e dos produtos por meio dos quais os sujeitos e os grupos constroem e significam o mundo, integrando as dimensões sociais e culturais com a história.

[...] um estudo em Representações Sociais deve abarcar os discursos dos grupos que criam representações sociais de um dado objeto; os comportamentos e práticas sociais que se expressam nas RS; o exame dos documentos e registros que institucionalizam os discursos e práticas do grupo; e as interpretações a eles dados pelos meios de comunicação, os quais influenciam na manutenção e transformação das representações sociais. (ALMEIDA, 2005, p.128-129).

A abordagem estrutural, também chamada de Teoria do Núcleo Central, proposta por Jean-Claude Abric (1998) e seus colaboradores, debruça-se sobre os conteúdos das representações sociais e a forma como eles se organizam, que distingue elementos centrais e periféricos, do qual tiram importantes implicações do ponto de vista da estabilidade e mudança das representações, bem como de sua relação com a prática (JODELET, 2001).

Para Abric (1998), existe um núcleo central no qual a representação social se estrutura. Esse núcleo seria determinado pela natureza do objeto em estudo, pela

forma como o grupo se relaciona com ele, e pelo sistema de valores e normas sociais que compõem o meio ideológico vigente no momento. O núcleo central é o elemento mais estável da representação e, por isso, resistente às mudanças, mantendo a continuidade dos elementos da RS mesmo em contextos móveis e evolutivos.

Dessa forma, quaisquer modificações no núcleo central alteram a representação social. Além do núcleo central, existem os elementos periféricos, que são componentes mais acessíveis, dinâmicos e concretos da representação; integram as experiências cotidianas e são mais individualizados e localizados. De acordo com Abric (1998, p. 28), a representação “é um sistema de pré-codificação da realidade porque ela determina um conjunto de antecipações e expectativas”.

A abordagem societal, liderada por Willem Doise (2002, p. 68), defende que o estudo das representações sociais recorre a três hipóteses importantes:

A primeira hipótese postula que os diferentes membros de uma dada população partilham certas crenças comuns a propósito de um determinado objeto social; a segunda refere-se à natureza das diferenças e de tomadas de posição individuais em relação a um dado objeto de representação; a terceira considera as múltiplas ancoragens das tomadas de posição nas realidades coletivas.

O grupo de pesquisa, liderado por Doise, na Suíça, articula as RS com uma perspectiva mais sociológica, enfatizando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações. Nessa direção, é evidente o objetivo dessa abordagem em conectar o individual ao coletivo, de buscar a articulação de explicações de ordem individual com explicações de ordem societal, evidenciando que os processos de que os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interacionais, posicionais ou de valores e crenças gerais) (ALMEIDA, 2009).

Para Doise (2002, p. 67), “de forma muito geral, as representações sociais podem ser definidas como princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos”.

Arruda (2005, p. 5) defende que:

[...] a importância da interpretação na verdade não se aplica somente às representações sociais, pois se situa no âmbito das exigências da pesquisa em geral. Refere-se à necessidade de uma vez analisados os dados, voltar às proposições iniciais do trabalho: mostrar como e porque cumpriu ou não seu objetivo, e ao fazê-lo, no caso, explicar qual ou quais as representações sociais encontradas, por que, e os aspectos da teoria que estes resultados recuperam e/ou possibilitam avançar. Ou seja, se entendemos a

representação como uma tradução da realidade, mostrar de que tradução se trata, e por que ela é assim e não de outra forma. No caso da perspectiva estrutural, explicitar a lógica da estrutura encontrada, sua razão de ser – o que significa e o que justifica aquele núcleo central naquele grupo, e associado àqueles elementos periféricos, por exemplo. Na perspectiva processual, identificar como se elabora e organiza internamente a representação, não por meio da listagem de categorias ou da mera designação de processos – isto ancora naquilo – mas mostrando qual o desenho, a lógica interna, o princípio organizador da representação, e que relação isto estabelece com o mundo.

É nesse amplo e complexo cenário social da inter-relação entre fenômeno social, objeto e sujeito, que se insere a proposição teórica e metodológica da TRS. Desta forma, a teoria tem amplo alcance sobre os fenômenos na sociedade, o que suscita tentativas de sentidos baseadas no conhecimento construído pelo (s) grupo (s) ao (s) qual (is) pertencemos, a partir da teia das relações sociais, comunicacionais, cognitivas e afetivas (FÉLIX; ANDRADE; CORREIA; RIBEIRO; SANTOS, 2016).

2.1.1 No futebol

O futebol tem se mostrado um fenômeno de grande relevância sociocultural na sociedade contemporânea, e vem sendo vivenciado e se ressignificado a partir de sua apropriação pelos mais diversos grupos sociais. Pode-se dizer que o futebol possui um papel central dentro da nossa cultura, seja ele praticado de maneira lúdica, competitiva, ou profissionalmente.

Rodrigo Koch (2020), em seu livro intitulado *Futebolização: Identidades torcedoras da juventude pós-moderna*, mostra a importância do futebol no processo de construção de identidade dos jovens. O autor utiliza em seu trabalho o termo futebolização não apenas como um conceito que mobiliza as suas análises, mas também como um fenômeno que faz com que, por meio das vivências e do contexto sociocultural nas quais está inserido, o jovem construa identidades pautadas nesse universo tão singular no Brasil.

De acordo com Valentin e Coelho (2005, p. 1),

[...] a compreensão acerca das redes semânticas que organizam as representações sociais do futebol pode contribuir para um melhor entendimento sobre o papel que essa prática esportiva assume na construção dos estilos de vida e dos imaginários dos atores sociais que o manipulam simbolicamente num determinado contexto de práticas. Também entendemos que o acúmulo de estudos situados no âmbito das representações sociais do futebol contribuirá para criticar e validar os diferentes modelos e olhares sociológicos a partir da sua utilização, sob a

perspectiva de abordar problemáticas oriundas da relação “esporte x cotidiano”, e para a melhoria qualitativa da intervenção dos professores de Educação Física que se utilizam do futebol nas escolas, nos parques, nos sistemas públicos de lazer, em projetos sociais e nas escolinhas de futebol.

Valentin e Coelho (2005) apontam alguns atores no campo da Educação Física que trabalham também com a representação social, entre eles, Sebastião Votre, para quem a representação social se arquiteta por meio da interação de um sujeito social com algo, que pode ser um material, um objeto, uma pessoa, uma teoria, um fenômeno natural, uma prática esportiva, dentre outros. Votre (1998, p. 17-18), defende que “a construção do conhecimento da realidade esportiva está também vinculada à prática esportiva, à empiria das ações concretas no contexto da atividade física no campo esportivo”.

Roger Chartier é outro importante autor citado na obra de Valentin e Coelho (2005). Na visão desses autores, Chartier tem importante papel nos trabalhos que se valem da TRS, pois, especialmente por defender que, dependendo da realidade social, da localização e do momento histórico, os estudos sobre as representações sociais podem ser construídos e compreendidos de maneira diferente. Ou seja, essas representações sociais são interpretadas e determinadas de acordo com os interesses e pelas condições socioculturais desse grupo de atores sociais. Chartier (1990, p. 16-17) define representações como sendo “as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real”.

Fernando Campos (2006), em seu trabalho intitulado *O espaço de representação do futebol: Uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial*, propõe um diálogo entre a abordagem cultural em Geografia, a TRS e as formulações sobre o espaço de representação, para estudar o futebol como elemento sociocultural e espacial.

A partir do futebol é que os diferentes sujeitos se relacionam e produzem seus discursos e formulam as representações sociais, ou seja, toda a significação e identidade do futebol é criada.

De acordo com Campos (2006), a situação mais propícia para o surgimento, as modificações e circulações das representações sociais, é o encontro dos torcedores, seja ele no estádio, ou em espaços públicos, como bares e praças. Isso faz com que os elementos simbólicos do espaço de representação do futebol sejam

constantemente redefinidos, assim como os aspectos ligados à própria prática social do futebol, como os significados e formas de torcer (CAMPOS, 2006).

Campos (2006) também entende que existem fatores externos que modificam as representações sociais. Pode ocorrer de o torcedor sequer ter visto algum jogador em uma partida, porém, devido aos comentários de outros torcedores, ou de algum veículo da mídia, ele passa a elogiar ou criticar esse jogador. Nesse sentido, percebe-se a mídia como influenciadora e incorporadora de uma série de representações sociais, tanto positivas quanto negativas.

A entonação, a repetição do nome de um jogador, ou a interpretação de um lance, feita de forma equivocada por um narrador de rádio, pode criar representações sociais que nem sempre são verdadeiras, mas que, dependendo da situação, podem se tornar.

2.1.2 Do Goleiro

Nesta seção, são tratadas as representações sociais em relação ao goleiro. Julgou-se prudente utilizar mais de uma fonte de pesquisa, e foram escolhidos o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC) e o GA, como banco de dados prioritários. Utilizando os termos “teoria das representações sociais” e “goleiro”, não foi possível localizar nenhum trabalho. No entanto, foram encontrados diversos textos relacionados a goleiros, dentro de obras sobre futebol, ou em buscas isoladas, por meio da palavra goleiro, que nos permitem perceber como foi construída essa visão na literatura sobre essa função singular no mundo do futebol para que fosse possível localizar um momento anterior na forma de retratá-lo antes do surgimento de aplicativos como o do Goleiro de Aluguel.

No texto *Futebol, Camus e a solidão do goleiro*, Acácio Augusto (2008) define o goleiro como um sujeito solitário e utiliza o exemplo de Albert Camus, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1957, e foi goleiro da seleção universitária na época em que cursava graduação na França.

Acácio Augusto (2008) relata em seu texto que Camus teve sua aproximação com o futebol, e, em especial, com a função de goleiro, de uma forma inusitada. Por ser de família humilde, jogava como goleiro para não gastar as solas do sapato, pois levava broncas de sua avó, quando chegava em casa no final do dia, caso houvesse algum sinal de desgaste na sola do sapato.

O autor relata que Camus via a posição de goleiro como uma referência de solidão; como uma das funções mais solitárias entre aquelas que desempenhava; e

que, dada essa característica, havia aprendido, daquele espaço restrito e solitário reservado ao goleiro no futebol, a noção sobre responsabilidade e moral.

Acácio Augusto (2008) lembra de um velho ditado que diz que goleiro não pode falhar, e que, em segundos, pode ir do heroísmo ao fracasso. Diz também ser uma posição tão ingrata que na parte do campo onde ele pisa não nasce grama, tamanho é o isolamento e o distanciamento dos demais jogadores do time. Porém, reconhece a posição como importante função tática de orientar o time, pois vê e percebe o jogo de uma posição diferente dos demais.

Nascemos sozinhos e morremos sozinhos. Nesse percurso, podemos livremente nos associar, formar um bando, um time, uma malta. Há quem diga que a solidão é o fim, que ela é negativa, má. De fato, ela pode ser para quem assim a encara. Mas para quem foi goleiro, um solitário entre os dez em campo, não é difícil descobrir que ela é também loucura e liberdade. (AUGUSTO, 2008, p.7).

Em seu trabalho intitulado *Goleiros: Heróis e anti-heróis da camisa 1*”, Paulo Guilherme (2014) reproduz entrevista de um dos maiores goleiros de todos os tempos, Gylmar dos Santos Neves, em que ele alega que o goleiro vive uma solidão terrível e justifica dizendo que não tem nada a ver com os outros dez jogadores em campo, ganhando, dessa forma, um destaque multiplicado; ao fazer uma defesa, não cumpriu mais do que o seu dever, porém, uma pequena falha pode se transformar numa tragédia.

Outra entrevista que também é citada em seu trabalho, é a do ex-goleiro, e hoje técnico de futebol, Émerson Leão. Conta que o goleiro trabalha para que não ocorra o que todo mundo quer que aconteça: o gol. Relata que o goleiro joga para evitar o êxtase do torcedor adversário, e evidencia que é por isso que todo goleiro é um vencedor solitário, quando consegue atingir o seu intento, que é evitar que gols sejam marcados.

Percebemos, então, que a solidão do goleiro não se dá somente pelo fato de utilizar vestimentas diferentes e ter um regramento específico para sua atuação durante o jogo, mas também quando se torna protagonista, ao defender um pênalti, ou ao falhar em um lance decisivo na partida. Sobre essa figura, recai a responsabilidade quase que exclusiva pela vitória, no caso da defesa de uma penalidade máxima, ou pela derrota, no caso de uma falha em um gol decisivo.

Paulo Guilherme (2014), além de retomar o exemplo de Albert Camus citado anteriormente na obra de Acácio Augusto (2008), traz em seu texto diversos exemplos

de pessoas famosas que jogaram como goleiro de forma amadora: O papa João Paulo II; Ernesto Che Guevara; o Presidente Café Filho; Arthur Conan Doyle; e Júlio Iglesias.

Para elucidar o leitor a respeito da responsabilidade do goleiro, Paulo Guilherme (2014, p.16) traz uma frase dita pelo importante jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, quando argumenta que o goleiro “carrega nas costas o número um. Primeiro a receber, primeiro a pagar. O goleiro sempre tem culpa. E, se não tem paga do mesmo jeito”.

No livro *O goleiro e outros textos sobre futebol*, José Miguel Wisnik (2014), no capítulo intitulado O Goleiro, traz alguns aspectos relevantes nas mudanças do modo de jogar do goleiro. Wisnik (2014) argumenta que o goleiro é uma exceção do jogo, por poder tocar a bola com as mãos, diferente dos outros jogadores; e um solitário, por não poder correr livremente pelo campo e consumir o desejo maior do futebol, o gol. O autor ressalta que, de acordo com as regras do futebol, o goleiro pode, sim, correr pelo campo, porém não o faz, pois tem o dever de proteger o gol.

Quanto às questões técnica e tática, Wisnik (2014) conta que, nessa época, ocorreu uma mudança no posicionamento dos goleiros, que deixaram de ficar abaixo das traves e começaram a se posicionar mais à frente, por vezes, fora da área, fazendo com que o termo “arquero”, como se posicionassem sob o arco das traves, não fizesse mais tanto sentido.

O autor cita alguns exemplos de como os goleiros passaram a ser mais ousados, como o da corrida desesperada do goleiro da Tchecoslováquia, na Copa do Mundo de 1970; no quase gol do Pelé por cobertura; e o lance do goleiro Higuita, que, ao tentar driblar o atacante camaronês Roger Milla, perde a bola e sofre o gol, desclassificando, assim, a seleção da Colômbia da Copa do Mundo de 1990. O autor também lembra dos casos de goleiros que elevaram o goleiro à posição de artilheiro, como foram os casos do goleiro paraguaio Chilavert e do brasileiro Rogério Ceni, que eram exímios batedores de faltas e pênaltis. Além dos casos de desespero, quando o time precisa fazer um gol e, ao final do jogo, o goleiro acaba indo para a área adversária, com a intenção de fazer um gol de cabeça.

Na literatura pode-se perceber uma “romantizada” da posição do goleiro, retratada como uma função solitária, diante da licença poética encontrada na escassa literatura específica sobre o tema⁷, porém, se tomadas como referência as peladas de

⁷ Cabe destacar que a escassez referida é no âmbito da literatura pertinente à área das humanidades, que de algum modo dialogam com a TRS. Há muita literatura científica sobre a função do goleiro disponível sobre questão de ordem técnica, tática ou física, especialmente quando se lança a palavra-chave goleiro em

futebol, essa figura do goleiro solitário não encontra a mesma correspondência. De acordo com a experiência deste pesquisador no mundo das peladas, o goleiro ocupa uma função ingrata, assim considerada pela maioria dos peladeiros, e que pouquíssimos querem assumir, o que justifica o sucesso do goleiro de aluguel e a inexistência, até onde é sabido, de um aplicativo de jogador de linha de aluguel.

Geralmente, quem assume a “bronca” é aquela figura que possui poucos recursos técnicos; quem tem menos habilidade para jogar na linha e vai para o gol: o “pereba⁸”, o “gordinho”, o “desajeitado”, aquele que a “natureza marca” de “tão ruim que é”, mas que é boa gente, e está sempre com o grupo de amigos.

Quando não há nenhuma figura que se enquadre nesses perfis de goleiro de pelada, ou não se tem um goleiro de ofício, os jogadores de linha se revezam no gol, e esse revezamento pode ser feito por tempo determinado, ou quando o goleiro toma um gol. Se o revezamento ocorrer sempre que o goleiro tomar um gol, nessas situações, é comum vê-lo tomando o gol de propósito, prejudicando o próprio time, somente para voltar para a linha.

Há também grupos de pelada que definem o tempo de cada um no gol pela ordem de chegada no campo de jogo, e nesses casos, quando alguém chega muito atrasado, fica no gol o tempo proporcional aos minutos de atraso, algo que funciona como penalidade, pela falta de pontualidade. Em suma, circula uma ideia de tudo na pelada de futebol

No trabalho intitulado *Jogada ensaiada: Representações sociais da figura do goleiro no futebol brasileiro após Barbosa*, escrito em coautoria deste pesquisador com Felipe Breunig e meu orientador Alex Branco Fraga (2021), abordamos as representações sociais em torno do papel do goleiro no contexto do futebol brasileiro, mais especificamente o que foi produzido ao longo dos anos sobre a falha do goleiro Barbosa, visto como o principal culpado pela derrota brasileira na final da Copa do Mundo de 1950.

Foi possível concluir que, desde esse episódio, no Brasil, construiu-se uma representação de fundo racista sobre a confiabilidade de goleiros negros, assim como uma exacerbada valorização de goleiros estrangeiros.

[...] o simbolismo construído em torno do discurso produzido pela mídia sobre Barbosa, a partir da final da Copa do Mundo de 1950, influenciou a formação

repositórios como o Google Acadêmico. Contudo, como fazem parte de outro tipo de pesquisa, em sua maioria de vertente quantitativa, não foram incluídos nesta pesquisa.

⁸ Apelido dado ao jogador com pouca ou nenhuma qualidade técnica.

de representações sociais da figura do goleiro no cenário futebolístico nacional. Tais representações não foram incorporadas apenas por torcedores, mas também por profissionais, visto que suas repercussões perpassaram o campo do imaginário e do simbólico, vindo a constituir-se em uma realidade objetiva. (BREUNIG; OLIVEIRA; FRAGA, 2021, p. 104).

O estudo citado foi publicado em 2021, no *Caderno de Educação Física e Esporte*, e sua reprodução está disponível no Apêndice A do presente trabalho. Esses textos, servirão de base para compreender de que modo os sujeitos que atuam no aplicativo GDA vão construindo, por meio dessa plataforma digital, representações sociais sobre essa posição singular no mundo do futebol.

2.2 A ERA DAS PLATAFORMAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

2.2.1 As mudanças no mundo do trabalho

O GDA é mais um entre tantos aplicativos da concorrida e predadora economia compartilhada (MORAES; OLIVEIRA; ACCORSI, 2019), também conhecida como economia de aplicativos (MANDEL, 2017) ou *gig economy* (ABÍLIO, 2020). Para situar de modo panorâmico essa radical alteração no mundo do trabalho, destacam-se algumas mudanças na forma da organização da produção e do consumo no decorrer da história. Se voltarmos ao início do século 20, no processo de industrialização norte-americana, é possível visualizar um grande aumento na utilização das máquinas nos processos de produção e uma busca por melhor aproveitamento e rendimento dos homens.

Nessa época, em 1911, o engenheiro Frederick Wislow Taylor mostra ao mundo sua mais importante obra intitulada *Princípios da administração científica*. Silva e Santos (2014, p. 129), em sua obra intitulada *Recursos escassos, necessidades ilimitadas*, explicam que, logo no início de sua obra, Taylor define que “o principal objetivo da administração deve ser o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado”.

Percebe-se, assim, que, mesmo se importando com a produção e a redução de desperdícios, Taylor estava também preocupado com o bem-estar dos empregados. E acreditava que, se os empregados estivessem felizes, poderiam render mais no trabalho.

Apolinário (2016), em seu texto *A racionalização taylorista da produção e do trabalho*, traz importantes contribuições sobre o taylorismo, e destaca que a produção aumentou consideravelmente, e o operário que carregava 12 toneladas de ferro, por dia, passou a carregar 47 toneladas.

A redução do número de trabalhadores pode ser boa para aumentar os lucros da empresa, porém, faz crescer o número de desempregados, o que é ruim para a sociedade como um todo. E para o trabalhador, que acaba carregando quase quatro vezes mais material do que antes, sem nenhum acréscimo no próprio salário. Outra crítica feita ao taylorismo é que

[...] o significativo aumento de produtividade é auferido a partir de uma lógica técnica que ignora os aspectos humanos, psicológicos, fisiológicos e as condições de trabalho. Logo, a este rol de vantagens da racionalização taylorista se soma um conjunto de críticas, tais como a intensa burocratização, a alienação da produção, a fragmentação do operário, dentre outras. (APOLINÁRIO, 2016, p. 37).

Tendo como princípio as ideias de Talyor, porém visando aperfeiçoá-las, Henry Ford revoluciona a indústria, ao introduzir um novo sistema de produção em massa. Ribeiro (2015), em seu trabalho intitulado *Taylorismo, fordismo e toyotismo*, explica que a novidade implementada por Ford foi a introdução da esteira rolante, fazendo com que o trabalhador permaneça em posição fixa e o trabalho chegue até ela, gerando assim maior produtividade. Ribeiro (2015, p. 68) relata que

[...] a implementação do fordismo não significou apenas um novo modo de organização racional do trabalho e da produção, mas também a constituição de um novo modo de vida. Do mesmo modo que os princípios do taylorismo caminhavam em direção ao controle do trabalho, também o fordismo tinha como seu fundamento o controle do processo de trabalho. Mais do que uma ruptura, o fordismo representou a continuidade e intensificação do processo de controle da força de trabalho viva que já havia iniciado com o taylorismo. No entanto, apesar do fordismo incorporar elementos do taylorismo na sua dinâmica, é possível estabelecer diferenças fundamentais entre ambos.

Com a implementação da esteira rolante no chão de fábrica, o processo de produção tornou-se muito mais automatizado, rápido e intenso. Uma esteira rolante, como as que existem nos aeroportos, levam a imaginar algo que existe para facilitar o deslocamento e poupar esforços, porém, de acordo com Ribeiro (2015), a lógica no setor industrial era racionalizar a organização do trabalho para acelerar o processo de produção, fazendo com que o ritmo tão sonhado por Taylor fosse controlado, gerando um trabalho extremamente extenuante para os trabalhadores.

Em relação ao perfil dos trabalhadores, Ribeiro (2015, p. 406) utiliza uma fala de Gramsci para destacar que o modelo fordista, diferente das outras indústrias, exigia um tipo de qualificação específica, que provocava no operário um desgaste maior e uma “quantidade de força consumida no mesmo tempo médio mais onerosa e extenuante do que as outras empresas”, e que o salário recebido nem sempre era proporcional a esse modelo de trabalho.

Com o intuito de fiscalizar e preocupado com a vida pessoal de seus operários fora das fábricas, Ribeiro (2015) comenta que a Ford criou uma brigada de agentes. O chamado evangelho fordista, contendo um conjunto de princípios, passa a ser utilizado para disseminar e condicionar o modo de vida dos trabalhadores, fazendo assim com que tenham mais energia para o trabalho.

Após a Primeira Guerra Mundial, com o continente europeu reestruturando-se, conseqüentemente, passou a comprar menos dos EUA; porém, a superprodução da Ford continuava a crescer cada vez mais, fazendo com que cada vez acumulasse mais carros no estoque. Essa situação, somada a outros fatores, fez com que, no ano de 1929, se instaurasse uma grande crise nos EUA, que ficou conhecida como a Crise de 1929.

Em seu livro intitulado *Toyotismo, novas qualificações e empregabilidade*, Giovanni Alves (2003) utiliza-se do pensamento de Harvey para explicar como se iniciou o toyotismo. Com a crise do capitalismo dos anos 1980, o poder de compra dos países capitalistas diminuiu consideravelmente, fazendo com que as fábricas ficassem com seu estoque cheio, dando espaço assim para o sistema toyotista que, através da acumulação flexível, se disseminou pelo mundo capitalista nas décadas de 1980 e 1990.

Ribeiro (2015) defende que o *just-in-time* – produzir no tempo certo na quantidade exata –; o *kanban* – placas ou senhas de comando para reposição de peças e estoques –; e os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ) – envolvimento dos trabalhadores para a melhoria na produção –, são formas de eliminar os tempos ociosos da produção. A autora relata que a utilização do seu saber e sua iniciativa no processo de trabalho em equipe, é uma forma de expropriação do saber do trabalhador.

Sobre o perfil do operário para o modelo toyotista, e as habilidades e competências necessárias para o desempenho de sua função, Ana Teixeira (1998, p.

177), em seu artigo “Trabalho, Tecnologia e Educação”, observa algumas importantes mudanças em relação ao modelo fordista:

Essa mudança poderia ser sintetizada como perda de importância das habilidades manuais em favor das habilidades cognitivas (leitura e interpretação dos dados formalizados; lógica funcional e sistêmica; abstração; dedução estatística; expressão oral, escrita e visual) e comportamentais (responsabilidade, lealdade e comprometimento; capacidade de argumentação; capacidade para trabalho em equipe; capacidade para iniciativa e autonomia; habilidade para negociação). Essas novas qualificações poderiam ser organizadas em três grandes grupos: novos conhecimentos práticos e teóricos; capacidade de abstração, decisão e comunicação; e qualidades relativas à responsabilidade, atenção e interesse pelo trabalho.

Para Ribeiro (2015), ficam evidentes os desafios que o modelo toyotista, gerado pela crise do capitalismo, coloca para o mundo e os trabalhadores. O autor alerta que a busca para vencer esses desafios traz novos paradigmas que não se resumem apenas ao mundo do trabalho, mas surgem da relação do homem com o planeta e suas questões culturais e sociais.

2.2.2 A Era do Acesso

Nesta seção, apontam-se as mudanças que começaram a ocorrer no final do século passado e que até hoje continuam transformando a forma como o mundo do trabalho funciona. Para isso, foi utilizada a obra de Jeremy Rifkin (2001), intitulada *A era do acesso*, na qual o autor aponta diversos fatores que são importantes para a compreensão da forma como passamos da ênfase na propriedade como meio de sustentação de poder na sociedade capitalista para a capacidade de negociar acessos em rede.

Com o decorrer dos anos, a tendência é que as coisas se modifiquem e é esperado que melhorem, e, com o mercado de trabalho, não é diferente. Pode-se perceber que a forma de ter controle e manter o monopólio no mercado de trabalho mudou, durante o século passado. De acordo com Rifkin (2001), a riqueza encontra-se na criatividade humana e na imaginação, e não mais no capital físico.

O autor nos leva a uma reflexão sobre a valorização do capital intelectual, relatando que, na era dos mercados, quem acumulava o capital físico eram os que exerciam o controle sobre a troca de bens, porém, na era das redes, de acordo com

Rifkin (2001, p. 56), “os provedores que acumulam valioso capital intelectual, começam a exercer controle sobre as condições e termos em que os usuários garantem o acesso às ideias, conhecimentos e técnicas especializadas que são decisivas”.

A força física tem sido cada vez menos valorizada, e a capacidade intelectual das pessoas, aliada ao uso de máquinas, cria um cenário diferente para o trabalhador. Rifkin (2001) explica que, na era industrial, o trabalhador deveria produzir bens e realizar serviços básicos, na maioria das vezes braçais. Na era do acesso, a inteligência artificial está tomando conta do mercado, e os maquinários inteligentes estão substituindo o trabalho humano, através de *softwares* (programas) e *wetwares* (máquinas) que estão substituindo o trabalho humano, principalmente no setor da agricultura. O autor acredita que a tecnologia que substituirá o trabalho humano será mais barata do que os trabalhadores mais baratos do mundo, e faz uma projeção de que

[...] a norma em quase todos os países será que fazendas, fábricas e escritórios operem com quase nenhuma força de trabalho. Haverá novas oportunidades de emprego, para a maioria, mas na esfera comercial do trabalho cultural remunerado. Cada vez mais a vida pessoal se tornará uma experiência paga, milhões de pessoas terão empregos na esfera comercial que atendem às necessidades e desejos culturais. (RIFKIN, 2001, p. 20).

Em 2001, Rifkin falava sobre as mudanças ocorridas com a globalização, porém, naquela época, era somente uma minoria que possuía acesso às novas tecnologias, e a maioria da população continuava tendo de utilizar sua força física como trabalho. O autor relata que o abismo de gerações é acompanhado por enormes diferenças sociais e econômicas.

Em seu estudo publicado em 2001, calculou que apenas um quinto da população estava migrando para o espaço virtual, e que o restante da população mundial continuava presa em um mundo de escassez física. A camada mais prejudicada da sociedade, que luta diariamente por sua sobrevivência; buscando um lugar para viver; sobrevive isolada desse mundo tecnológico e virtual. Naquela época, mais da metade dos seres humanos não havia sequer, uma vez, usado um telefone.

Realçando ainda mais essa enorme diferença entre classes, Rifkin (2001) toca em um ponto extremamente importante, ao comparar classes de capital financeiro

com capital virtual, explicando que essa disparidade pode gerar grandes problemas. O autor comenta que é enorme a distância entre quem possui bens e quem não possui, mas, se tratando de conectados e desconectados, essa distância é muito maior. A exclusão digital será um momento decisivo na história, pois o autor explica que a comunicação é primordial ao ser humano, e quando isso deixar de acontecer, a questão do acesso assumirá uma importância política de proporções históricas.

Nota-se, então, que uma das principais modificações do mundo do trabalho na atualidade é a troca do espaço físico pelo espaço virtual, e se relacionarmos com a citação anterior, percebe-se que só terá espaço no mercado de trabalho quem estiver “conectado”. Pode-se perceber uma aceleração nesse processo, no momento atual, em função da Covid-19. Rifkin (2001) relata que as novas transações comerciais serão realizadas por meio eletrônico, e alerta que essa mudança na organização humana deve ser bem compreendida, pois afetará diretamente a natureza da percepção e das relações entre os seres humanos.

A certa altura do seu livro, Rifkin (2001, p. 40) cita o exemplo da indústria cinematográfica de Hollywood, e de como teve que reformular o seu modelo organizacional, em função da demanda da época. Conta que as indústrias cinematográficas baseadas no modelo fordista de produção em massa, viram seus lucros diminuir consideravelmente, pois a população passou, cada vez mais, a adquirir televisões.

Percebendo que não poderiam competir com o sucesso de um ambiente livre, os grandes diretores optaram por produzir um número reduzido de filmes, porém, que fossem únicos e mais divertidos, capazes de competir pela atenção dos telespectadores. Esses filmes foram chamados de sucessos de bilheteria, e a indústria cinematográfica parou com a produção em massa e começou uma produção individualizada.

Por não se tratar mais de produção em massa, e cada filme possuir suas particularidades, o custo para a produção de cada filme também aumentou, gerando um risco maior para as indústrias, pois se não alcançassem o sucesso esperado, teriam prejuízo. Aí então é que surge uma nova forma organizacional das empresas, chamada terceirização, ou externalização, assim justificada por Rifkin (2001, p. 70): “na economia de rede emergente, a externalização [terceirização] está quase se tornando uma religião”.

O autor conta que os grandes estúdios não mantêm grandes equipes e atuam como investidores financeiros, fornecendo o dinheiro inicial aos produtores independentes e retendo os direitos de distribuição do produto final. Ao invés de produzir tudo, o estúdio contrata empresas produtoras especializadas e autônomas, cada uma especialista em sua área, e, juntas, formam uma empresa em rede de curta duração, cuja vida é limitada ao tempo do projeto. Dessa forma, os custos gerais de mão de obra são reduzidos ao mínimo e são utilizadas as habilidades necessárias, ou contratados serviços específicos completos.

Assim, a já citada substituição da força física pela capacidade intelectual, e partindo da lógica de externalização e redução de custos, possuir bens e imóveis não é mais sinônimo de uma empresa bem-sucedida. Rifkin (2001) salienta que ter imóveis comerciais, antes considerado sinônimo de empresa bem-sucedida, na era do acesso, aparece, em alguns setores, cada vez menos necessários e, muitas vezes, vistos como um obstáculo para o lucro.

Da mesma forma como acontece no meio imobiliário, ocorre também com a moeda física, que está cada vez mais desaparecendo, com muitas transações ocorrendo virtualmente, e as pessoas, que antes guardavam suas fortunas debaixo do colchão, passam agora a acumular suas riquezas em poupança ou investimento. Assim sendo, Rifkin (2001) calcula que, à época em que escreveu o livro, menos de 10% de todo o dinheiro do mundo era físico, e que a maioria do dinheiro mundial encontra-se de maneira virtual.

O autor projeta que, dentro de mais ou menos 25 anos, a moeda na forma física será considerada raridade, e, em 2020, suas projeções parecem se confirmar, com a chegada do sistema de pagamento instantâneo Pix implantado pelo Banco Central do Brasil, exatamente com o objetivo de diminuir a moeda circulante, deixando para trás uma era de atividade econômica de natureza mais física e material.

Uma mudança mais profunda acompanha a desmaterialização da propriedade e do dinheiro: a corrida para reduzir espaços de trabalho, eliminar estoques, se livrar do capital imobiliário e o desaparecimento da poupança pessoal. O próprio capital físico, o tipo de propriedade mais importante no sistema capitalista e a fonte sobre a qual toda a construção desse sistema foi construída, provavelmente será eclipsado e relegado a um papel secundário em muitas indústrias. (RIFKIN, 2001, p. 64).

Aquela ideia de que, para ter uma empresa de sucesso era necessário ter mão de obra assalariada; espaços físicos; frota de automóveis; e dinheiro em espécie, ficou para trás, e o que passa a importar é a força e o impacto que a marca da empresa causa. Rifkin (2001) relata que, na economia de rede, são comercializadas as ideias e imagens. Se o mercado industrial, inicialmente, se caracterizava pelo comércio e troca de coisas, na nova economia de rede, é caracterizado pelo acesso aos conceitos que as diferentes formas físicas carregam consigo, ou seja, a forma física que essas ideias e imagens assumem torna-se cada vez mais secundária ao processo econômico.

Para exemplificar, Rifkin (2001) utiliza o exemplo da empresa Nike, que classifica como uma empresa virtual. Por mais que a população mundial a veja como fabricante de materiais esportivos, na verdade, é um estúdio de pesquisa e *design*, com uma fórmula de *marketing* e distribuição altamente elaborada. Mesmo pioneira e maior fabricante mundial de calçados esportivos, a empresa não possui fábricas, nem máquinas. Os produtos são produzidos no sudeste asiático, por uma ampla rede de provedores, denominados por eles de “parceiros de produção”.

Porém, por trás disso tudo, existe um grande problema. A forma como é feita essa terceirização no sistema de produção e a busca por redução de custos, faz com que esses produtos sejam produzidos de forma precária e exploratória.

Rifkin (2001, p. 74) alerta que:

A Nike vende conceitos. A empresa estabelece contratos com fabricantes anônimas do sudeste da Ásia para produzir a forma física de seus conceitos. Esta nova forma de fazer negócios com estilo rede, enfatizando o fato de que provedores não identificados são aqueles que realmente produzem produtos físicos, em certas ocasiões pode assumir a exploração dos trabalhadores. A Nike é um dos casos virtuais de "fabricante" que foram envolvidos em litígios, boicotes e condenações públicas por práticas trabalhistas injustas. Recentemente, protestos de trabalhadores de fábricas contratadas no exterior têm se refletido em reportagens na imprensa que apontam a extensão dos abusos físicos e sexuais a que estão sujeitos esses trabalhadores, as condições desumanas de trabalho, em ambientes com alto risco de acidentes de trabalho, baixos salários e sistema de cotas na contratação de pessoal. Mais de 450.000 trabalhadores asiáticos produzem os famosos modelos de calçados da Nike.

A ideia de produção em massa mostra-se ultrapassada e dá espaço para um modelo em que o cliente é fidelizado e continue a utilizar os produtos ou serviços por um longo tempo. Rifkin (2001) mostra isso ao dizer que as empresas estão revolucionando seus projetos de produtos. Em vez de pensar em produtos fixos, com

características específicas, os produtos passam a ser entendidos como “plataformas”, que são suscetíveis a melhorias e que vão produzir valor agregado. A plataforma passa a ser um “receptor” e são comercializados os serviços e as atualizações contínuas do produto. Em certo sentido, “o produto se torna um fator de produção que serve para fazer negócios em vez de ser ela própria um item à venda” (RIFKIN, 2001, p.123).

Além de pensar em diminuir os custos de produção através das alternativas citadas, é necessário que conste, no planejamento das grandes empresas se os produtos ou serviços que oferecem estão de acordo com a necessidade do público-alvo e em conformidade com as tendências do mercado. Partindo desse pressuposto, Rifkin (2001) cita o exemplo da Enciclopédia Britânica.

O autor conta que, na época em que escreveu o livro, uma coleção completa da Enciclopédia Britânica, de 32 volumes, custava US\$ 1.600 e era vista como importante investimento, na maioria das famílias americanas. Bill Gates sugeriu criar uma versão digital dessa enciclopédia, que prontamente foi rejeitada pela empresa, alegando que iria reduzir a venda de sua versão impressa.

Não contente, Gates comprou outra enciclopédia, que, combinando com seu conteúdo áudio visual, criou a *Encarta*, conhecida enciclopédia digital, e colocou à venda por US\$ 49,95. Além do valor mais baixo, por se tratar de um produto digital, a *Encarta* poderia ser atualizada e melhorada continuamente. Isso fez com que, em menos de um ano e meio, se tornasse a enciclopédia mais vendida do mundo, além de fazer com que a Enciclopédia Britânica também passasse a disponibilizar uma versão digital.

Para resumir de que forma se dá esse novo processo de relação entre o fornecedor e o cliente, Rifkin (2001) relata que os agentes de *marketing* atuam como intermediários, gerenciando o fluxo de informações pertinentes entre a economia global e os clientes consumidores finais. Esses agentes têm a função de manter e expandir o relacionamento com o cliente com estratégias diferenciadas.

2.2.3 Uberização

Pode-se dizer que Rifkin (2001) previu a era do acesso que estamos vivenciando, na qual um novo modelo de operacionalização do capitalismo emerge;

em que o trabalhador não é mais aquele que opera de maneira formal com garantias trabalhistas, mas passa a ser o trabalhador *just-in-time*, que, em tradução livre para o português, seria algo como o “trabalhador sob medida”. Esse novo modelo requer um trabalhador apto a atender às demandas e, mais recentemente, por intermédio de aplicativos que fazem a conexão entre o prestador de serviço e o consumidor final, esse trabalhador requisitado para atividades pontuais é fundamental.

Dentro dessa modalidade, existem aqueles que dependem exclusivamente desse meio, como forma de sustento, e outros que o fazem como complemento de renda. Em seu trabalho, Abílio (2020), cita uma notícia veiculada no jornal *Estadão* de que, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita no início de 2019, 3,8 milhões de brasileiros mantinham algum trabalho por aplicativo como fonte principal de renda, e pesquisa realizada pelo Instituto de Locomotiva divulga que pelo menos 17 milhões de pessoas tinham regularmente algum rendimento obtido através do trabalho por aplicativo, no Brasil.

Esses números indicam quanto essa nova forma de trabalho, que se convencionou chamar de “uberização”, vem crescendo de forma rápida, em nosso país. Abílio (2020) alerta que a uberização do trabalho é uma nova tendência mundial, que engloba diferentes setores da economia, níveis de qualificação, rendimento e condições de trabalho. Assim como o termo toyotismo surgiu em função de uma mudança no modo de produção propiciado pela empresa de automóveis Toyota, o termo uberização surge em alusão à empresa americana Uber, que alterou profundamente a prestação de serviços de transporte.

Contudo, assim como ocorreu com o termo toyotismo, a uberização não se restringe e nem mesmo se inicia com a empresa Uber. A alusão à empresa se deve à visibilidade mundial que adquiriu na implementação em larga escala dessa nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho. Assim, acabou redefinindo as relações de trabalho, ao acentuar a informalização, a flexibilização, a terceirização e a intensificação do trabalho.

Abílio (2020) dedicou 10 anos de pesquisa empírica com revendedoras de cosméticos e entregadores motociclistas para estudar o tema da uberização. Mesmo que há 10 anos atrás o termo não fosse ainda mencionado, ao se tratar das revendedoras de cosméticos, a autora pôde analisar que naquela ocupação tipicamente feminina, socialmente invisível, já era possível identificar elementos

centrais que se assemelham ao modelo da uberização, como a flexibilização do trabalho, indistinções sobre o que é e não é tempo de trabalho, e entre o que é e não é trabalho. A autora cita que

a uberização refere-se às regulações estatais e ao papel ativo do Estado na eliminação de direitos, de mediações e controles publicamente constituídos; resulta da flexibilização do trabalho, aqui compreendida como essa eliminação de freios legais à exploração do trabalho, que envolve a legitimação, legalização e banalização da transferência de custos e riscos ao trabalhador. Por essa perspectiva, ela se conecta ao direito como um campo em movimento, de disputas permanentes em torno das regulações que materializam os conflitos, as assimetrias e desigualdades, e as vitoriosas legitimidades que os envolvem. (ABÍLIO, 2020, p.112).

Para deixar de ter obrigações trabalhistas com seus funcionários, o sistema *just-in-time* faz com que as grandes empresas consigam oferecer o mesmo serviço que antes, porém, de uma maneira mais benéfica e com menos custos para elas. Abílio (2020) explica que estamos passando por um processo de mudança e a tendência é que o trabalhador se torne autônomo; seja gerente de si mesmo; esteja permanentemente disponível para o trabalho, sem ter qualquer garantia ou proteção trabalhista; assim como desconhecer sua real remuneração e carga horária.

Em sua defesa, a principal alegação das grandes empresas é de que não possuem vínculo empregatício com o trabalhador, pois eles não cobram exclusividade, e o usuário pode determinar sua própria jornada de trabalho.

Podemos olhar para essa suposta autonomia por uma perspectiva inversa: a ausência de qualquer garantia ou obrigação por parte das empresas quanto à remuneração e à carga de trabalho oferecida vem obrigando o trabalhador a exercer jornadas extensas, a abolir dias de descanso, além de ter de aderir a mais de uma empresa-aplicativo para poder garantir sua remuneração – ao passo que o poder de definir o valor da remuneração, a distribuição do trabalho, as regras e critérios de distribuição e remuneração é de total propriedade das empresas. O trabalhador passa a ter seu trabalho utilizado e remunerado na exata medida da demanda. (ABÍLIO, 2020, p. 116).

Outro problema evidente, nessa forma de trabalho, é que, por vezes, o trabalhador acaba recebendo por menos da metade das horas que trabalhou no dia, pois, de acordo com Abílio (2020), ficar 18 horas por dia na rua, não significa 18 horas de trabalho remunerado. Nessa modalidade de trabalhador *just-in-time*, significa que

se estiver disponível, pode ser imediatamente utilizado, mas o trabalhador será remunerado unicamente pelo que produz.

No caso do trabalhador uberizado motofretista, ele deve ser capaz de estabelecer estratégias para garantir sua maior remuneração, como: definir o melhor horário de trabalho, de acordo com a demanda de entrega; decidir se vai para casa descansar, ou estender a sua jornada em busca de um bônus, que poderá ou não alcançar; trabalhar ou não em dias de chuva, quando o risco é maior, porém a remuneração também; escolher em qual área da cidade vai trabalhar. Além de que todas essas estratégias devem levar em conta as regras do jogo, que podem ser alteradas a qualquer momento, pois quem detém o poder de definir a demanda é a empresa, que opera através de um gerenciamento de algoritmo.

Um aspecto importante de se analisar é que, por não se tratar de um emprego formal, segundo as normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o trabalhador não pode ser demitido. Porém, os aplicativos possuem uma inteligência artificial, que se chama gerenciamento algorítmico, que faz com que, de acordo com as suas ações, o aplicativo toma um direcionamento, que nem sempre é benéfico ao trabalhador.

Por não possuir vínculo empregatício, os trabalhadores uberizados não podem ser demitidos. E para fazerem parte da rede e serem “contratados”, o processo de adesão geralmente é bem simples, pois basta aceitar os termos impostos ao baixar o aplicativo no celular e cumprir os requisitos mínimos; praticamente todos sem qualquer contato pessoal com os funcionários da plataforma.

É interessante analisar que esse gerenciamento é feito de acordo com a demanda, sem nenhum aviso prévio, exclusivamente visando obter mais lucro para a empresa. Abílio (2020, p. 119) alerta que esse gerenciamento algoritmo é perigoso, pois opera sem regras formalmente definidas do trabalho, deixando, assim, o jogo nas mãos da empresa. O gerenciamento mira na intensificação e extensão do tempo de trabalho que, de acordo com a autora, regula “soberanamente oferta e procura, por meio de regras permanentemente cambiantes que se retroalimentam da atividade da multidão”.

Para ilustrar o que foi antes colocado, Abílio (2020, p. 117) traz em seu trabalho o depoimento de um motoboy de 39 anos, que trabalha há 15 anos nessa profissão:

[...] se o tempo estiver chuvoso, igual hoje de manhã, eles mandam mensagem 9 horas: 'das 10h até as 13h, fazendo 8 pedidos *delivery* você ganha mais R\$50'. Se você não fizer você não ganha o bônus [...] eu, você e outro motoboy estamos trabalhando lá, são 8 pedidos, eu e você fizemos 7, o outro motoboy fez 4. Para quem eles vão jogar a entrega? Para o outro motoboy.

Então, por mais que pareça que o trabalhador uberizado não possui vínculo nenhum, por ter autonomia de trabalhar a hora que quiser, e não tenha exclusividade com nenhum aplicativo, esse gerenciamento algorítmico faz com que tenha cada vez menos autonomia sobre seu modo de trabalho e seja cada vez mais subordinado. Abílio (2020) explica que o gerenciamento algorítmico pode cruzar e administrar diversos dados em tempo real, de forma que consegue visualizar a atividade dos trabalhadores, e, ao mesmo tempo, interpretar suas decisões e estratégias individuais para novas definições e procedimentos.

Dia de chuva, variação do valor da entrega, distribuição no tempo e no espaço, período do dia, oferta de trabalhadores, nível da demanda, tarefas cumpridas por cada trabalhador, são todos conjuntamente passíveis de ser mapeados, processados, cruzados e gerenciados como dados – um gerenciamento que, ao mesmo tempo que mapeia, também produz ações e comportamentos que serão novamente mapeados e gerenciados. (ABÍLIO, 2020, p.119).

Além do gerenciamento algorítmico, outro fator que deve ser levado em consideração é que a empresa não precisa ficar fiscalizando o trabalhador uberizado, pois, através da avaliação feita pelos usuários que utilizam o serviço, conseguem saber se o serviço realizado está de qualidade ou não. Se possuir muitas avaliações negativas, o trabalhador uberizado passa a ser acionado com menos intensidade e pode até ser suspenso. Abílio (2020) conta que, além de vigiar, essa avaliação também pode estimular o trabalhador e dar mais visibilidade ao seu trabalho, assim como aumentar a concorrência. É importante lembrar, também, que, além de estimular o trabalhador pelo reconhecimento do seu trabalho, o gerenciamento algorítmico utiliza essa informação para estabelecer novos critérios de distribuição e remuneração do trabalho.

Isso tudo nos leva a questionar o que de fato é considerado trabalho e o que não é. O que de fato lhe confere uma identidade profissional? O modo de trabalho? Um diploma? O tempo de trabalho? Para responder, Abílio (2020) faz uma consideração interessante, ao comparar o motorista de aplicativo e o taxista, pois o trabalho desempenhado pelos dois é o mesmo, porém, o taxista é considerado um

motorista profissional, e o motorista de aplicativo um trabalhador amador. E o mesmo ocorre em relação aos motofretistas, que estão sofrendo uma mutação em sua identidade profissional, com a uberização do seu trabalho.

3 O GOLEIRO DE ALUGUEL

A plataforma do GDA, a única no setor, funciona da seguinte forma: primeiramente, o interessado descarrega o aplicativo no *smartphone*. Ao abri-lo, é preciso responder se a intenção é convocar alguém para jogar na posição de goleiro ou ser convocado para atuar como goleiro. Se o usuário da plataforma escolher a opção “quero ser um goleiro”, deve preencher seus dados pessoais e escolher a região em que quer atuar, bem como a distância máxima que está disposto a percorrer para jogar.

Em seguida, deve informar uma conta bancária de sua titularidade. O valor a ser recebido é definido pela plataforma e o “trabalhador do gol” fica com apenas 60% do valor pago por quem convocou o goleiro, sendo que este valor é liberado na carteira do aplicativo 15 dias após a partida. É necessário solicitar a transferência dos valores disponíveis para a conta bancária indicada anteriormente, que terá um prazo de compensação de quatro dias úteis. A cada dez jogos realizados, a remuneração é aumentada, podendo, o trabalhador, receber 75% do valor pago pelo contratante. Na hora da contratação, o contratante define o tempo de duração da partida.

Para finalizar o cadastro, o goleiro deve responder a um questionário com oito perguntas e acertar todas; se errar alguma delas, o aplicativo sugere que leia novamente as Dúvidas Frequentes e tente novamente. O conteúdo das perguntas varia desde questões de porcentagem do valor que fica com o goleiro, até de punições caso o goleiro não compareça a um jogo. Após responder corretamente ao questionário, o interessado já estará apto para jogar e o aplicativo mandará uma notificação para as partidas que forem ocorrer dentro do seu raio de atuação. Porém, o aplicativo manda essa notificação para mais de um goleiro, assim, o primeiro que confirmar presença, estará automaticamente escalado (Fig. 1).

Figura 1 – Questionário para cadastro como goleiro de aluguel

← Questionário ?

O Goleiro inicia recebendo 60% do valor de cada jogo em que participa. Em uma partida de 1 hora no valor de R\$ 32,99, quanto o Goleiro receberá?

R\$ 32,99

R\$ 19,79

R\$ 12,00

PRÓXIMA

Fonte: Aplicativo Goleiro de Aluguel – uso próprio. Captura de tela realizada em 4 set. 2019.

Para goleiros iniciantes, quando completam os dez primeiros jogos, o GDA envia uma camisa oficial de presente. Como forma de homenagem, a cada cem jogos realizados, o goleiro recebe uma nova camisa oficial de presente, com o número 100 aplicado às costas para dar visibilidade ao feito. A camisa possui cor chamativa, e, ao frequentar quadras esportivas, é possível identificar de longe os goleiros de aluguel (Fig. 2).

Figura 2 – Camisa oficial de dez jogos do GDA



Fonte: Site da Futshop.⁹

⁹ Disponível em: <https://www.futshop.com.br/camisa-goleiro-de-aluguel.html> . Acesso em: 9 nov. 2021.

O goleiro inicia na plataforma recebendo o valor de R\$ 21,55, por jogo, e, dependendo do número de jogos realizados, pode chegar a receber até R\$ 26,94 por partida. No ano de 2021, foi criado o sistema de *cashback*, em que todo o dinheiro recebido nas partidas, ou utilizado em compras, é convertido para o goleiro em forma de créditos, que podem ser utilizados em compras nas lojas do GDA (Fig. 3). Em parceria com a marca esportiva Poker, no ano de 2021, o GDA distribuirá mais de R\$ 200 mil em premiações.

Figura 3 – Desafio *cashback* extra



Fonte: Página oficial do GDA no Facebook.

O GDA já possuiu diversos patrocinadores, dentre os quais o *site* de materiais esportivos Futshop; a marca de artigos esportivos Poker; e a empresa V15 Seguros. Também realiza campanhas em busca de novos patrocinadores, conforme indica a Figura 4.

Figura 4 – Campanha para patrocinadores



Fonte: Twitter oficial do Goleiro de Aluguel.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/goleiroaluguel/status/1325910203846586377>. Acesso em: 9 nov. 2021.

A nota atribuída ao goleiro de aluguel pelo contratante, após cada partida, pode chegar a até 30 pontos e envolve, basicamente, os seguintes aspectos e pontuações: pontualidade, vale 5 pontos; personalidade, de 1 a 5 pontos; técnica, de 1 a 10 pontos; e se o contratante utilizar a camisa do aplicativo, ganha mais 10 pontos. Na hora de convocar, o contratante possui duas opções: a de convocar um goleiro aleatório; ou convocar um goleiro específico. Se a opção for por um goleiro aleatório, a plataforma convocará os goleiros de acordo com critérios estabelecidos pelo gerenciamento algorítmico, e o primeiro que aceitar será escalado para a partida.

O contratante, então, poderá acessar o *ranking* e ver a avaliação do escolhido, e, caso julgue necessário, pode solicitar outro profissional, se quiser um goleiro mais experiente; esse processo é chamado de contratação exclusiva. Ele pode, primeiramente, acessar o *ranking* e convocar um goleiro específico que esteja nas primeiras posições. É normal que um goleiro mais engajado com a plataforma e com número maior de partidas, acabe recebendo mais chamadas exclusivas do que aleatórias.

Na época em que as quadras esportivas estavam funcionando com horário restrito e o número de jogos era bem inferior ao normal, também devido à insegurança dos participantes em função da pandemia gerada pelo Covid-19, aqueles goleiros que já atuavam pela plataforma e possuíam um grupo fixo que os contratava de forma específica, conseguiram ter um número maior de jogos.

É importante ressaltar também que a porcentagem paga aos goleiros é calculada pelo número de jogos realizados na plataforma, portanto, não é levada em conta a sua posição no *ranking*, mas aqueles mais bem classificados são convocados mais vezes. O rendimento sempre é informado em destaque, no momento da convocação; esse valor é dinâmico e baseado na localização; no tipo de campo; tempo da partida; e nas ofertas da região. Na Figura 5, constam as etapas de uma convocação.

Figura 5 – Convocação para uma partida no GDA



Fonte: Aplicativo Goleiro de Aluguel – uso próprio. Captura de tela realizada em 4 nov. 2021.

O gerenciamento algorítmico leva em conta diversos fatores, como a localização, avaliação, assiduidade, etc., e faz com que, de acordo com as suas ações, a plataforma tome um direcionamento que nem sempre é benéfico ao trabalhador. Além do gerenciamento algorítmico, a empresa delega ao contratante fiscalizar e avaliar o trabalhador. Porém, essa avaliação feita pelo contratante nem sempre condiz com o serviço prestado, fazendo com que o trabalhador seja prejudicado.

Assim como em outras plataformas, se possuir muitas avaliações negativas, o goleiro de aluguel passa a ser acionado com menos intensidade e pode até ser suspenso. E como as empresas-plataforma alegam que os trabalhadores não possuem vínculo empregatício com elas, pois não cobram exclusividade, a responsabilidade por eventuais penalidades é atribuída aos requerentes do serviço.

Portanto, empresas que atuam nesse modelo uberizado, tal como a GDA, passam a ideia de que o usuário é quem determina a jornada de trabalho do trabalhador (prestador de serviço), portanto, a figura do “patrão” seria, dentro dessa lógica, o próprio usuário.

Mesmo se tratando de uma plataforma digital relativamente nova, o GDA já foi alvo de estudos acadêmicos. O pesquisador Alexandre Borba da Silveira (2020) dedicou a sua tese de doutorado sobre o assunto, e, inclusive, um artigo foi publicado. Intitulada “*Digital platforms in the sharing economy: Mediating and flattening consumption and service relationships*”, na tese, Silveira analisa como as plataformas digitais, em especial a GDA, mediam e achatam as relações entre consumidores e provedores de serviços de economia compartilhada.

A pesquisa, de natureza qualitativa, sustentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour (1994). Os dados foram analisados utilizando o procedimento metodológico da tradução, por meio do qual foi possível fazer o mapeamento dos atores, observá-los e coletar informações com o objetivo de descrevê-las e traduzi-las. Os atores em rede foram representados empiricamente por dois casos de estudo.

Além do GDA, analisou-se outra plataforma digital intitulada Toca de Aluguel¹¹, para observar o papel das plataformas nas relações entre os consumidores e provedores de serviços. Verificou-se todo o processo de evolução da plataforma, desde a sua criação, em janeiro de 2015, até 2020. Desde o motivo para a sua criação, o seu desenvolvimento, e os eventos e ações para se estabelecer uma relação entre os goleiros, a plataforma e os contratantes. O trabalho revela relações de consumo e serviço, devido a um processo coletivo de engajamento entre motivações humanas e ações não humanas.

No artigo “Platform Culture in the Sharing Economy: A Rental Goalkeepers Case Study”, que Silveira escreveu em colaboração com Norberto Hoppen (2020), orientador da tese antes mencionada, os autores analisam a maneira como ocorre um conjunto de relações de trocas entre consumidores e prestadores de serviços, quando mediadas por plataformas digitais na economia compartilhada.

¹¹ Plataforma colaborativa focada em conectar pessoas para hospedar animais de estimação.

Os estudos citados evidenciam uma relação sociotécnica entre consumidor – plataforma – provedor das relações de consumo e serviço, e uma mediação capaz de transportar influências e transferir significados e sentidos para os consumidores e prestadores de serviços. O achatamento das relações se dá devido a um processo coletivo de engajamento entre as motivações humanas e as ações não humanas. O estudo aponta para uma nova cultura digital, cujo principal objetivo é a valorização do conjunto de negócios digitais, além de contribuir para o avanço da literatura da economia compartilhada.

Por mais que o estudo citado e a presente dissertação de mestrado utilizem a plataforma do GDA como objeto de estudo, cabe ressaltar que os objetivos propostos são diferentes. Enquanto na tese de doutorado de Silveira (2020), e no artigo escrito por ele e seu orientador, a intenção é entender as relações entre o consumidor, a plataforma e o provedor, nosso objetivo aqui é compreender de que modo os goleiros de aluguel vão construindo representações sociais acerca dessa função, no futebol, por meio da mediação dessa plataforma digital.

Para sobreviver durante a pandemia, enquanto as quadras estavam fechadas, o GDA realizou diversas campanhas de *marketing* para arrecadar fundos e engajar os goleiros (Fig. 6). Entrevistas com goleiros que atuam pelo GDA, participações de goleiros nas propagandas da plataforma “Desafio Gol a Gol”¹² e sorteios foram realizados.

Figura 6 – Campanha de financiamento coletivo



Fonte: Página oficial do GDA no Facebook.

¹² A competição é a famosa disputa de jogos conhecidos como Gol a Gol, comuns em colégios e brincadeiras entre amigos que gostam do futebol. Os participantes, além de estarem competindo, demonstram suas habilidades e treinam chutes e defesas no gol. O Gol a Gol explora dois fundamentos: o "tiro de gol", quando a bola é lançada de uma longa distância e a defesa desses chutes. Além disso, as tradicionais defesas de pênalti também são exploradas. (Disponível em: https://www.poker.esp.br/noticias/golagol-itajaisc?fbclid=IwAR1pURgvo1KkxFrNY_LOxcmiqiZYiEV6-wv1BjKz0nGMqjH158jyevT6wLw. Acesso em: 10.nov de 2021.)

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são abordadas as questões metodológicas utilizadas para a condução deste trabalho. Inicia-se com o tipo de pesquisa adotada, avançando para o contexto no qual o estudo foi desenvolvido.

A proposta inicial do trabalho era ir aos locais de atuação dos goleiros, adotar estratégias de negociação de entrada no campo, estabelecer critérios de inclusão e, por fim, entrevistá-los pessoalmente. No entanto, em função da pandemia da Covid-19, o processo de recrutamento dos sujeitos e de geração de dados teve de ser modificado.

De toda forma, a base das decisões metodológicas manteve-se praticamente a mesma, com adaptações específicas no que se refere aos procedimentos utilizados para a obtenção e análise dos dados, bem como a observância dos cuidados éticos, tal como é possível acompanhar na sequência deste capítulo.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como um trabalho de natureza qualitativa, realizado a partir dos pressupostos das Ciências Humanas e Sociais (BOGDAN; BIKLEN, 1994). De acordo com Minayo (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A escolha da pesquisa qualitativa está diretamente associada à teorização base adotada neste trabalho, pois foi a que melhor se ajustou ao processo de compreensão dos fenômenos em sua complexidade e priviligia, essencialmente, a perspectiva dos sujeitos que estão diretamente envolvidos com o objeto de estudo da investigação.

No caso específico deste estudo, cujo objetivo é verificar de que modo os sujeitos que atuam no aplicativo GDA vão construindo, por meio dessa plataforma digital, representações sociais sobre essa posição singular no mundo do futebol, julgou-se prudente valer-se da abordagem processual da TRS, por permitirem compreender como os grupos sociais entendem determinado objeto, e, a partir daí, obter pistas de como melhorar sua compreensão.

Cabe também ressaltar a importância de a temática do estudo ser de interesse do pesquisador, e que já possua afinidade, para que possa atender de modo satisfatório aos requisitos da reflexividade e posicionalidade para o desenvolvimento de pesquisas de cunho qualitativo. Da mesma forma que a posicionalidade está baseada na experiência e intimidade do pesquisador com a temática, o potencial reflexivo também está ligado de forma direta a tais experiências (MACHADO, 2020). Doyle (2013, p. 252) destaca que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador é o principal instrumento de geração (construção) dos dados informativos e que:

As implicações teóricas da reflexividade levantam questões, não apenas sobre até que ponto os pesquisadores podem empregar uma capacidade genuína de pensar, mas também sobre até que ponto os participantes da pesquisa também empregam essa capacidade.

Mesmo não atuando como goleiro, em vivências no futebol, foi possível perceber mais facilmente algumas questões que não estavam tão visíveis no primeiro momento, e relacionar com algum conhecimento adquirido anteriormente, na prática, e, a partir disso, refletir sobre e conseguir um posicionamento mais adequado do que pesquisar sobre algo desconhecido.

4.2 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

Ao conhecer o aplicativo do GDA mais detalhadamente, e conversar com sujeitos que o utilizam diariamente, foi possível detectar a percepção que tinham do jogo de futebol, bem como que os seus objetivos dentro de quadra eram diferentes dos pretendidos por um goleiro de futebol profissional. A representação social do goleiro dentro do jogo de futebol passou a ser feita a partir do aplicativo GDA.

Ao conversar com um ex-colega de graduação, notou-se que a forma como ele encarava o futebol havia mudado. Na graduação, ele jogava nos intervalos como forma de lazer, e nas competições acadêmicas de futebol, com um pouco mais de seriedade, para vencer o campeonato. Já na condição de goleiro de aluguel, passou a ver o jogo de outra forma. Sua preferência não era mais pelo tipo de jogo (futsal, *society* ou campo), e sim por partidas que fossem em localizações mais próximas de sua casa, ou do lugar onde estava, quando chamado, o que facilitava seu

deslocamento e reduzia os custos. As questões de ordem técnica, amizade, prazer de jogar, deixaram de ser os pontos que o levavam a considerar a participação no futebol.

Ao mesmo tempo em que, nos jogos de futebol, participava de forma amadora, como forma de divertimento, comecei a conversar com os Goleiros de Aluguel que encontrava nas quadras, para saber se também eram da área da Educação Física, porém, não encontrei nenhum. A experiência vivenciada como goleiro de aluguel, relatada na introdução do presente trabalho, fez com que eu me afastasse por 60 dias das quadras.

Alguns dias antes de estar liberado para jogar novamente, as quadras esportivas foram fechadas, em função da pandemia, situação que perdurou por aproximadamente oito meses, fazendo com que o aplicativo também cessasse suas atividades. Diante desse fato, como não poderia ser diferente, além da dificuldade gerada para aqueles goleiros que obtinham renda extra com o aplicativo, tornou-se mais difícil ainda encontrar sujeitos que atendessem aos critérios adotados para a pesquisa.

A solução foi a aproximação virtual com os goleiros de aluguel. Para nossa surpresa, a receptividade foi muito interessante. Em conversa com um dos goleiros que havia conhecido em uma quadra esportiva, ele comentou que havia um grupo fechado só dos goleiros de aluguel no aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, e perguntou se eu queria participar. Aceitei de prontidão, entretanto, nas primeiras semanas, fiquei em silêncio, tentando compreender qual era a finalidade do grupo e qual o tipo de uso que faziam.

O grupo não era muito ativo, e as mensagens trocadas eram sobre novas normas estipuladas pelo aplicativo a partir da reabertura das quadras em função da pandemia; relatos de situações ocorridas durante os jogos; comércio de materiais esportivos; e dúvidas relacionadas ao gerenciamento do algoritmo do aplicativo, que por vezes chamava uns e não chamava outros. Após três semanas no grupo, apresentei-me como da área de Educação Física, e questionei se havia outros ali na mesma condição, ou se conheciam alguém que também fosse da área da Educação Física, porém, ninguém do grupo se manifestou.

Como a proposta inicial do estudo era analisar o processo de precarização do professor-profissional de Educação Física, a partir do aplicativo de goleiros, nosso objetivo era encontrar outros goleiros de aluguel que também fossem da área da

Educação Física. Contudo, depois de quase um semestre de buscas, e também com o agravante da pandemia, não encontrei nenhum sujeito com tal perfil. Esse foi um dos principais motivos para a alteração do foco do estudo, o que levou a uma alteração nos critérios de inclusão dos sujeitos de pesquisa.

Para dar conta do problema de pesquisa redesenhado, convidei, via redes sociais, e por meio de uma mensagem padrão (Apêndice C), aproximadamente 20 sujeitos cadastrados na plataforma de GDA. Os critérios adotados foram convidar aqueles mais bem situados no *ranking* da empresa, que utilizassem o aplicativo há, no mínimo, um ano e tivessem realizado mais de 50 partidas. A intenção passou a ser a alteração das representações sociais acerca do futebol, em especial a função de goleiro, nesse processo de uberização da vida.

A escolha desses critérios justifica-se pelo fato de que um goleiro com, no mínimo, 50 partidas, cadastrado na plataforma há mais de um ano, já estaria mais familiarizado com o GDA e com todo o processo que envolve o momento da convocação até o final de uma partida, o que indicava que os sujeitos que cumpriam tais requisitos teriam mais elementos para contribuir com os objetivos da pesquisa.

Como já mencionado, a principal ferramenta utilizada para encontrar os sujeitos da pesquisa foram as redes sociais. Após ter acesso ao nome dos goleiros, no *ranking* que a plataforma disponibiliza, vasculhamos o Instagram e o Facebook para tentar encontrá-los. Em alguns perfis, era possível perceber semelhanças entre a foto da rede social e a foto utilizada na plataforma; em outros casos, havia fotos em que os sujeitos apareciam vestindo a camisa de goleiro da plataforma; e houve casos, também, que na própria descrição da página pessoal de alguns deles já constava a menção ao fato de que era goleiro de aluguel. Após as entrevistas, continuamos seguindo esses sujeitos em suas redes sociais, e foi possível perceber que alguns deles fazem questão de postar quase que diariamente seus jogos e defesas pelo GDA, enquanto outros não.

Ao montar o seu perfil no Facebook, ou no Instagram, logo abaixo do seu nome e foto, consta o local destinado à sua biografia. Nas Figuras 7 e 8 são apresentados exemplos de biografia de alguns goleiros de aluguel, mostrando o quando eles vestem a camisa e sentem-se orgulhosos de fazer parte da iniciativa.

Figura 7 – Perfil de um goleiro de aluguel no Instagram



Fonte: Instagram. Acesso em: 17 de out. de 2021.

Figura 8 – Perfil de um goleiro de aluguel no Facebook

Apresentação

-  Goalkeeper na empresa Goleiro de Aluguel
-  Mora em Curitiba
-  De Curitiba

Fonte: Facebook. Acesso em: 17 de out. de 2021.

Essa estratégia de recrutamento de participantes possibilitou a entrevista de 17 goleiros de diferentes estados do país: um do Rio de Janeiro; um de São Paulo; quatro do Paraná; e onze do Rio Grande do Sul. Com exceção de apenas um goleiro, todos atuavam pela plataforma na mesma cidade onde residiam e haviam feito o cadastro pela primeira vez. Esse goleiro que não atuava na mesma cidade onde havia se cadastrado, teve que se mudar, durante a pandemia do Covid-19, no ano de 2020, em função de uma exigência do seu trabalho. Ao chegar na nova cidade, percebeu que os moradores de lá não conheciam a plataforma do GDA, então, após realizar alguns jogos com amigos e colegas de trabalho, começou a divulgar o aplicativo para os gestores das quadras esportivas e, com isso, conseguiu participar de alguns jogos lá convocado pela plataforma.

É importante ressaltar que, dentre os entrevistados, apenas dois haviam participado de menos de 300 partidas, no momento da entrevista. Isso mostra que os dados coletados são baseados em sujeitos que têm larga experiência na plataforma;

estão bem engajados com a plataforma; e as informações trazem consigo empiria. No Quadro 1, constam informações sobre os entrevistados.

Quadro 1 – Lista de entrevistados

Nome	Duração da Entrevista	Número de Partidas na Época	Tempo de atuação pelo GDA	Cidade Onde Joga
Veloso	15min12seg	322	3 anos e 7 meses	Porto Alegre
Danrlei	18min55seg	Aproximadamente 300	2 anos e 5 meses	Porto Alegre
Zetti	30min50seg	Aproximadamente 100	6 anos e 8 meses	Curitiba
Rogério Ceni	13min30seg	997	4 anos e 1 mês	Porto Alegre
Clemer	43min23seg	488	4 anos	Porto Alegre
Taffarel	22min10seg	Aproximadamente 400	3 anos	Porto Alegre
Dida	16min2seg	382	4 anos e 2 meses	Porto Alegre
Marcos	23min11seg	326	3 anos e 10 meses	Porto Alegre
Júlio César	11min28seg	781	2 anos	Rio de Janeiro
Higuita	17min32seg	67	1 ano e 8 meses	Porto Alegre
Buffon	20min15seg	122	2 anos e 6 meses	Porto Alegre
Neuer	19min37seg	Aproximadamente 220	3 anos e 1 mês	Ribeirão Preto
Chilavert	9min20seg	411	2 anos e 2 meses	Porto Alegre
Oliver Kahn	17min57seg	Aproximadamente 180	3 anos	Porto Alegre
Van der Sar	26min50seg	437	2 anos e 3 meses	Curitiba
Alisson	11min26seg	953	2 anos e 8 meses	Curitiba
Courtois	28min37seg	780	6 anos e 3 meses	Curitiba

Fonte: Elaboração própria.

A maioria dos entrevistados começou a jogar como goleiro ainda crianças, e muitos deles, inclusive, treinavam em escolinhas de futebol e se inseriram no mundo do futebol desde cedo, tendo a oportunidade de realizar treinamentos específicos para goleiros e participar de campeonatos.

Por diferentes fatores, muitos deles acabaram desistindo do sonho de se tornar profissional, porém, dentre os entrevistados, três deles chegaram a atuar em times profissionais de futebol. Esses que conseguiram chegar ao nível profissional, não se mantiveram lá, tendo seu projeto profissional interrompido. Os motivos relatados foram: estatura; problemas de saúde; e interesses pessoais/políticos do clube.

4.3 INSTRUMENTOS PARA OBTENÇÃO DE DADOS

O instrumento de pesquisa utilizado neste estudo para obter os dados, foi a entrevista semiestruturada, visto que, de acordo com Trivinões (1987), essa

modalidade de entrevista, para determinados tipos de pesquisas qualitativas, configura-se como um dos principais meios de coleta de dados, porque, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o entrevistado alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Em seu livro *A pesquisa qualitativa em educação*, Trivínos (1987) aponta que é importante que essa definição esteja bem clara, pois, dessa maneira, o pesquisador tem a obrigação, se não quiser sofrer frustrações, de estar preparado para mudar suas expectativas relativas a seu estudo. O denominado "relatório final", da pesquisa quantitativa, existe na pesquisa qualitativa, mas vai se constituindo no desenvolvimento de todo o estudo e não é exclusivamente resultado de uma análise última dos dados. Por outro lado, não obstante o pesquisador inicie sua investigação apoiado numa fundamentação teórica geral, o que significa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em foco, a maior parte, nesse sentido, do trabalho, realiza-se no processo de desenvolvimento do estudo.

A necessidade da teoria surgirá em face das interrogativas surgidas, mas deve ficar expresso, em forma muito clara, que o pesquisador será eficiente e altamente positivo para os propósitos da investigação, se tiver amplo domínio não só do estudo que está realizando, como também do embasamento teórico geral que lhe serve de apoio. Desse modo, por exemplo, na entrevista semiestruturada, e no emprego de qualquer coleta de informações, lhe permitirá esboçar novas linhas de inquirição, vislumbrar outras perspectivas de análise e de interpretação no aprofundamento do conhecimento do problema (TRIVIÑOS, 1987).

O mesmo relatório final citado é também descrito sob outra perspectiva, por Bogdan e Birten (1982), ao dizer que os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto. Isso mostra o quão minuciosa é a tarefa do investigador e quanto ele deve estar atento a cada detalhe.

[...] a entrevista semiestruturada mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permite a relevância na situação do ator. Este traço da entrevista semiestruturada, segundo nosso modo de pensar, favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores [...] O processo da entrevista semiestruturada deve ser cuidadoso em todos os princípios já enunciados. Já dissemos que ela obtém resultados verdadeiramente valiosos

se também o pesquisador tem amplo domínio do enfoque em estudo e da teoria que orienta seus passos. (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

4.4 CUIDADOS ÉTICOS

Após a banca de qualificação, o presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS, sob o número CAAE 42306121.2.0000.5347 e parecer 4.570.686 (Anexo A).

Em seguida, foi solicitado ao Diretor Executivo/Chief Executive Officer (CEO) da plataforma do GDA autorização para o emprego do nome do aplicativo (Anexo B). A dissertação segue as normas da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas com seres humanos, no Brasil.

Anteriormente à realização das entrevistas, foi apresentado a todos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os entrevistados tivessem ciência e aceitassem os riscos e benefícios de participação na pesquisa (Apêndice D). As entrevistas foram realizadas (Apêndice E) e gravadas, com preservação da confiabilidade, do anonimato, e da privacidade do entrevistado, de acordo com o TCLE. Para manter o anonimato, os nomes dos participantes foram substituídos por nomes de goleiros profissionais de futebol.

O material gravado e transcrito nas entrevistas ficará armazenado e codificado com senha nos acervos dos pesquisadores, pelo período de cinco anos. Foi firmada a entrega de uma cópia da versão final da pesquisa a todos os participantes.

4.5 TIPO DE ANÁLISE ADOTADA

Para a análise de dados, utilizou-se a Análise Temática (AT), pois, de acordo com Souza (2019), trata-se de um método flexível, acessível e capaz de apoiar o manejo tanto de grandes como de pequenos bancos de dados de estudos qualitativos.

Nesse sentido, é exigida do pesquisador uma atitude mais flexível na análise de dados. Ao seguir a AT, no mínimo, é possível desenvolver uma flexibilidade como habilidade decorrente do seu uso, o que fortalece os recursos pessoais do pesquisador (BRAUN; CLARKE, 2006).

Assim como Triviños afirma que, na pesquisa qualitativa, os processos vão se retroalimentando e se reformulando, acontece o mesmo na AT. Como defende Souza (2019), a análise envolve um vaivém constante, entre o banco de dados, os trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir desses trechos. O processo termina com o relatório dos padrões (temas) dos dados. Essa estrutura consta em boas técnicas de análise de dados qualitativos bastante comuns na literatura (SOUZA, 2019).

Para Espírito-Santo (2005, p. 84), “a análise temática é considerada indispensável para trabalhos desenvolvidos em representações sociais”. Portanto, sua utilização torna-se apropriada, no presente estudo, por estar partindo dos conceitos trazidos pelos goleiros de aluguel durante as entrevistas.

As autoras Braun e Clarke (2006) propõem um método de seis etapas para conduzir uma análise temática, que, para ter essa flexibilidade, serve para orientar o processo e não precisa ser necessariamente cumprida com rigor.

A primeira fase é a familiarização com os dados, que trata de transcrevê-los e revisá-los, ler e reler o banco e anotar ideias iniciais durante o processo. A transcrição, por si só, é muito importante, pois torna possível analisar com mais calma os dados e perceber elementos que não haviam sido notados durante a entrevista.

Na segunda fase, são gerados os códigos iniciais e codificados os aspectos interessantes dos dados, de modo sistemático, em todo o banco e reunidos os extratos relevantes para cada código. Com as anotações feitas durante as entrevistas, a transcrição e análise dos dados, foram mapeadas as convergências entre as respostas e os pontos em comum para gerar os códigos.

Na terceira etapa, de busca dos temas, reúnem-se os códigos em temas potenciais e unem-se todos os dados pertinentes a cada tema em potencial. Após definidos os códigos, foram criados três temas que, a princípio, englobavam os códigos anteriormente gerados. Na quarta etapa, são revisados os temas, checando se funcionam em relação aos extratos e ao banco de dados como um todo, e gerado um mapa temático da análise. Apesar de existirem essas seis etapas para facilitar o processo, foi necessário realizar uma nova análise dos dados, com o objetivo de ver se os temas estavam em simetria com os dados.

Na quinta fase são definidos e nomeados os temas, refinando os detalhes de cada um e a história que a análise conta, além de geradas definições e nomes claros

para cada tema. Após a releitura minuciosa dos dados, foi possível estabelecer os três temas propostos: (1) diversão remunerada: uma forma de diminuir os custos de jogar no gol; (2) renda extra/fonte de sustento: uma forma de render como goleiro; e (3) vestindo a mesma camisa: a formação de um time só de goleiros.

A sexta e última fase consiste em produzir um relatório, fornecendo exemplos vividos; fazer uma última análise dos extratos escolhidos na relação com a pergunta de pesquisa e a literatura e preparar um relato científico da análise (BRAUN; CLARKE, 2006).

A seção a seguir contém a análise e interpretação feitas a partir dos temas gerados com o auxílio da AT.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após realizar as entrevistas, foi possível obter informações significativas para compor a análise e discutir sobre a vivência desses sujeitos e compreender qual o impacto do GDA em suas vidas, e de que modo os goleiros de aluguel vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol por meio da mediação dessa plataforma digital.

De modo geral, três grandes categorias foram construídas a partir das respostas que os 17 entrevistados deram ao conjunto de questões que lhes foram apresentadas: (1) diversão remunerada: uma forma de diminuir os custos de jogar no gol; (2) renda extra/fonte de sustento: uma forma de render como goleiro; e (3) vestindo a mesma camisa: a formação de um time só de goleiros.

5.1 DIVERSÃO REMUNERADA: UMA FORMA DE DIMINUIR OS CUSTOS DE JOGAR NO GOL

O GDA surgiu no ano de 2015, na cidade de Curitiba, no Paraná, e desde lá vêm crescendo e ganhando notoriedade no cenário nacional. É difícil ir a uma quadra de futebol de Curitiba e não saber o que é o GDA, já em outras cidades do país, a plataforma ainda não é tão conhecida, mas vem conquistando espaço. Ao perguntar ao Courtois, um dos goleiros entrevistados, sobre como teve conhecimento do GDA, ele respondeu:

[...] eu estava jogando com os amigos numa quadra [...] e vi um cartaz [Fig. 9], eu até tenho foto desse cartaz, eu tenho esse cartaz guardado aqui em casa na verdade, não que eu tenha roubado, mas acabei conseguindo um exemplar dele depois [...] e pensei: Bom, se eu sou bom ou não eu não sei, mas todo mundo me elogia quando eu jogo no gol, então eu vou me cadastrar para ver, né. E acabei me cadastrando, me cadastrei no Goleiro de Aluguel, que na época não era nem o aplicativo ainda, era um site né. (Courtois, informação verbal).

Figura 9 – Cartaz de divulgação do GDA



Fonte: Entrevistado Courtois.

Além da fixação de cartazes nas quadras esportivas parceiras, e de campanhas de *marketing* nas redes sociais, o GDA ganhou certa notoriedade nacional após participar do programa Shark Tank Brasil. O programa é pioneiro em empreendedorismo, no país, que oferece a quem participa a oportunidade de lançar suas ideias de negócios para grandes investidores na esperança de conseguir aportes financeiros. Porém, apesar da suposta divulgação/notoriedade do App, após as entrevistas, foi possível notar casos diferentes de aproximação com a plataforma. Um caso que chamou a atenção foi o de Rogério Ceni, que conheceu o aplicativo de uma maneira diferente.

Na verdade, foi minha namorada, eu jogava com os amigos de graça e ela sempre brigava comigo por estar sempre fora de casa jogando, foi aí então que ela me mostrou o aplicativo em que eu ganhava para jogar... [...] já que fico longe dela, então, pelo menos, agora eu levo um dinheirinho para casa. né. (Rogério Ceni, informação verbal).

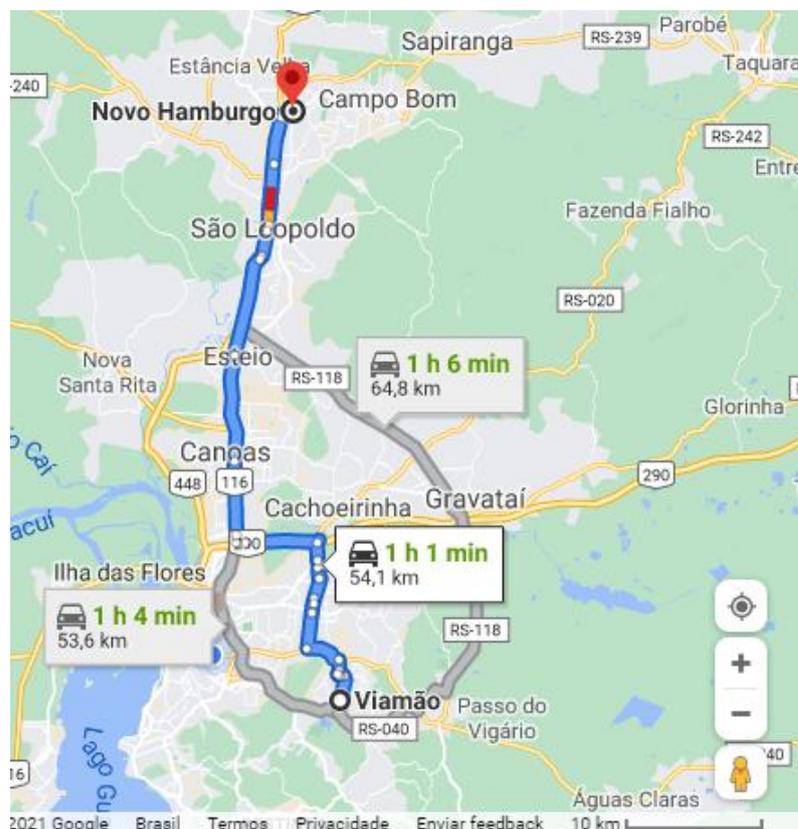
Por meio desse relato, é possível perceber que jogar no gol em peladas com os amigos era uma diversão para Rogério Ceni e, pelo visto, trazia algum desconforto

no relacionamento com a namorada, que brigava com ele pelo fato de estar fora de casa só se divertindo. A dica do GDA feita pela própria namorada veio em boa hora, pois ele, de certo modo, conseguia unir o útil ao agradável; seguir participando das peladas de futebol, mas com remuneração, o que lhe permitia justificar as saídas de casa para a namorada e, ao que parece, tornou-se prática mais aceitável para a companheira. Porém, em outros casos, a remuneração recebida nas partidas acaba empatando com os gastos, como relata Dida:

[...] eu faço mais pela brincadeira, né, pelos custos acaba não compensando. Hoje, por exemplo, eu fiz dois jogos pelo aplicativo, por acaso, e eu joguei em Viamão de manhã e em Novo Hamburgo de tarde. Só a gasolina não compensa o que eu vou receber, mas eu jogo porque gosto de jogar, então é onde eu consigo jogos também...[...] só cobre os custos e olha lá. Hoje eu já joguei de manhã, já joguei de tarde, e aí tem a gasolina, teve o que eu gastei com o almoço, estacionamento... (Dida, informação verbal).

Para ilustrar uma noção da distância, percorre-se mais de 50 quilômetros para cobrir o trecho entre as cidades de Viamão e Novo Hamburgo, conforme representado na Figura 10.

Figura 10 – Deslocamento citado por Dida



Fonte: Google Maps¹³

¹³ Disponível em: <https://sfp.short.gy/mROcZg>. Acesso em: 4 nov. 2021.

Ao alugar uma quadra em um espaço privado, geralmente, o valor da hora é dividido entre todos os que jogam. Por se tratar de uma posição singular e ingrata para a maioria dos que gostam de jogar uma pelada de futebol, muitas vezes não se cobra a parte correspondente daquele abnegado que se voluntaria a jogar de goleiro, então Dida viu, na plataforma do GDA, uma possibilidade de diminuir as despesas. O que justifica também esse caso, é que esse goleiro citado, seleciona os jogos e tem preferência por atuar em partidas de futebol de campo, que, geralmente, devido à dimensão do campo, se encontram em regiões mais afastadas do centro da cidade, fazendo com que o deslocamento seja mais longo do que os demais.

Para jogar uma partida de tênis, por exemplo, basta encontrar outra pessoa interessada e o jogo pode ocorrer. Se quiser correr, ou pedalar, é possível realizar diversas atividades físicas sozinho. Pelo fato de o futebol ser um esporte coletivo, é necessário um mínimo de dez jogadores, para que a partida ocorra, e isso, muitas vezes, torna-se uma barreira para que o jogo aconteça.

Courtois conta que participava de dois grupos de futebol distintos, cujos jogos aconteciam semanalmente; um dos grupos, que jogava aos sábados, era formado por ex-colegas de escola. Com o passar do tempo, os participantes começaram a ter novas responsabilidades, o que levou alguns deles a perderem o interesse em manter o compromisso com o futebol todos os sábados, até que o grupo deixou de existir.

O outro grupo do qual Courtois participava, era formado por sujeitos de idade mais avançada, que passaram a enfrentar dificuldades para manter o quantitativo de peladeiros em função de lesões, tal como o próprio entrevistado afirma: “*daí, os velhos começaram a ter artrite, artrose... e começou a não poder mais jogar bola, e aí foram tudo parando de jogar*” (Courtois, informação verbal). Como ele queria continuar jogando como goleiro, viu na plataforma do GDA uma oportunidade de unir o útil ao agradável, ou seja, continuar jogando como goleiro e ainda por cima ser remunerado por isso.

Ao ser questionado se o motivo de usar a plataforma é pelo divertimento ou como fonte de renda, o entrevistado conta:

[...] um pouco dos dois. Eu gosto de jogar bola, gosto mesmo, e vejo como um complemento de renda, não como uma fonte de renda, pois se fosse uma fonte de renda eu teria que fazer 70, 80 jogos no mês né, e eu não aguento fazer isso. A minha meta é sempre fazer 15 jogos no mês, apesar que eu sempre acabo fazendo mais, assim, sabe? Como a demanda de jogos aqui em Curitiba é boa, aí a gente consegue fazer. Agora na pandemia não tanto né, mas dá para fazer mais do que essa minha meta, tanto é que esse mês

aqui estão abertas as quadras com bastante restrição, não tá podendo abrir final de semana, e com lockdown a partir das 21h, então a gente tem muito pouco horário, e mesmo assim eu já consegui fazer 21 jogos nesse mês, vou fazer o jogo 22 hoje à noite. (Courtois, informação verbal).

Interessante ressaltar que, enquanto o entrevistado respondia a essa pergunta, seu telefone emitiu um sinal sonoro que indica a convocação para uma partida. Isso mostra que, se você quer jogar com bastante frequência, e ser convocado tantas vezes quanto possível, dentro da agenda do dia, deve estar sempre atento ao seu celular para aceitar as partidas antes dos outros goleiros.

Como mencionado na Introdução desta dissertação, para conhecer melhor o funcionamento da plataforma, em setembro de 2019, instalei o aplicativo no meu celular e me cadastrei como goleiro. As chamadas para partidas eram constantes, aproximadamente dez por dia. Após alguns meses, troquei de aparelho celular e notei que as notificações para convocações de partidas pararam de ocorrer.

Algum tempo depois, me dei conta que não estava mais recebendo chamadas pelo fato de que as configurações do celular eram diferentes e, de certa forma, não compatíveis com o sistema operacional da plataforma. Percebe-se, então, que para estar ativo na plataforma não basta ter celular, é necessário ter um que seja compatível com o aplicativo, com acesso à internet, além de ter tempo de estar sempre atento às notificações.

Em suma, é preciso fazer um investimento que não é compatível para a maioria da população brasileira, o que significa que não se trata de uma plataforma tão acessível assim, para quem pretende ser goleiro de aluguel para seu próprio sustento, ou como uma forma de obter renda extra.

5.2 RENDA EXTRA/FONTE DE SUSTENTO: UMA FORMA DE RENDER COMO GOLEIRO

Assim como existem goleiros que utilizam a plataforma como forma de divertimento, há casos também em que a utilizam como forma de obter renda extra ou até mesmo como sustento. No caso do Danrlei, após ser demitido de seu trabalho, o GDA passou a ser a sua principal e única fonte de renda. Com o aumento do número

de partidas, além de aumentar sua renda, passou a receber uma porcentagem maior do valor pago pelo contratante, além de premiações e bonificações pelo número de partidas e desempenho, de acordo com ele:

[...] estou fazendo ela [GDA] de fonte de renda, esse mês e o ano passado que com a pandemia eu estava até, inclusive, fazendo um curso para melhorar o currículo, e eu estava pagando com o dinheiro do aplicativo, então nesse momento que tá difícil de arrumar emprego eu estou tirando o dinheiro como uma fonte de renda, até arrumar alguma coisa com carteira assinada e tal, e tá ajudando bastante. (Danrlei, informação verbal).

Percebe-se, então, que a demanda de partidas recebida pela plataforma não parece ser suficiente para o sustento de alguém que se dedica a atuar como goleiro, porém, na situação vivenciada no momento, o GDA foi a forma que ele encontrou como fonte de sustento.

Chilavert, na mesma linha de Danrlei, também começou encarando mais como diversão. Ele relata: “*a primeira vez que baixei o GDA, há alguns anos atrás, era como divertimento, porém, hoje, eu uso como fonte de renda*”. Ao ser questionado sobre o motivo dessa mudança, conta que: *[...] estava devendo cartão de crédito, precisava de dinheiro rápido... daí eu lembrei do aplicativo, e... vou tentar de novo... ganhar um dinheiro... e com o App consegui pagar tudo. (Chilavert, informação verbal).*

Ele se engajou tanto, nisso, que, até a data de ser entrevistado, era o único de fora de Curitiba que havia ficado em primeiro lugar no *ranking* nacional, recebendo, além do valor das partidas, premiações e bonificações. Muitas vezes, o contratante, buscando um goleiro qualificado, antes de realizar uma convocação aleatória, olha o *ranking* e tenta contratar um goleiro que esteja bem ranqueado, pois a probabilidade de ser um bom goleiro é maior. Então, como esse goleiro mantinha-se muito bem ranqueado, as convocações funcionam como uma espécie de bola de neve, com o número de chamadas aumentando exponencialmente.

É interessante notar que a condição de “diversão remunerada” e “renda extra/fonte de sustento” não são fixas, mas são posições ocupadas circunstancialmente, pois os mesmos goleiros podem tanto estar numa, ou noutra condição, em fase da experiência com o aplicativo, ou em outra, e isso faz com que o App seja bastante diferente dos demais, como, por exemplo, o Uber.

Ao ser questionado se utilizava o GDA como divertimento, ou como fonte de renda, Marcos responde o seguinte:

Eu comecei assim com o intuito de divertimento, de jogar mais, e depois quando eu vi que dava né pra tirar uma renda extra legal eu comecei até a me dedicar mais né. Acho que é um meio termo dos dois, a gente não pode também, na minha visão, usar só para um fim lucrativo, senão tu perdes também a essência do aplicativo em si. (Marcos, informação verbal).

Outro goleiro que passou por situação semelhante foi Rogério Ceni, que, ao ficar desempregado, utilizou o GDA como fonte de sustento. Quando questionado se utilizava o GDA como divertimento, ou fonte de renda, ele respondeu o seguinte: “*Fonte de renda! Tanto é que fiquei dois anos sem trabalhar e me sustentando somente com o GDA. Pagando as contas, aluguel, somente com o GDA. Agora que estou trabalhando, ele é mais um complemento.* (Rogério Ceni, informação verbal).

Para Veloso, o GDA é tanto um divertimento quanto uma forma de obter renda extra. Ao ser perguntado sobre isso, ele responde o seguinte:

As duas formas. Já foi mais como fonte de renda. Logo no início, quando eu entrei, eu conseguia fazer mais jogos. Eu trabalhava numa região que tinha bastante quadras perto, então conseguia sair do trabalho e jogava dois, três jogos por dia, o que me dava aí uma renda extra bem boa. Com certeza, se vê como forma de renda também, né, o mês que eu mais joguei foi setembro de 2018, eu fiz 42 jogos, deu mais de 800 reais. Tem gente que consegue, gurizada mais nova, consegue fazer muito mais, né, tem gente que consegue fazer 50, 60 jogos por mês, aí já passa de mil reais. Além de ser um esporte e te fazer bem, né. Tu acaba se divertindo. (Veloso, informação verbal).

Durante a pandemia, devido aos decretos de cada estado, as quadras esportivas tiveram de fechar e, por consequência, as convocações do GDA também pararam quase que por completo. Em alguns poucos lugares, algumas quadras chegaram a abrir, mas com o surgimento de algum caso de Covid-19, voltavam a fechar. Quando foi anunciada a reabertura das quadras em Porto Alegre/RS, no dia 13 de outubro de 2020, os goleiros de aluguel comemoraram, conforme é possível observar na Figura 11, que mostra a troca de mensagens no grupo de WhatsApp¹⁴.

¹⁴ Para fins de preservação do anonimato, o conteúdo original das conversas foi mantido, mas alterados o nome do grupo de WhatsApp para GDA, bem como substituído o nome verdadeiro dos goleiros pelos adotados neste trabalho para identificar suas falas.

Figura 11 – Conversa no grupo de WhatsApp do GDA



Fonte: WhatsApp. Acesso em 13 out. de 2020.

Rogério Ceni conta que iniciou na plataforma com a intenção de fazer o que gosta e, de quebra, complementar a renda, porém, conta que ficou desempregado por dois anos, e que seu único sustento era o GDA. Solteiro e morando sozinho, encontrou na plataforma uma possibilidade de ser sua fonte principal de renda. Isso justifica o fato de ele ter mais de mil partidas pela plataforma. No momento da entrevista, contou que já havia conseguido outro emprego, porém, continuou utilizando a plataforma com o mesmo objetivo de quando ingressou: diversão remunerada.

Alisson, por exemplo, conta como foi seu ingresso no GDA:

Na verdade, eu jogava na linha, daí me machuquei e fiquei dois anos parado e não tinha vontade de voltar a jogar...[...]. Aí meu sobrinho me chamou para voltar e eu comecei a brincar com eles no gol, e nessa mesma partida havia um goleiro de aluguel jogando...[...] meu filho falou: “Pô pai, tu vai ficar aí escutando merda dos outros de graça, vamos baixar o App e ver no que dá. (Alisson, informação verbal).

Utilizando a plataforma, ele percebeu ser uma ótima oportunidade para se manter ativo por meio de uma prática que ele gosta muito, além de proporcionar um complemento de renda. Ele percebe o GDA como o seu segundo trabalho, e relata que chega a fazer aproximadamente 25 jogos por semana.

Olha, eu sou fominha por futebol, adoro jogar no gol, gosto de brincar, gosto de fazer atividade física... no começo eu entrei mais para jogar bola, nisso eu consegui fazer duas viagens com a família... minha mulher é muito parceira, então, ela entrou junto comigo. Fiz a primeira viagem com R\$ 3.500,00, porque eu tenho uma empresa particular, né, então depois das 18h muda... como se diz, o aplicativo é o meu segundo trabalho, então eu juntei as duas coisas, cheguei a pagar metade de um outro carro que eu tinha com os ganhos do Goleiro de Aluguel, e a segunda parte agora desse carro que eu estou agora... [...] e só com o Goleiro de Aluguel, não tiro nada do meu bolso pra pagar carro, entendeu... [...] antes da pandemia eu deixava acumulando dinheiro e quando juntava três, quatro mil, eu sacava o dinheiro e ia viajar sete dias... e já fiz isso duas vezes. Fui pra Florianópolis a passeio e tudo pago por conta do aplicativo, não tirei um real do bolso. (Alisson, informação verbal).

Nesse relato, é possível perceber que também há aqueles goleiros que têm uma fonte de sustento principal, fora da plataforma, tendo ingressado com outros objetivos, - no caso do Alisson, o de se exercitar em uma atividade que lhe traz divertimento -, e passam a ver os rendimentos provenientes da atuação no aplicativo como uma forma de investimento. Ou seja, aquilo que antes era apenas um momento de diversão, após a jornada de trabalho, passa a ser também um momento no qual consegue obter uma renda extra para investir em outros momentos de diversão, fora das quadras, com a família, ou abater o valor a ser investido em algum bem.

O caso de Van der Sar é diferente do já citado. Ele possui um trabalho de carteira assinada, porém, entende o GDA como fonte de renda também importante, e não somente uma renda extra.

Eu jogo diariamente [...] eu trabalho hoje 12 por 36, e depois do serviço eu vou jogar bola, eu jogo basicamente de domingo a domingo. Eu faço todos os dias, então a gente acaba acostumando. Igual eu falo para minha esposa, quando ela me diz: você vai brincar! E eu falo: Não! Eu vou trabalhar, até porque é remunerado, todo e qualquer trabalho remunerado é um trabalho, e a cobrança é maior também né, quando eu jogo com meus amigos, com a galera, eu acabo tirando uma onda, dou uma zoada, driblo ali atrás. Já no goleiro de aluguel a pegada é mais séria, tem mais responsabilidade. (Van der Sar, informação verbal).

Nesse relato, é possível perceber a seriedade e a importância que Van der Sar dá para as partidas em que ele participa na condição de convocado pelo GDA. Pela assiduidade nos jogos, ele consegue ter uma boa recompensa financeira com as

partidas. Ao ser questionado se ele vê o GDA como fonte de renda ou divertimento, ele afirma:

Fonte de renda! Para mim é fonte de renda! Graças a Deus troquei meu carro pelo App, usando o App, eu consegui dar um pouco mais de conforto para minha família, pelo App eu faço uma meta de jogar 40 jogos mensais, que eu consigo pagar a parcela do meu carro com o GDA. (Van der Sar, informação verbal).

Dada a situação político-econômica do Brasil, que tem se agravado nos últimos anos, a precarização do trabalho tem sido mais intensa. O contingente de desempregados tem aumentado, assim como a migração para plataformas, e com o GDA não é diferente, tem sido o recurso de muita gente que precisa “fazer dinheiro” e, em alguns casos, pessoas com alto nível de escolaridade. Tal como aponta Abílio (2020), esse processo de uberização tem acentuado a precarização das condições de trabalho, e aquilo que tem sido apontado como um retrocesso, pelos estudiosos da economia de plataformas, é justificado como uma possível saída por quem se beneficia dessa economia.

O CEO do GDA, Samuel Toaldo, em uma postagem na sua página na rede social LinkedIn¹⁵, propõe comparar a remuneração obtida via GDA com um trabalho formal de carteira assinada no regime da CLT cujo salário seja equivalente a dois salários mínimos (em média, à época, R\$ 2.200). Para efeitos de comparação, ele divide o valor do salário desse trabalhador hipotético por 44 horas semanais, o que resulta em R\$ 12,50 a hora trabalhada, e argumenta que não estão aplicados aí os descontos previstas pelas leis trabalhistas. A hora paga pelo GDA, dependendo do ranqueamento dos goleiros, pode chegar a R\$ 26,94, o que culminaria, nas contas de Toaldo, em uma remuneração mensal de mais de R\$ 4.700. Ele ainda argumenta que tal remuneração corresponderia à de alguém que ocupa cargos nos quais a exigência mínima de formação é curso superior.

A matemática de Toaldo, além de não considera todos os benefícios e proteção que as leis trabalhistas concedem a quem tem sua carteira profissional assinada, também não leva em conta que, mesmo havendo cobertura de seguro para lesões, incluindo acidentes no caminho de ida e volta, sem custos adicionais, os goleiros teriam de jogar sete jogos por dia nos sete dias da semana, sem descanso nenhum,

¹⁵ Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/goleiro-de-aluguel-ganha-bem-ou-mal-samuel-toaldo>. Acesso em: 20 set. de 2021.

para conseguir tal remuneração por mês. Levando em consideração que durante a semana a maioria dos jogos só ocorrem após as 19 horas, pois os “peladeiros” que convocam os goleiros trabalham durante o dia, a conta matemática torna-se uma mera abstração.

Toaldo também faz comparações entre os goleiros de aplicativo e os atletas de futebol profissional. Cita como fonte de dados a Confederação Brasileira de Futebol, que aponta que 85% dos atletas profissionais ganham até um salário mínimo/mês, e são aqueles que não fazem parte da elite dos clubes das séries A e B no Brasil.

Afirma que o mundo do futebol profissional exige, em média, mais do que 44 horas semanais de dedicação, pois há também viagens para jogos fora da sede do clube. E chega à conclusão que, ao dividir o salário mínimo pelo número de horas dedicadas à atividade, 85% dos atletas profissionais recebem em média R\$ 6,25 por hora.

Após o cálculo, Toaldo complementa dizendo que a situação financeira dos clubes de futebol, em sua maioria, é precária, o que leva a maioria deles a não honrar os compromissos trabalhistas. Algo que, afirma categoricamente, não ocorre no GDA, pois, se não houver pagamento por parte dos contratantes, a plataforma honra o compromisso.

Por fim, Toaldo tece comparações entre o GDA e outros aplicativos do mesmo gênero, mais especificamente com os motoristas de Uber e os entregadores Rappi¹⁶, e chega à conclusão, como não poderia ser diferente, de que há inúmeras vantagens em favor do GDA, e diz que o GDA deve ser utilizado como complemento e nunca como fonte principal de renda. Apesar de ser uma plataforma que surge e se vale do processo de uberização em curso, e do paulatino processo de precarização das relações de trabalho, o GDA possui algumas características que o singularizam em relação aos demais aplicativos de mediação entre contratante e contratado.

Primeiramente, pelo fato de ser uma plataforma criada para um nicho muito específico, dentro de uma prática social já entranhada na cultura nacional, como diz Rodrigo Koch (2020, p. 16), “quase uma monocultura do futebol”, que gera um tipo de envolvimento pautado pela remuneração de algo que se tem gosto em fazer. Muitos deles, caso dos goleiros entrevistados, haviam sonhado em ser, um dia, atleta profissional de futebol, e alguns, inclusive, foram atletas de categorias de base de

¹⁶ Serviço de *delivery* que se diferencia dos concorrentes por entregar, absolutamente, qualquer coisa.

importantes clubes no Brasil, viam o GDA como uma oportunidade para dar sequência ao seu projeto de atleta interrompido.

Dentre os estudos analisados (MANDEL; LONG, 2017; MORAES; OLIVEIRA; ACCORSI, 2019; ABÍLIO, 2020; AMORIM; MODA, 2020), não foi possível encontrar correlações entre o envolvimento de trabalhadores de plataformas, tais como os motoristas de Uber e entregadores do Rappi, pautados pela noção de diversão remunerada, o que faz do GDA uma plataforma singular.

É muito difícil encontrar dentre os motoristas de aplicativos, algo similar, alguém que sonhava em ser, por exemplo, piloto de fórmula 1, e viu na Uber uma forma de dar vazão a essa sensação, e, por não ter conseguido, virou motorista de aplicativo. Ele está ali somente pela remuneração. Não existe diversão remunerada em aplicativos de transporte público urbano.

5.3 VESTINDO A MESMA CAMISA: A FORMAÇÃO DE UM TIME SÓ DE GOLEIROS

Diversão remunerada e/ou renda extra/sustento principal são duas dimensões importantes para entender os motivos pelos quais os entrevistados decidiram ingressar e seguir atuando na plataforma GDA. Contudo, ao analisar o conjunto das entrevistas, foi possível notar outro aspecto que diferencia os goleiros de aluguel não apenas dos outros trabalhadores de plataformas, mas também dos outros goleiros.

Percebe-se que ali existe um grupo unido de goleiros, que se ajuda, confraterniza, dá conselhos, e, principalmente, se sente valorizado e pertencente a um coletivo. Independentemente de estarem defendendo um lado ou outro da quadra, os goleiros de aluguel formam um só time. E vestem, portanto, a mesma camisa!

Para que um goleiro seja contratado com frequência, é necessário cumprir alguns requisitos para obter boa avaliação, tais como: pontualidade; assiduidade; utilização de vestimentas adequadas; bons desempenhos técnico e tático, etc. Quem não conhece o universo das peladas de futebol, pode pensar que o contratante busca somente um goleiro que não tome gols, porém, o relato de Clemer permite entender que não tomar gols é uma dentre tantas virtudes de um bom goleiro:

Teve uma época que eu fiz 50 jogos seguidos ganhando a nota 30 (máxima), e tu acha que eu fiz 50 jogos bem? Obviamente não, eu já notei que o que garante a minha nota boa... eu tenho mais de 430 jogos com nota 30... e não é porque eu fiz uma atuação boa... cara, passa por isso, mas é a minha

vontade a cada jogo, cada jogo é uma decisão, eles me veem muito esforçado, no sentido de que se o time está perdendo e a bola sai na lateral, eu vou lá correndo cobrar, eu jogo adiantado, eu oriento e incentivo, se o atacante perde um gol lá na frente eu digo: vamos lá, na próxima tu faz. Eu converso muito, sou interativo, então, tenho certeza que o que garante esses mais de 430 jogos com nota máxima é mais a minha vontade do que propriamente qualquer tipo de habilidade. (Clemer, informação verbal).

É curioso observar que alguns grupos de peladeiros de futebol levam esses jogos muito a sério, portanto, o goleiro, normalmente considerado o último obstáculo a ser transposto para se marcar um gol, precisa demonstrar um nível de responsabilidade e comprometimento muito alto, mesmo nas peladas. E os goleiros que demonstram tal responsabilidade e comprometimento, acabam sendo bem avaliados, independentemente do resultado das partidas.

Os goleiros entrevistados, principalmente os de Porto Alegre, cidade onde a plataforma ainda não era tão divulgada, relataram que, ao comentar com amigos e parentes que são goleiros de aluguel, geralmente, a reação das pessoas foi de surpresa. Veloso relata que, ao comentar sobre a sua função, com uma colega de trabalho, ela reagiu da seguinte forma: “Não acredito que esses caras não têm um gordinho lá para botar no gol”, e ele respondeu-lhe o seguinte:

Não, eles não têm. Por isso que eles me contratam, daí eu vou lá, o gordinho, e jogo para eles, só que eles me pagam para isso..., mas o pessoal fica surpreso, às vezes nem sabem que existe o aplicativo, e aí já fazem aquela ligação... é tipo Uber de goleiro, quando precisa de goleiro chama o aplicativo e o goleiro vai. (Veloso, informação verbal).

É interessante notar que a ideia de “qualquer um” que não tenha tipo físico ou habilidade para jogar na linha pode servir de quebra-galho e atuar no gol, tal como um complemento que não atrapalharia o andamento da pelada. E, em muitos lugares, a pelada de futebol segue tendo esse espírito; contudo, a existência do GDA é um indicativo de que a figura do “quebra-galho” vai perdendo espaço nas peladas de futebol levadas a sério, tanto que se investe na contratação de goleiros especificamente para atuar nessa posição, algo que não ocorre com as demais posições de linha.

É possível notar que a maioria dos jogadores de linha não gosta de atuar como goleiro. Nas peladas de futebol levadas a sério que não têm goleiros de ofício, quer seja integrante do próprio time ou goleiro de aluguel, adota-se o rodízio de jogadores de linha no gol, que ocupam a posição por tempo determinado ou até tomar um gol, o

que gera incômodo e às vezes desavenças entre integrantes de uma mesma equipe, pois, não raras vezes, no afã de voltar logo para a linha, os que estão momentaneamente no gol acabam não se esforçando tanto para evitar os gols adversários.

Alguns grupos de pelada estabelecem, por critérios internos, que o pior jogador da linha fique mais tempo no gol, o que pode levar esse sujeito a se desenvolver mais como goleiro, e assim encontrar um lugar no qual pode colaborar com o grupo, ou, então, a desistir de fazer parte de grupos de pelada de futebol que têm essa característica. Conforme relata Zetti, esse tipo de situação é que levou à criação do GDA, que, por sua vez, vem produzindo uma nova forma de se ver o goleiro de peladas de futebol:

Através do App, a posição foi mais valorizada nas peladas... não é o pior jogador que vai no gol. Você quer uma qualidade ali, você quer uma posição com qualidade. Então, eu acho que a monetização disso, você pagar por essa qualidade mostra... os números estão aí para mostrar que é real isso, mostra que as pessoas querem isso, eles querem qualidade dentro do gol. Por mais que tenha a desvalorização natural da posição, da pressão que ela carrega... tanto que, numa pelada, todo mundo paga para jogar, e esse cara recebe. (Zetti, informação verbal).

É impressionante observar como o GDA é visto pelos goleiros entrevistados como uma ferramenta de valorização da posição, no universo das peladas de futebol. Cabe lembrar que os entrevistados foram aqueles mais bem avaliados, portanto, os que demonstraram mais responsabilidade, compromisso e desempenho. E levando em consideração que muitos deles chegaram a projetar uma carreira de atleta de futebol, mais especificamente na posição de goleiro, o fato de haver um aplicativo que agrega valor econômico à função em peladas de futebol faz com que esses goleiros apoiem, e, literalmente, vistam a camisa do aplicativo. Teve casos, inclusive, de goleiros que fizeram questão de se fardar como goleiros e usar a camiseta do GDA na hora da entrevista.

Esse sentimento de valorização é tão forte que alguns goleiros chegam a dar preferência ao jogo no qual são convocados pelo aplicativo do que um jogo marcado pelo grupo de amigos, conforme se percebe no relato de Clemer:

Eu até comento com meus amigos. Eles falam: Tu vai jogar com a gente, não vai cobrar, né? Eu falo: óbvio que não. Mas vou sempre dar prioridade para o GDA, se tiver um jogo no mesmo horário do teu, eu vou no do App. Não é só pelo fato de pagarem, mas com o comprometimento que tenho com o App. (Clemer, informação verbal).

Apesar de Clemer ressaltar em sua fala, a opção pelo jogo marcado pelo GDA, em vez de um jogo marcado pelos amigos, não está relacionada à remuneração, pesa também o fato de que a plataforma oferece premiações e bonificações de acordo com o número de partidas jogadas e avaliações positivas recebidas, então, isso faz com que os goleiros mais engajados procurem estar sempre a postos para atender aos chamados e busquem ter um bom desempenho para seguir com a boa reputação na plataforma.

Como já evidenciado, a plataforma fica com uma porcentagem do valor pago pelo contratante a título de intermediação. Muitos goleiros são contratados mais de uma vez para jogar por um mesmo grupo de peladeiros. Há casos de goleiros convocados com regularidade para partidas de determinados grupos, o que poderia levar à contratação direta desses goleiros, ou seja, sem a intermediação do GDA. Mais de um entrevistado relatou que já ocorreram casos de contratantes oferecerem a eles a possibilidade de serem contratados por fora do aplicativo, diminuindo, assim, o seu gasto e o goleiro podendo ganhar um pouco mais, já que não seriam deduzidas do valor a receber as taxas de intermediação.

Mas, em todos os casos relatados, os goleiros disseram ter recusado a proposta, mostrando, assim, um grau de comprometimento com os princípios do aplicativo que parece inusitado, nesse universo da uberização dos serviços. Courtois, por exemplo, chegou a mencionar que aceitar propostas dessa natureza seria uma forma de corrupção.

[...] tem uns e outros aí que são meio corruptinhos, assim, e perguntam: poxa, mas você não faria por fora? Quanto que você ganha? Não quer ganhar mais? Daí eu respondo que não compensa.... Pô, eu nunca ganhei dinheiro para jogar bola, aí sempre que fazem essa pergunta, ou surge uma proposta, eu recuso e explico que assinei um termo como todos os outros goleiros e que, se me pegarem jogando por fora, eu tenho que pagar uma multa, além de ser bloqueado. Como vou trair a empresa que está me ajudando? Aí já emendo e digo que tem como a pessoa me chamar exclusivamente pelo aplicativo, e já explico como funciona. (Courtois, informação verbal).

É curioso notar, na fala de Courtois, que há uma mistura de lealdade com o GDA pelas portas abertas ao goleiro de ofício, que agora é valorizado também nas peladas de futebol, mas também menciona o receio de ser punido pela empresa por fazer algo que estaria fora das regras. É difícil precisar o que pesa mais em uma situação como essa, mas dá para afirmar que essa fala explicita os dois lados da moeda, pois, ao mesmo tempo em que Courtois demonstra respeito e gratidão à

plataforma que o convoca para as partidas, e o remunera por isso, ele também sinaliza que a assinatura de um termo de compromisso o mantém atrelado, mesmo que sem vínculo empregatício, às penalidades da plataforma.

A última pergunta da entrevista solicitava aos goleiros que definissem o GDA em uma palavra ou frase, e as respostas com mais recorrências foram as que remetiam à ideia de oportunidade e de ser algo inovador. Ou seja, os goleiros demonstraram gratidão não apenas por participarem da plataforma, mas também pela valorização da posição e possibilidade de jogar e, ainda mais, ganhar para isso.

Marcos também vai nessa mesma linha, e destaca uma relação tácita de parceria entre os goleiros e a plataforma GDA, na qual todo mundo sai ganhando, portanto, não compensaria “jogar por fora” do aplicativo.

[...] geralmente é um espanto, porque quase ninguém conhece... eu comento e explico como funciona a situação, e o pessoal pergunta se eu não faço por fora, que eu poderia estar ganhando uma porcentagem maior por jogos. Daí eu explico como funciona a dinâmica, que o App fica com uma porcentagem... o pessoal traz muito pra esse lado da renda, sabe, e tu tem que explicar que tem um ranking, enfim, tu tem que ajudar também os cara, pô, eles que tão fazendo eu jogar né, eles que criaram isso. Enfim, é a partir deles que estou conseguindo jogar e ter essa diversão e essa renda extra, então, vem toda uma questão e vejo que o pessoal de fora enxerga muito como uma questão financeira, mas, claro, tem o pessoal que acha bem legal a ideia, já até troquei uma ideia com o pessoal, que até só baixou o App e acabou contratando goleiro mais para a frente. (Marcos, informação verbal).

A relação de parceria com a plataforma chega a ponto de os atuais goleiros atuarem também no processo de captação de novos goleiros. Clemer relata ter convidado seu colega de trabalho para ingressar no GDA no ano de 2019, e hoje em dia jogam quase sempre juntos. Por já estarem mais engajados com a plataforma, a maioria das suas partidas são de grupos que já os conhecem e que jogam semanalmente, e, por essa razão, eles são sempre chamados de forma exclusiva.

Numa partida de futebol, uma equipe sempre tenta superar a outra em busca da vitória, até mesmo em peladas de futebol, os jogos nos quais dois goleiros de aluguel atuam simultaneamente, um defendendo um time num lado da quadra e outro defendendo o time adversário no lado oposto, é possível perceber um clima amistoso entre os goleiros, que chegam até a apostar o café do dia seguinte, a ser pago pelo perdedor, apenas para adicionar um “tempero” competitivo na relação laboral ali mediada pelo GDA.

É interessante observar que, além da relação de parceria com a GDA, e de literalmente vestirem a camisa da empresa, há também a prática de companheirismo, entre os goleiros de aluguel, que ultrapassa as regras de competição entre adversários em uma quadra de futebol. Ao vestirem a camisa da empresa em todos os jogos, até mesmo nas entrevistas, eles não apenas se identificam como goleiros de times de pelada de futebol, mas como integrantes de uma rede que gera um sentimento de pertencimento e uma rede de solidariedade. A fala de Buffon remete a essa noção.

[...] isso que nos leva, às vezes, a auxiliar um goleiro que se machuca, ou que não consegue comparecer de última hora. Então, a gente, ali dentro do App e dentro dos nossos grupos pessoais de WhatsApp, a gente conversa, troca ideia, para saber como eles estão, o que tá acontecendo, se o cara tá bem, se ele não tá. Então, a gente acaba sendo um grupo bem unido em relação a isso, a premiação vem, ela vai vim para alguém, mas geralmente é para aquelas pessoas que colocam mais tempo naquilo ali, que não é o meu caso, que não é o caso de talvez 50%, ou até mais, de pessoas que fazem o App, que é uma renda extra né. (Buffon, informação verbal).

Essa função, vista como ingrata, ao mesmo tempo em que exige esforço e dedicação, tem também seu lado descontraído. E o goleiro, antes retratado na literatura como uma figura solitária, condenada a estar debaixo das traves enquanto os demais correm campo afora, hoje, também, pode ser visto, especialmente por quem atua como goleiro de aluguel, como um coletivo, um grupo que foi consolidando uma relação de pertencimento à rede de goleiros construída por esse aplicativo, que se reconhecem como grupo por desempenharem um papel similar dentro das partidas e que se ajuda fora e dentro de quadra.

Rogério Ceni conta que *“[...] a gente é amigo, todo mundo conversa. Eu sou até mais acolhedor. Quando eu vejo que é um novato e fica excluído, eu tento chegar perto e conversar [...] tirar alguma dúvida”*. (Rogério Ceni, informação verbal).

Assim como em Porto Alegre/RS, em Curitiba/PR, os Goleiros de Aluguel também possuem grupos no WhatsApp, o que facilita a comunicação e estreita os laços entre eles.

[...] alguns goleiros acabam tendo mais amizade, eu mesmo conheço muitos goleiros. Tem uns goleiros que eu acabei criando uma amizade, não só em quadra, mas já fui na casa do cara; já me chamaram para churrasco; mas a gente tem o grupo aqui, os “guapo véios” e são os goleiros da região que a gente joga e tem uma comunicação muito bacana. Eu tento ajudar muito

goleiro novo, que entra no aplicativo. Dando dicas, mostrando como que funciona, já dei camiseta do Goleiro de Aluguel para os caras, porque ajuda bastante, então acho que é importante isso. (Van der Sar, informação verbal).

Os goleiros de aluguel ajudam-se mutuamente, tanto dentro quanto fora das quadras. Há situações nas quais o goleiro contratado não pode comparecer por algum motivo importante, e então indica o nome de um companheiro de GDA para ser contratado de forma exclusiva. Essas relações reforçam-se em momentos de celebração entre eles mesmos, conforme relata Marcos:

[...] e a gente chegou a fazer dois churrascos, e, além disso, a gente tem esse grupo ainda aí, que daqui a pouco tem um jogo exclusivo que não vai poder ir e tu pergunta para o pessoal, e logo que alguém se manifesta positivamente, e a gente passa o nome para o contratante e ele já chama exclusivo também. A gente, no que pode ajudar o pessoal ali, se ajuda, até porque perderia a essência, o negócio. O objetivo é tá de boa com o pessoal, tu ganhar e se arriar no outro ou perder e tomar, né. Não adianta, o importante é tu está na amizade, né... brincando... tá todo mundo conseguindo jogar né, isso que é o legal também. (Marcos, informação verbal).

É curioso notar que a noção de pertencimento faz com que os goleiros de aluguel formem um grupo à parte, que se desvincula simbolicamente da ideia de pertencimento a um time de pelada de futebol, e, no final das partidas, confraternizam em churrascadas que envolvem todos os integrantes, incluindo os goleiros. No caso, os goleiros da GDA fazem parte de um time só, e formam um grupo que possui um nicho muito particular, que coloca em outro patamar a relação de companheiros e adversários, de coletivo e individual, no mundo do futebol de pelada.

Nesse nicho particular no mundo do futebol, dada as relações de amizade que nele emergem, a rede de apoio entre os goleiros de aluguel é estabelecida em diferentes dimensões, até mesmo no que se refere aos aspectos técnicos e táticos. Diferentemente de quando jogamos uma partida de futebol com os amigos, ao ser contratado pelo GDA, a responsabilidade do goleiro passa a ser muito maior, o que exige de quem se dedica a essa tarefa um foco redobrado.

Alguns goleiros afirmaram que o fato de jogarem com pessoas diferentes a cada partida, com graus de habilidade e de preparo físico diferentes, faz com eles acabem aprimorando a sua leitura do jogo, bem como do aplicativo, e, conseqüentemente, evoluindo em diversos aspectos.

Sim sim, mudei bastante... tu vai pegando experiência, ainda mais que tem vezes que tu joga mais de uma vez, eu comecei eu era devagar, não tinha habilidade, agilidade, não pensava rápido, como goleiro de aluguel fui pegando experiência, fui evoluindo no Goleiro de Aluguel, e ele me mudou bastante no meu jogo, na minha maneira de jogar também. (Rogério Ceni, informação verbal).

Além da responsabilidade ser maior, o número de partidas semanais aumenta também; assim, os próprios jogos tornam-se uma forma de treinamento, que melhora o desempenho do goleiro nos jogos.

[...] a possibilidade de jogar mais de uma vez na semana... antes do App, eu acabava brincando mais com o pessoal na pelada; geralmente, eram um ou dois jogos na semana, e quando começou a ter bastante convocação tu conseguia jogar os 5 dias da semana, e pra um goleiro, tu ter esse ritmo de jogo, sempre jogando... pega um jogo de gurizada, um jogo de veterano, tu consegue passar por bastante estilo de jogo e acaba até evoluindo mais assim... peguei mais experiência, pra mim foi bem vantajoso nessa parte do ritmo de jogo. (Marcos, informação verbal).

Com os aprimoramentos técnico e tático, os goleiros também melhoram a sua comunicação e suas relações interpessoais, como relata Clemer, ao ser questionado sobre como ele percebe a posição de goleiro após seus quase 500 jogos pela plataforma:

Acho que aprimorou mais... quando comecei, eu era mais na minha, mas eu tive um professor na época do Grêmio que disse que eu tinha que conversar e analisar a partida e instruir o time, me deu orientações de vídeos de como posicionar a zaga, como falar em cada momento onde tá a bola, enfim, eu comecei a estudar isso porque eu pensava em seguir carreira nessa época... quando eu entrei no Goleiro de Aluguel, eu pensei que seria uma barreira que iriam pedir pra eu calar a boca e parar porque estava sendo chato pois eu estou sendo pago, mas eles acabam gostando, eu sou um cara que vibra muito a cada gol, independente se for pelada, ou campeonato, eu sempre priorizo vencer o jogo. (Clemer, informação verbal).

Além disso, o goleiro conta que seu sonho sempre foi ser goleiro profissional, e chegou até a jogar em times profissionais nas categorias de base, porém, teve que parar, em função de problemas respiratórios. Parou profissionalmente, porém nunca deixou de jogar com os amigos, e depois que ingressou no GDA passou até mesmo a contabilizar suas atuações.

[...] eu faço um scout de mim mesmo... anoto todos os gols que tomei, que eu analiso como falha ou não, então graças a Deus em quase 500 jogos, eu tenho muito mais vitórias que derrotas, me preocupo com isso, quando me perguntam por que eu vibro tanto, mesmo sendo uma pelada, é porque eu falo... é importante porque eu tento sempre me superar e ser melhor que eu mesmo, minha competição é comigo mesmo. (Clemer, informação verbal).

Outro dado importante, observado nas entrevistas, é que todos os 17 entrevistados sempre jogaram futebol na posição de goleiro, e 12 deles participaram de, no mínimo, escolinhas de futebol; alguns deles, inclusive, chegaram a atuar em equipes juvenis de clubes de futebol profissional. Desde cedo, portanto, já demonstravam vocação para jogar como goleiro, e que não estão no GDA por acaso.

Dez goleiros relataram que jogam, ou já jogaram em futebol amador; três chegaram a jogar em clubes profissionais, e quatro participaram de competições escolares. Um deles, inclusive, recebeu uma bolsa de estudos em uma escola particular durante todo o Ensino Médio, com a condição de treinar e jogar nos campeonatos pela escola.

Pode-se perceber que jogar como goleiro está em suas “correntes sanguíneas”; eles têm vocação para tal e encontram, através do GDA, uma possibilidade de jogar como goleiro. São goleiros de ofício que, por um motivo ou outro, tiveram seus projetos de atletas profissionais interrompidos e viram no GDA uma forma de retomar a “carreira” e receber algum tipo de remuneração.

Em um jogo de futebol profissional, raramente são vistos goleiros de times opostos se cumprimentando, após uma partida, a não ser os que já se conhecem de outros lugares ou atuaram juntos em outros tempos. Porém, no GDA é diferente, por mais que durante a partida busquem o melhor desempenho possível, seja para receber uma nota boa ou para ajudar o seu time a vencer, é possível perceber uma relação próxima e amigável entre os goleiros de aluguel, conforme relata Clemer:

Durante a partida acontece de contratante mais exaltado criticar de uma forma mais ofensiva, de dizer que está pagando e querer humilhar. Nesse caso [...] é uma humilhação mesmo. Aconteceu uma vez, eu estava no outro gol, e eu não aceitar e ir lá tirar pelo outro goleiro companheiro de App, e meio que virar uma discussão. Nesse caso, nem foi o contratante, foi o cara que estava jogando. Eu fui lá tirar satisfação e dizer que não poderia estar falando daquela forma. E aí o contratante do jogo, mesmo, entendeu o nosso lado de goleiro de aluguel e pediu para o cara que estava exaltado sair. (Clemer, informação verbal).

Neuer, que joga pelo GDA no estado de São Paulo, diferente de Clemer, que joga no Rio Grande do Sul, relatou caso parecido.

Uma vez estava em uma partida e estava outro goleiro também do App. É aquela história, quando acontece um gol a culpa é sempre do goleiro. Mas ali naquele caso eu fui um defensor do outro goleiro do App. Teve um cara que se excedeu nas reclamações e eu tive de intervir, e o outro goleiro quase abandonou a partida. (Neuer, informação verbal).

Isso mostra que, independentemente do lado da quadra que estão defendendo, os goleiros de aluguel preocupam-se com os seus pares; jogam em lados opostos da quadra, mas atuam no mesmo time; fazem parte de uma rede de goleiros; veem-se como um coletivo. Procuram ajudar e proteger os colegas, pois amanhã, o que aconteceu com o outro, pode vir a acontecer com eles mesmo. Não é à toa, portanto, que vestem a mesma camiseta. Em certa ocasião, para ajudar o colega, Buffon conta que:

[...] aconteceu de eu abrir mão de um jogo meu para poder salvar o jogo de um outro colega que se machucou. Eu cheguei uns minutos antes para a minha partida, e estava assistindo um jogo [...] o goleiro caiu de mal jeito e não ia conseguir voltar para a partida, então, eu entrei no lugar dele e pedi para outro goleiro de aluguel que estava no local e não tinha nenhum jogo marcado para jogar o jogo em que eu havia sido contratado [...] acabei entrando no lugar dele ali para salvar a pontuação dele né. (Buffon, informação verbal).

Em nenhum momento Buffon preocupou-se com sua posição no *ranking* ou com a sua própria partida; sem pensar duas vezes, ele se disponibilizou a ajudar o seu colega de “time”. Isso mostra que, por mais que exista um *ranking* que leve os melhores colocados a ganharem mais bonificações, em primeiro lugar, está o coletivo, pelo menos entre os goleiros mais bem ranqueados que concederam entrevistas para esta pesquisa.

A criação de grupos só dos goleiros de aluguel no WhatsApp já é um indicativo da necessidade da criação de uma rede de contato para que possam uns apoiar os outros. Clemer explica como aconteceu o processo de criação do grupo de WhatsApp para o qual, conforme já mencionado, eu fui convidado a participar:

Quando eu conseguia jogar mais partidas pelo GDA, em um mês, eu fui o segundo lugar do Rio Grande do Sul, então, sempre ajudei os mais novos. Então, eu e mais dois goleiros fizemos um grupo no WhatsApp, logo que a gente começou também, para colocar todos os goleiros que a gente via nas

quadras, para que a gente pudesse se ajudar e trocar uma ideia. Então, a gente se reunia e tal, mas daí, com a pandemia, ficou mais complicado. (Clemer, informação verbal).

Pertencente a esse grupo, Buffon contou um pouco mais detalhadamente sobre o funcionamento.

[...] a gente conversa, a gente joga conversa fora, a gente fala sobre lances de goleiros, né. Inclusive, a gente meio que conversa bastante sobre futebol europeu, de como é que os goleiros europeus saem, como é que eles jogam, como é que eles veem o jogo, né. Então, assim, a gente acaba tendo uma dinâmica dentro do grupo de debate mesmo, né [...] então, a gente é um grupo que a gente tem um contato, né, fazendo assim como os motoboys e o grupo de taxista, tem o grupo deles, agora tem o grupo dos goleiros de aluguel coletivo assim... unido. (Buffon, informação verbal).

Quanto mais engajado com a plataforma o goleiro está, maior será o número de chamadas exclusivas que ele receberá, e pode acontecer de ser convocado para dois jogos no mesmo dia e horário. No grupo do WhatsApp, eles também se ajudam nessa questão (Figs. 12 e 13).

Figura 12 – Conversa no grupo de WhatsApp do GDA



Fonte: WhatsApp. Acesso em: 18 nov. de 2020.

Figura 13 – Conversa no grupo de WhatsApp do GDA

Fonte: WhatsApp. Acesso em: 24 nov. de 2020.

A solidariedade entre os goleiros de aluguel deve ser destacado e apontado como um expressivo resultado encontrado neste estudo. O GDA mobiliza uma série de novas relações, no âmbito específico das peladas de futebol; gera um tipo específico de pertencimento; e propicia a construção de outras formas de interação social, dentro do futebol de pelada. Por mais críticas que possamos fazer ao processo de uberização da sociedade, de modo geral, e todas elas são absolutamente pertinentes, dadas as características singulares da GDA é possível vislumbrar um tipo de representação social bastante peculiar, dentro desse universo particular dos goleiros de futebol.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol sempre esteve presente na minha vida, seja assistindo ou jogando. E foi numa dessas peladas da vida que me deparei, pela primeira vez, com o GDA, por meio de um colega de faculdade. Naquele momento, jamais pensei que aquela situação inusitada no meio do futebol pudesse vir a se tornar alvo de um estudo acadêmico, ainda mais de uma dissertação de Mestrado.

Depois de convencido que, sim, o tema era suficientemente potente para o desenvolvimento de uma pesquisa, passei a pensar na forma de organização do estudo. A ideia inicial do projeto era compreender de que forma o processo de precarização do mundo do trabalho reposicionava o campo de atuação do profissional de Educação Física. Para tanto, precisava encontrar sujeitos que tivessem formação em Educação Física e fossem goleiros no GDA, para dar conta de construir a parte empírica do estudo, assim como articular os estudos sobre precarização do trabalho e formação profissional para sustentar as análises posteriores. Porém, na medida em que não encontrei goleiros de aluguel que fossem formados em Educação Física, precisei redirecionar o foco da discussão.

Em vez de problematizar as questões ligadas à precarização da formação profissional, julguei prudente investigar as questões relacionadas ao GDA sob a ótica da TRS, para assim compreender de que modo os goleiros de aluguel vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol, por meio da mediação dessa plataforma digital. Dentro dessa nova perspectiva, aumentavam as chances de encontrar voluntários para fazer parte da pesquisa, assim como de articular os estudos relacionados à TRS com os da uberização.

O advento da pandemia de Covid-19, como não poderia ser diferente, tornou o processo de organização do projeto de pesquisa mais complicado, pois, além do fechamento das quadras, a suspensão das aulas presenciais e o cenário de incertezas que tomou conta das nossas vidas trazia dificuldades adicionais. Depois de passar um ano de 2020 bastante difícil, no que se refere às questões econômico-sanitárias, mantinha esperanças de que, em 2021, as coisas paulatinamente, voltariam ao lugar. Contudo, o pico do contágio e mortes no Brasil ocorreu entre os meses de março e abril de 2021, o que levou à sensação de que a pandemia de Covid-19 parecia não ter fim.

Além da preocupação com tudo o que estava ocorrendo, pensava que seria bem difícil encontrar goleiros de aluguel dispostos a participar de entrevistas para uma

pesquisa de mestrado. O fato de ter sido convidado por um ex-colega de faculdade a participar do grupo de WhatsApp dos goleiros de Porto Alegre abriu-me uma janela importante para o processo de aproximação com os demais goleiros. E depois de expor naquela rede social as intenções desta pesquisa, a receptividade deles à proposta foi decisiva para a construção desta dissertação de mestrado.

O resultado dessa interação foram as entrevistas de 17 goleiros de aluguel, que enriqueceram enormemente a visão sobre esse fenômeno da uberização das peladas de futebol e permitiram perceber outras formas de representações sociais sobre os goleiros, a partir da implantação do GDA.

Em relação ao marco teórico do trabalho, cabe destacar que, pelo fato de ter tido pouco contato com os estudos da TRS e da uberização, o trabalho de apropriação dos pressupostos das principais obras e autores foi muito intenso e bastante complexo. No caso na TRS, optei por iniciar as leituras pelos comentários dos autores mais consagrados sobre o tema - Moscovici, 2007; Jodelet, 2001; Sá, 1998 - , para depois investir nas obras mais clássicas.

Também foi fundamental, para compreender as representações sociais sobre o universo particular dos goleiros, ter mapeado e analisado os estudos brasileiros sobre o futebol, que se encontram em grande número, para então lidar com a escassez de fontes, especificamente sobre goleiro, na literatura. Contudo, mesmo não tendo tantos materiais, foi possível identificar que a forma como o goleiro vem sendo retratado é como uma posição ingrata e uma figura solitária, que fica quase apartada do jogo por estar majoritariamente embaixo das traves.

Já em relação aos estudos sobre uberização, começamos situando as principais modificações no campo do trabalho a partir da obra *Era do Acesso*, de Jeremy Rifkin (2001) e depois investindo nos trabalhos de Abílio (2020) que tratam especificamente dos processos de precarização do trabalho, acentuados pelas plataformas de mediação de serviços, como são os casos da Uber e da Rappi.

Cabe ressaltar que esse processo de construção do marco teórico possibilitou a escrita de dois artigos diretamente ligados à dissertação. O primeiro deles, em coautoria com Felipe Freddo Breunig e o orientador desta dissertação, Alex Branco Fraga, e publicado no periódico *Caderno de Educação Física e Esporte*, trata das representações sociais de fundo racista em torno do goleiro negro, no contexto do futebol brasileiro, que se construíram a partir da falha do goleiro Barbosa, na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã. E o segundo, com publicação prevista para abril de 2022, na revista *Ciências do Trabalho*, é um artigo em que se descreve a

plataforma GDA e a situa no universo das plataformas digitais, tema do número especial da referida revista.

Sem dúvida, o processo base de mais aprendizagem foi a produção das análises da materialidade empírica, por meio das entrevistas. Assim como ocorreu com o processo de construção do marco teórico, também foi necessária a apropriação dos fundamentos e procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. A oportunidade de fazer algumas disciplinas no PPGCMH permitiu-me entender o processo de congruência teórico-metodológica, e, com o auxílio do meu orientador e dos colegas de grupo, optei pela Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006).

Ao seguir os seis passos dessa metodologia, foi possível processar as falas dos 17 goleiros que estavam cadastrados na plataforma, há pelo menos um ano, e que haviam completado pelo menos 50 partidas, à época do recrutamento, resultando na montagem de três categorias: (1) “Diversão remunerada: uma forma de diminuir os custos de jogar no gol”, que reúne manifestações dos goleiros entrevistados sobre o fato de serem pagos para fazer algo que já praticavam por gosto; (2) “Renda extra/fonte de sustento: uma forma de render como goleiro” reúne manifestações dos goleiros que têm uma fonte de renda e utilizam os recursos obtidos na plataforma para despesas extras, ou investimento, e também aqueles que, em decorrência da deterioração da economia e precarização das relações de trabalho, passaram a depender da plataforma como principal fonte de sustento; (3) “Vestindo a mesma camisa: a formação de um time só de goleiros” reúne manifestações dos entrevistados que permitem visualizar um aspecto que diferencia os goleiros de aluguel não apenas dos outros trabalhadores de plataformas, mas também dos outros goleiros.

Além de demonstrarem compromisso e fidelidade à plataforma, os goleiros também se percebem como um grupo solidário, que se apoia mutuamente e, principalmente, sentem-se valorizados por pertencerem a esse coletivo. Independentemente de estarem defendendo um lado ou outro da quadra, os goleiros de aluguel formam um time só. Vestem, portanto, a mesma camisa.

As duas primeiras categorias estão mais vinculadas ao modo como cada goleiro vive esse universo específico do GDA, seus interesses, suas vontades, suas preferências, suas motivações, suas necessidades, em relação à plataforma. É interessante destacar que alguns goleiros, dependendo da situação que estão passando, utilizam o GDA com objetivos diferentes; num dado momento da carreira dentro da plataforma, podem estar lá para obter uma renda extra, mas, em momentos

de aperto, podem também utilizá-la como fonte de sustento, o que, de certo modo, se assemelha a outras plataformas, como Uber ou Rappi. Já a diversão remunerada, que mobiliza praticamente todos os goleiros de aluguel entrevistados, é um dos elementos de diferenciação mais acentuada entre o GDA e outras plataformas do gênero.

Em suma, a motorista de Uber pode até utilizar a plataforma como renda extra, e, dependendo da necessidade, tomá-la como sua fonte de sustento, porém, não se encontrou na literatura especializada relatos de que a diversão seja uma marca de quem transporta passageiros pelo Uber ou entrega comida pelo Rappi.

Quanto à última categoria, “vestindo a mesma camisa”, cabe destacar que surgiu nas falas como algo bastante surpreendente, pois muda a forma como usualmente os goleiros são percebidos, e como os próprios goleiros percebem a si mesmos como um coletivo. Para quem olha de fora, especialmente os peladeiros que contratam os goleiros de aluguel, é estranho se deparar com uma figura que vem cumprir uma função específica e que não tem vínculo com os companheiros de time.

Os goleiros de aluguel formam um grupo à parte, um time só de goleiros, que se ajuda mutuamente, que se sentem parte de um coletivo, que são parceiros da empresa que abriu tal oportunidade, aliás, palavra mais usada por eles para definir em uma frase o GDA. Essa plataforma produziu uma forma de representação de goleiros bastante diferenciada daquelas que circulam com mais frequência no cenário futebolístico, quer seja profissional, amador ou de lazer.

Enfim, um conjunto de situações permitiu esboçar algumas respostas para o problema de pesquisa que guiou o trabalho de investigação empreendido nesse turbulento período da pandemia de Covid-19, e resultou neste relatório final.

Apesar dos destaques feitos em relação aos resultados, é importante também citar as limitações do estudo. A primeira limitação, apesar de muitos não considerarem assim, é que esse trabalho de pesquisa foi orientado pela TRS, com opção metodológica pela Análise Temática. Isso significa dizer, por exemplo, que se o estudo tivesse sido baseado na etnografia, ou análise de discurso, os resultados poderiam ter sido diferentes. A teorização é um elemento fundamental no processo analítico, portanto, não há como escapar das escolhas, contudo, é possível concluir que os resultados estão também afetados pela lente teórico-metodológica que orienta esta dissertação.

A segunda limitação a ser apontada é o fato de não foi possível investir mais detidamente em questões relacionadas ao esporte, no âmbito do lazer, algo que poderia ter propiciado um entendimento mais apropriado sobre o universo específico

do futebol de peladas, pois foi possível perceber, em algumas falas, questões que tangenciavam essa possibilidade temática.

A terceira limitação do estudo refere-se à pandemia vivida na atualidade. As perdas foram muito vastas e de várias ordens; talvez, daqui há alguns anos poderemos dimensionar tudo o que nos foi retirado, por causa dessa tragédia econômica, política e sanitária que assola nosso país.

De modo pontual, a paralisação das aulas, logo quando iniciava o segundo semestre no curso de Mestrado me afastou dos encontros semanais com o grupo de pesquisa; do compartilhamento de dúvidas e novidades com os colegas e o orientador; e levou à prorrogação da banca de qualificação; e demais dificuldades que atrapalharam o meu processo de formação e o avanço da minha dissertação.

O andamento da pesquisa também foi prejudicado, especialmente no que se refere à geração dos dados empíricos, que seria realizada por meio de entrevistas presenciais com sujeitos que utilizassem o aplicativo do GDA. Em função das quadras esportivas estarem fechadas ao longo de quase todo o período de desenvolvimento da dissertação, as visitas aos locais de atuação dos goleiros de aluguel, etapa considerada extremamente importante para ampliar o potencial de análise, foram inviabilizadas, exigindo a necessária busca de outras ferramentas para que esse processo se realizasse de forma remota.

A quarta limitação apontada é que, pelo fato de serem entrevistados somente os goleiros melhor ranqueados, não tivemos acesso a informações que ilustrassem aspectos pertinentes a goleiros que não são convocados com tanta frequência, como os novatos ou menos habilidosos. O tema do cancelamento de uma convocação, por exemplo, que é comum nas plataformas de transporte, como Uber, não ocorre com goleiros bem ranqueados, mas é possível que venha a ocorrer com goleiros que têm notas mais baixas, o que teria produzido mais elementos sobre o tratamento dado aos goleiros do GDA.

Apesar das limitações elencadas, este trabalho gera contribuições interessantes e originais sobre o nicho particular dos goleiros de aluguel dentro do escopo das representações sociais. Antes visto como uma figura solitária, o goleiro passa a se ver como parte de um grupo solidário, um coletivo que se ajuda; um só time. Além dessa mudança mais geral, também é possível destacar que, antes da existência do GDA, quem atuava como goleiro nas peladas era o “gordinho”, ou o menos qualificado; um qualquer que estivesse disposto a assumir a “bronca”. Já com

a plataforma, o goleiro passou a ser mais valorizado dentro das peladas, tanto que é o único que recebe para jogar. Ao contratar um goleiro, espera-se alguém de qualidade para desempenhar a função.

Por fim, cabe dizer que esses achados e o modo como o trabalho foi desenvolvido pode vir a ser mais uma referência para quem tenha interesse em estudar os impactos do processo de uberização das práticas corporais de um modo geral e como esse fenômeno altera as dinâmicas sociais no mundo do futebol.

7 REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. Uberização: A era do trabalhador *just-in-time*? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020.

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**, Goiânia: AB Pesquisa, 1998, p. 27-38.

ALMEIDA, A. M. O. A pesquisa em representações sociais: Proposições teórico-metodológicas. *In*: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (orgs.). **Diálogos com a teoria da representação social**, Recife: EDUFPE/Edufal, 2005, p. 117-160.

ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, 24(3), p. 713-737, 2009.

ALVES, G. Toyotismo, novas qualificações e empregabilidade: Mundialização do capital e a educação dos trabalhadores no século XXI. **Revista Educação**, Maceió, v. 10, n.16, p. 1-15, 2003.

AMORIM, H.; MODA, F. Trabalho por aplicativo: Gerenciamento algorítmico e condições de trabalho dos motoristas da Uber. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, n. 22, p. 57-71, 2020.

APOLINÁRIO, V. A racionalização taylorista da produção e do trabalho. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**, v. 5, p. 31-42, 2016.

ARRUDA, A. Despertando do pesadelo. **Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações Sociais**, 2, p. 229-258, 2005.

AUGUSTO, A. Futebol, Camus e a solidão do goleiro. **Utopia**, v. 25, p. 29-31, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOGDAN, R.; BIRTEN, S. K. **Qualitative research for education**: An introduction for theory and methods. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77-101, 2006.

BREUNIG, F. F.; OLIVEIRA, D. M.; FRAGA, A. B. Jogada ensaiada: Representações sociais da figura do goleiro no futebol brasileiro pós Barbosa. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 2, p. 101-106, 2021. DOI: 10.36453/cefe.2021.n2.27702. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27702>. Acesso em: 25 out. 2021.

CAMPOS, F. R. G. O espaço de representação do futebol: Uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. **RA'E GA**, Curitiba, n.11, p. 35-49, 2006.

CHARTIER, R. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CUNHA, V. M. P. **Repensando a avaliação**: As RS compartilhadas pelos professores de educação física. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

DOISE, W. **Direitos do homem e força das ideias**. Lisboa: Horizonte, 2002.

DOYLE, S. Reflexivity and the capacity to think. **Qualitative health research**, 23 (2), p. 248-255, 2013.

ESPÍRITO-SANTO, G. **Representações sociais sobre a saúde dos professores de educação física que atuam em academias do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

FÉLIX, L.; ANDRADE, D.; CORREIA, C.; RIBEIRO, F.S.; SANTOS, M. F. O conceito

de sistemas de representações sociais na produção nacional e internacional: Uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, 2016, v. 5, n. 2, p. 198-217.

GTT ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE. **Carta de repúdio ao programa Brasil em Movimento do governo federal**. Porto Alegre: Conbrace. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1405>. Acesso em: 5 abr. 2020.

GUILHERME, P. **Goleiros**: Heróis e anti-heróis da camisa 1. São Paulo: Alameda, 2014.

JODELET, D. Representações sociais: Um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17- 44.

KOCH, R. **Futebolização**: Identidades torcedoras da juventude pós-moderna. Brasília: Trampolim Editora; Ministério da Cidadania, 2020.

MACAGNAM, L. D. G.; BETTI, M. Futebol: Representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, abr. 2014, p. 315-27. Doi:10.1590/1807-55092014000200315.

MACHADO, E. P. **Segue o plano! A relação de autoridade/obediência entre coach e pupilo no processo de construção corporal do fisiculturista**. Porto Alegre, 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

MANDEL, M.; LONG, E. **A economia de aplicativos no Brasil**. Progressive Policy Institute, 2017.

MARQUES, R. R. L.; MUSIS, C. R. de. **Representações sociais do professor**: Comunicação, educação e psicologia social. Curitiba: Appris, 2016

MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M.; LIMA, C. M. A teoria das representações sociais nos estudos sobre representações de professores. **Cad. Pesqui.** [on-line]. 2009, v.39, n.137, p. 549-576. ISSN 0100-1574.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social** – Teoria, método e criatividade. 21 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLINER, P.; GUIMELLI, C. **Les représentations sociales**: Dondements théoriques et développements récents. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2015.

MORAES, R. B. S.; OLIVEIRA, M. A. G.; ACCORSI, A. Uberização do trabalho: A percepção dos motoristas de transporte particular por aplicativo. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais** v. 6, n. 3, p. 647-681, 2019.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: Investigações em psicologia social. 5. ed. Trad. P. A. Guareschi, Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, D. M. **Mercado de trabalho e campo de atuação do profissional de educação física em Sapucaia do Sul**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RIBEIRO, A. F. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Rev. Lutas Sociais**, São Paulo, v.19, n. 35, p. 65-79, jul./dez. 2015.

RIBEIRO, L. P.; ANTUNES-ROCHA, M. I. História, abordagens, métodos e perspectivas da teoria das representações sociais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 407-409, ago. 2016.

RIFKIN, J. **A era do acesso**. São Paulo: Makron Books, 2001.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SANTOS, C. A. R. A teoria das representações sociais e a análise do discurso em uma narrativa esportiva de futebol. **Revista Diadorim**. Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 10, dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>. Acesso em: 04 mai. de 2021.

SANTOS, N. B. Resenha do livro representações sociais: Investigações em psicologia social de Serge Moscovici. **Revista Ciências & Idéias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2010.

SCHYMURA, L. G. Produtividade, informalidade e incerteza política: O que contam os indicadores? **Revista Conjuntura Econômica**, v. 74, n. 01, p. 6-9, 2020.

SILVA, J. S.; SANTOS, J. D. Recursos escassos, necessidades ilimitadas? **Revista Brasileira de Administração Política**, v. 7, n. 1, p.127, 2014.

SILVEIRA, A. B. **Digital platforms in the sharing economy**: Mediating and flattening consumption and service relationships. Porto Alegre, 2020. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2020.

SILVEIRA, A. B.; HOPPEN, N. Plataforma culture in the sharing economy: A rental goalkeepers case study. **R. Adm. FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 110-128, out./dez. 2020. ISSN 1984-6975.

SOUSA, D. P.; PAULA, E. R. de; OLIVEIRA JUNIOR, C. R.; ANTUNES. A. C. Apropriação da teoria das representações sociais pelo campo acadêmico/científico da educação física no Brasil: O estado do conhecimento (2004-2016). **Pensar a Prática**, 21(4), 2018.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a análise temática. **Arq. bras. psicol.** [on-line], 2019.

TEIXEIRA, A. Trabalho, tecnologia e educação – Algumas considerações, **Revista Trabalho e Educação**, UFMG/NET, Belo Horizonte, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. **A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTIN, R. B.; COELHO, M. Sobre as escolinhas de futebol: Processo civilizador e práticas pedagógicas. **Ver. Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n312VBR.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2012.

VOTRE, S. J. **Etnografia da representação social em atividade físico-esportiva**. Brasília: Indesp, Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p.17- 25.

WISNIK, J. M.; RESENTE, O. L.; CAMPOS, P. M.; ANDRADE, C. D.; TOSTÃO. **O goleiro e outros textos sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ARTIGO “JOGADA ENSAIADA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FIGURA DO GOLEIRO NO FUTEBOL BRASILEIRO PÓS BARBOSA”

ENSAIO

Jogada ensaiada: Representações sociais da figura do goleiro no futebol brasileiro pós Barbosa

Set piece: social representations of the goalkeeper figure in Brazilian football post-Barbosa

Douglas Meyer Oliveira¹, Felipe Freddo Breunig², Alex Branco Fraga¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Brasil

RESUMO

INTRODUÇÃO: Este ensaio aborda as representações sociais em torno do papel do goleiro no contexto do futebol brasileiro. O marco temporal é a Copa do Mundo de 1950 pelo impacto histórico e sociocultural que a derrota da seleção brasileira na final no Maracanã teve no cenário nacional à época.

OBJETIVO: Analisa dados e informações de alguns autores sobre a Copa do mundo daquele ano, especialmente sobre a falha do goleiro Barbosa, que foi culpado pela derrota brasileira na final daquela Copa.

MÉTODOS: Análise interpretativa de discursos sobre goleiros na ótica da Teoria do Espaço de Representação do Futebol.

RESULTADOS: Não se aplica.

CONCLUSÃO: Conclui que no Brasil, desde o episódio Barbosa, construiu-se uma representação de fundo racista sobre a confiabilidade de goleiros negros, assim como uma exacerbada valorização de goleiros estrangeiros. Discute possíveis caminhos a serem seguidos em pesquisas futuras nesta temática.

ABSTRACT

BACKGROUND: This essay addresses the social representations surrounding the role of the goalkeeper in the context of Brazilian football. The time frame is the 1950 World Cup due to the historical and sociocultural impact that the defeat of the Brazilian team in the final at Maracanã Stadium had on the national scene at the time.

OBJECTIVE: It analyzes data and information from some authors about the World Cup of that year, especially about the failure of goalkeeper Barbosa, who was held responsible for the Brazilian defeat in the final of that Cup.

METHODS: Interpretative analysis of discourses about goalkeepers from the perspective of the Football Representation Space Theory.

RESULTS: Not applicable.

CONCLUSION: It concludes that in Brazil, since the Barbosa episode, a representation of racist background has been built on the reliability of black goalkeepers, as well as an exacerbated appreciation of foreign goalkeepers. It discusses possible paths to be followed in future research on this topic.

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 01 julho 2021

Revisado: 16 agosto 2021

Aprovado: 17 agosto 2021

PALAVRAS-CHAVE:

Futebol; Goleiro; Representações.

KEYWORDS:

Soccer; Goalkeeper; Representations.

PRELEÇÃO**Aspectos Introdutórios**

O goleiro é um dos personagens mais excêntricos dentro do cenário futebolístico. Sua atuação vai contra toda a lógica do futebol: enquanto toda dinâmica de jogo que envolve os demais jogadores gira em torno do objetivo maior dentro do esporte (marcar gols), a maioria dos gestos do goleiro em uma partida visa impedir este momento. Além disso, só a ele é permitido tocar na bola com as mãos, fazendo com que o caráter contraditório de sua existência dentro do jogo seja mais acentuado.

Dadas as características do fazer do goleiro dentro do contexto futebolístico, é possível inferir que a evidência de sua atuação dentro de um jogo se dará mais facilmente quando falhar em exercer o seu objetivo. Ou seja, o produto de seus êxitos é nulo dentro da dinâmica do jogo (defesas não contam pontos ou gols), enquanto o produto do seu fracasso em exercer sua função é positivo (gols para o adversário). A lógica é oposta em comparação com os demais jogadores. Sendo assim, enquanto a maioria dos jogadores é lembrada pelos gols que fez, o goleiro geralmente é lembrado pelos gols que não conseguiu evitar. Estando sua imagem geralmente atrelada aos momentos em que não obteve êxito em sua ação, é de certa forma compreensível que a responsabilidade pelo gol sofrido tenda a recair sobre ele. Como afirmou Galeano, “o goleiro sempre tem culpa, e se não tem, paga do mesmo jeito” (GALEANO, 2016, p. 8).

A partir deste raciocínio, é possível afirmar que nenhum goleiro ficou tão presente no imaginário coletivo dos brasileiros quanto Barbosa, goleiro titular da seleção brasileira na Copa de 1950 e eleito pela mídia nacional como o principal responsável pela derrota do Brasil frente ao Uruguai na final daquela Copa. Até a final daquele torneio mundial de seleções, nunca a atuação de um goleiro tinha sido tão comentada no Brasil por torcedores e pela mídia.

Aquela Copa do Mundo, realizada em terras brasileiras, representava uma importância fundamental para a nação, por inúmeros motivos políticos, culturais e esportivos. Logo, o fracasso da seleção não foi apenas o fracasso de um time de futebol. Foi a falência de toda uma tentativa de afirmação da autoestima de um país, a qual teve como principal culpado, segundo a mídia da época, o goleiro negro Barbosa, acusado de ter falhado no segundo gol dos adversários uruguaios na final daquele torneio. Punido injustamente durante toda sua vida pelo “Maracanazo”, Moacir Barbosa Nascimento sintetizou sua condição após aquela fatídica final, conforme relatado por Guilherme (2006, p. 109), da seguinte forma: “No Brasil, a pena máxima (de prisão) é de 30 anos, mas pago há 40 por um crime que não cometi.”

Considerando o futebol um elemento sociocultural, construtor de uma espacialidade própria, cuja dinâmica social influencia e é influenciada pela sociedade que o vivencia, este ensaio objetiva abordar as diferentes representações atribuídas à figura do goleiro, após a imagem construída pela mídia nacional do goleiro Barbosa. A partir de representações construídas por dada sociedade, são criados estereótipos sobre determinada função sociocultural na qual são definidos quais indivíduos são aptos ou capazes de desenvolver esta função. Por isso, o resultado da análise das representações sociais do goleiro pode transcender as quatro linhas do campo de futebol, dizendo um pouco da cultura e das crenças da sociedade que as construíram.

No ano de 2021 estamos comemorando o centenário do nascimento de Barbosa, e mais uma vez sua imagem vem à tona na imprensa em geral. A despeito da brilhante carreira que este goleiro teve, e dos títulos que conquistou, inevitavelmente o seu nome evoca memórias relacionadas com a derrota do Brasil na Copa de 1950, e a sua consequente culpabilização pelo segundo gol uruguaio. Tal acontecimento ficou tão arraigado no imaginário coletivo brasileiro, que até os dias atuais estas questões reverberam e retornam, o que torna atual e relevante discutir sobre representações sociais da figura do goleiro relacionadas com estes fatos. Exemplo disso pode ser evidenciado durante uma fala no programa Fox Sports Rádio, em que o comentarista e ex-jogador de futebol Edílson afirma que “goleiro negão sempre toma um gol” (FERREIRA, 2018).

Esse ensaio visa contribuir com apontamentos capazes de suscitar um maior interesse por pesquisas a respeito da figura e do papel do goleiro no futebol por parte da comunidade acadêmica que pesquisa este esporte, seja no campo

geral das ciências humanas, ou no campo específico das representações sociais. Em pesquisa realizada no Google Acadêmico em agosto de 2021 com o termo “goleiro de futebol”, dos 224 resultados encontrados somente 8 trabalhos se propõem a problematizar o papel do goleiro de futebol sob aspectos que não sejam relativos a características técnicas e táticas do jogo.

Nota-se facilmente que a maioria esmagadora dos estudos que tematizam o goleiro de futebol ocupa-se de aspectos relacionados as diferentes perspectivas e metodologias de treinamento específico existentes, o que evidencia uma carência de estudos sob o prisma das Ciências Humanas. Também não foi encontrado nenhum artigo que abordasse representações sociais criadas em torno da figura do goleiro, o que sinaliza uma importante lacuna a ser preenchida, capaz de trazer maior arejamento para o campo de estudos das representações sociais no futebol.

O percurso metodológico deste ensaio inicialmente parte de uma abordagem acerca da relação do goleiro com o contexto de jogo do futebol. Em seguida, são analisadas algumas produções acadêmicas e jornalísticas que abordam a derrota brasileira na Copa de 1950, e a consequente culpabilização do goleiro Barbosa. A partir dessa análise, foram traçados possíveis aspectos de relacionamento entre a culpabilização de Barbosa pela derrota do Brasil na Copa de 50 e as representações sociais acerca da figura do goleiro no futebol brasileiro desde então. A interpretação dos diferentes dados encontrados se deu a partir do conceito de “espaço de representação do futebol”. Este conceito foi desenvolvido por Campos (2006), visando a apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial.

ENTENDENDO O JOGO

A teoria do espaço de representação do futebol

O futebol ocupa um lugar de destaque na vida diária de milhões de pessoas em todo Brasil. O esporte não mobiliza apenas aqueles que trabalham de uma forma direta ou indireta com ele, mas também inúmeros indivíduos que possuem algum vínculo afetivo e emocional com esta prática. Jogadores, técnicos, jornalistas e torcedores são alguns dos personagens envolvidos nesta trama de relações que transcende o campo de jogo. Desta maneira, é necessário um aporte teórico que contemple as múltiplas facetas deste universo, para que se possa entender a dinâmica de suas relações.

Neste sentido, a teoria do espaço de representação do futebol, desenvolvida por Campos (2006), parece a mais adequada para embasar o propósito deste ensaio. Ela compreende o futebol como um espaço de representações sociais constituídas através da interação de diversos atores socioespaciais, que formam complexas relações. Estes atores são classificados em três categorias principais: profissionais, especialistas e torcedores.

São considerados profissionais todos aqueles que interferem diretamente no jogo (jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros). Na categoria dos especialistas estão incluídos aqueles que trabalham com a mídia esportiva (narradores, repórteres, comentaristas, jornalistas). A terceira categoria proposta por Campos (2006), a dos torcedores, inclui todos aqueles que possuem algum vínculo afetivo com alguma instituição futebolística. Em relação à essa terceira categoria, o autor entende que através do encontro entre torcedores, seja ele nos estádios ou até em espaços públicos como bares ou praças, é possível que as representações sociais surjam ou se modifiquem, de modo que esses estereótipos criados comecem a circular e que sejam constantemente redefinidos, assim como os aspectos ligados à própria prática social do futebol, como os significados e forma de torcer.

Basicamente, as representações sociais no futebol são construídas a partir do contato direto entre os torcedores e entre os profissionais. Mas também são construídas representações através da incorporação de discursos elaborados por especialistas. O modo de falar, a entonação da voz, repetir diversas vezes o nome de um atleta, ou até mesmo a interpretação de um lance feita de forma equivocada por um narrador de rádio, por exemplo, pode criar representações sociais que nem sempre sejam verdadeiras, mas que dependendo da situação podem vir a se tornar.

E O JOGO COMEÇA

O goleiro no contexto do futebol

Alguns anos separam a invenção do futebol moderno da criação da figura do goleiro. Somente em 1871 estabeleceu-se que um jogador poderia pegar a bola com as mãos no então chamado “football”. Desde então, o esporte nunca mais foi o mesmo, pois “[...] o goleiro tornou-se o referencial para a evolução do futebol” (GUILHERME, 2006, p. 25).

A partir de um olhar mais cuidadoso, dentro de uma perspectiva antropológica, Franco Júnior (2007) mostra um certo sentido sacrificial para a existência do goleiro dentro do futebol. Afirma que ele precisa ser “morto” para que haja sentido no jogo. Apenas quando o goleiro for vencido completamente é que o jogo terá o seu momento ápice: o gol. É ele o guardião do objetivo último do adversário.

Não por acaso que o goleiro pode ser considerado o “[...] bode expiatório simbólico por excelência [...]” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 249) em uma partida de futebol. Sendo sua função exclusiva impossibilitar o gol do adversário, é compreensível que aconteça uma associação da ocorrência do mesmo com a sua figura. Durante uma partida de futebol, é comum os torcedores atribuírem a ocorrência de um gol do time adversário a uma possível falha do goleiro da equipe da qual simpatizam.

No texto “Futebol, Camus e a solidão do goleiro”, de Acácio Augusto (2008), o autor define a posição de goleiro como ingrata, afirmando que na parte onde ele pisa sequer nasce grama, e o goleiro como sendo um sujeito solitário, pois desempenha uma função totalmente diferente dos demais jogadores, tendo assim responsabilidades distintas dentro do jogo. Considerando-se as perspectivas espacial e temporal, o goleiro passa a maior parte do tempo de jogo de uma maneira solitária, situado embaixo ou próximo das traves. O autor frisa que, ao mesmo tempo que a solidão do goleiro faz com que ele carregue sozinho a culpa de uma falha ou de uma derrota, é ela também que possibilita uma defesa que garanta a vitória da sua equipe, tornando a distância entre o heroísmo e o fracasso muito curta.

Para que seja possível compreender de modo amplo a condição do goleiro no futebol, convém apresentar o ponto de vista de quem encarna e vive esse personagem no cenário futebolístico. Em seu trabalho intitulado “Goleiros: Heróis e Anti-Heróis da camisa 1”, Paulo Guilherme (2014) relata uma entrevista de um dos maiores goleiros de todos os tempos, Gylmar dos Santos Neves, onde ele afirma que o goleiro vive uma solidão terrível e afirma que não tem nada a ver com os outros dez jogadores em campo, ganhando desta forma um destaque multiplicado; ao fazer uma defesa, não fez mais que o seu dever, porém uma pequena falha pode se transformar numa tragédia.

Outra entrevista que é citada também em seu trabalho, é a do ex-goleiro e hoje técnico Emerson Leão, na qual ele afirma que o goleiro trabalha para que não ocorra o que todo mundo quer que aconteça: o gol. Ele afirma que o goleiro joga contra o êxtase do torcedor, e evidencia que é por isso que todo o goleiro é um vencedor solitário. Percebemos, então, que a solidão não está relacionada apenas ao fato de o goleiro utilizar vestimentas diferentes e ter permissões especiais para atuar durante o jogo, mas nas responsabilidades que lhe são atribuídas, tais como a defesa de um pênalti ou a falha em um lance específico que define o resultado de uma partida, sendo o causador da vitória ou da derrota.

A partir destas inferências acerca do simbolismo do goleiro na dinâmica do futebol, é possível entender a imagem idealizada que existe sobre suas qualidades. Ao goleiro são atribuídas características fundamentais (tanto por torcedores, quanto por profissionais), dentre as quais destacam-se: confiabilidade, coragem, inteligência, responsabilidade e tranquilidade. Estes que atuam na posição produzem fatos futebolísticos, os quais servirão de base para a formulação de representações sociais pelos torcedores, segundo a perspectiva utilizada de Campos (2006).

O fato futebolístico pode ser apontado como elemento original do espaço de representação do futebol, pois sem ele os outros não fariam sentido. Ele é a partida, o próprio jogo de futebol, ou seja, o ritual. É a partir do fato futebolístico: que as pessoas, os grupos e as comunidades formulam as representações sociais; que os diferentes atores do espaço de representação do futebol se relacionam e produzem seus discursos; que os símbolos e mitos são gerados; enfim, que toda a malha de significados que permeia o futebol é criada (CAMPOS, 2018, p. 5).

O autor ainda afirma que, a partir do fato futebolístico, acontece o relacionamento entre os diferentes atores do espaço de representação do futebol, bem como a produção de discursos, a geração de símbolos e a construção de mitos. Assim, é possível visualizar que os discursos construídos a partir de símbolos e mitos, originários de diferentes fatos futebolísticos, irão servir de alicerce para representações sociais da figura do goleiro, as quais poderão influenciar na escolha de determinados sujeitos (ou grupo de sujeitos) que exercerão esta função dentro do jogo.

UM LANCE DECISIVO E UMA JOGADA ENSAIADA

A derrota na Copa de 50 e a culpabilização de Barbosa

Um dos acontecimentos dotados de maior simbolismo no âmbito do futebol brasileiro foi a derrota do Brasil na Copa de 50, frente a seleção do Uruguai. A partir deste momento, foi construído todo um complexo de inferioridade não só sobre a seleção, mas também no que dizia respeito a raça e ao futuro do país: “A perda do título mundial em

pleno território nacional fez com que cada copa do mundo se tornasse uma oportunidade (quase um dever) da seleção, ou melhor, do Brasil se mostrar capaz para o mundo” (CAMPOS, 2006, p.44).

Inúmeras eram as explicações criadas pela imprensa que procuravam justificar o fracasso da seleção brasileira. Aquelas que atribuíam a derrota à composição racial da equipe merecem especial atenção, já que as mesmas se embasaram em velhas teorias racistas do século 19, que afirmavam uma suposta inferioridade do negro. Segundo Rodrigues (2020), recuperou-se, inclusive, uma teoria específica criada durante o período do Estado Novo (1937-1945), a qual afirmava uma suposta inferioridade do brasileiro enquanto raça, devido à forte miscigenação existente em nosso país.

Mário Filho confirma estes aspectos em seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro” (2003), ao se referir à reação brasileira frente à derrota para o Uruguai, quando afirma que “uns acusavam [o técnico] Flávio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete” (p. 289). Porém, o goleiro negro Barbosa foi eleito o principal culpado pela derrota, acusado de falhar no gol que definiu a vitória da equipe uruguaia. A dupla condição de negro e goleiro fez com que Barbosa ficasse marcado para sempre no imaginário do torcedor brasileiro como o responsável pela derrota da seleção nacional.

Jornais da época tentaram associar a suposta falha no lance decisivo com a sua raça. Todo um discurso racial foi construído, o qual tentava eleger como causa principal do fracasso do goleiro (bem como de toda seleção) a uma suposta falta de coragem inerente a sua cor:

O problema da raça brasileira reaparecia de forma aguda, reforçando o complexo de inferioridade existente. Para muitos discursos racistas, a composição étnica havia definido a sorte de nossa seleção assim como definia a sorte da própria sociedade. Mesmo sabendo-se que Obdúlio Varela, o grande capitão uruguaio e destaque do jogo final, era mulato (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.91)

Nos anos seguintes, os poucos goleiros negros convocados nunca conseguiram se firmar como titulares na seleção brasileira, além de ter suas carreiras marcadas pela culpabilização em lances decisivos, segundo afirma Coelho (2012). O jornalista lembra que Veludo, goleiro do Fluminense, foi convocado em 1954, porém foi reserva naquela Copa, e dois anos depois ficou marcado por uma falha em um jogo do campeonato carioca, a qual levou a direção do clube a reduzir em 60 % o seu salário, o que teria contribuído para a abreviação de sua carreira, e posteriores problemas com alcoolismo. Também lembra a falha em um gol do goleiro pardo Manga na Copa de 1966, em um jogo contra Portugal, a qual foi explicada na época como sendo causada por um desequilíbrio emocional inerente a sua cor da pele.

Tais discursos tiveram repercussão tão grande, que levou anos para que um goleiro negro assumisse novamente a titularidade na seleção brasileira. Isto ocorreu somente na Copa de 2006, quando o goleiro Dida assumiu a titularidade no torneio daquele ano. Depois, somente em 2014 houve outro goleiro negro na equipe, o goleiro Jeferson, que foi reserva naquela competição, o que demonstra uma proporção bem menor de negros goleiros, se comparados com jogadores de outras posições. Uma análise subjetiva feita pelo jornalista Paulo Guilherme (2014), com fotos de jogadores dos clubes que disputaram os campeonatos brasileiros de 2004 e 2005, corrobora com este dado. Enquanto o percentual de jogadores não-goleiros que eram negros ou pardos girava em torno de 43 %, o percentual de goleiros negros não ultrapassou os 18%.

Segundo Franco Junior (2007), nas duas décadas seguintes a Copa de 50, vários grandes clubes do futebol brasileiro passaram a contratar goleiros estrangeiros para jogar em suas equipes. O que de fato mostra que o fracasso de Barbosa não só atingiu os goleiros que tinham sua cor, mas também os goleiros brasileiros de uma maneira geral.

Fica evidente que o simbolismo construído em torno do discurso produzido pela mídia sobre Barbosa, a partir da final da Copa do Mundo de 1950, influenciou a formação de representações sociais da figura do goleiro no cenário futebolístico nacional. Tais representações não foram incorporadas apenas por torcedores, mas também por profissionais, visto que suas repercussões perpassaram o campo do imaginário e do simbólico, vindo a constituir-se em uma realidade objetiva.

O JOGO (NÃO) TERMINA AQUI

O futebol, enquanto elemento sociocultural, é produto das relações entre diversos atores socioespaciais, que ao relacionarem-se entre si constroem variadas representações. No contexto específico do campo de jogo, a prática do

goleiro possui características próprias bem diferenciadas dos demais jogadores. A importância de sua existência dentro da dinâmica de uma partida favorece na idealização de sua imagem.

A partir de fatos que acontecem em jogos de futebol são construídos mitos e símbolos, que servem de base para a construção de representações. A partir do sentido simbólico dado a imagem de Barbosa após a Copa de 50, há claros indícios empíricos acerca da construção de representações sociais racistas e estrangeiristas sobre o goleiro no Brasil. Contudo, seria incorreto afirmar que tais representações não existiam antes de Barbosa. Guilherme (2014) traz indícios de que antes de Barbosa já não havia aceitação de negros na posição de goleiro, ao mostrar que desde o primeiro jogo da seleção, em 1914, até 2006, dos 92 goleiros que foram convocados, apenas 12 eram negros e pardos.

Tal constatação indica que representações racistas em torno da figura do goleiro negro não começaram com o gol que Barbosa tomou na final da Copa de 50. Também nos aponta que o racismo não deve ser compreendido somente a partir de um fato isolado de um contexto específico de um esporte, já que ele é estrutural e historicamente arraigado no nosso país, como nos diz Almeida (2018):

O racismo não é um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados é estruturalmente reproduzida (ALMEIDA, 2018, p. 45).

Desta forma, há de se considerar que o futebol se constitui no interior de uma sociedade que é estruturalmente racista. E que este racismo presente nas diversas esferas da vida social também se reproduz no âmbito do futebol, manifestando-se na figura do goleiro, mas também atingindo jogadores negros de todas posições.

Há uma lacuna aqui de estudos de representações sociais a partir do que foi explicitado desde então nos discursos construídos pelos especialistas e incorporados por torcedores, e também acerca da influência destes discursos e representações na realidade socioespacial do futebol brasileiro. Além dos discursos que circulam entre especialistas e torcedores, também seria interessante investigar as representações sociais da figura do goleiro entre os jogadores profissionais, inclusive entre os próprios goleiros.

É importante observar que sempre há uma continuidade temporal da repercussão de discursos produzidos no passado. Ou seja, por mais que aqueles que presenciaram, discutiram, enfim, que vivenciaram a Copa do Mundo de 1950 estejam em sua maioria mortos, as opiniões, preconceitos e visões de mundo constituídas naquele momento permanecem vivas, inclusive talvez ainda fornecendo subsídios para representações de goleiros no espaço do futebol na atualidade. Neste sentido, cabe a seguinte pergunta: A cruz que outrora Barbosa teve que carregar permaneceu (e permanece) nos ombros dos que trazem a sua cor e que ocuparam (e ocupam) a sua posição?

Nesse sentido, também é pertinente lembrar que em 2014 tivemos novamente uma copa do mundo sendo realizada em terras brasileiras, onde a seleção do Brasil foi eliminada nas semifinais pela Alemanha, num histórico 7 a 1 que pegou a todos de surpresa. Uma situação de vexame e vergonha nacional muito semelhante ao ocorrido na Copa de 1950 (ou talvez até pior), todavia, houve a diferença de não ter havido a culpabilização de nenhum jogador. Consequentemente, também não houve a construção de explicações que buscassem associar erros individuais a algum estereótipo grupal.

Em coluna publicada na revista Carta Capital em 2014, Djamila Ribeiro lembra que quando um indivíduo de um grupo historicamente discriminado erra, todo o grupo é culpabilizado. E de maneira muito perspicaz, arremata: “Júlio César, goleiro da seleção [...] obviamente não foi culpado pela derrota da seleção brasileira para a alemã por 7 a 1, a culpa não foi dele, é todo um time que joga, mas não se ouviu ninguém dizer que homens brancos são ‘frangueiros’, por exemplo. Nenhum mito criou-se em cima do goleiro branco” (RIBEIRO, 2015).

As questões levantadas neste ensaio envolvendo as representações sociais da figura do goleiro a partir de Barbosa (e para além dele) podem ser melhor refletidas a partir de outras análises e metodologias que se detenham de forma mais aprofundada a estes aspectos. Também seria profícuo analisar tais aspectos a partir de diferentes recortes geográficos e históricos no Brasil, ou seja, a partir das múltiplas realidades socioespaciais que compõem este país.

Existem discursos atuais sobre a figura do goleiro que podem ser relacionados com o simbolismo da Copa de 1950? Como estas representações manifestam-se na prática amadora do futebol? Estas são algumas das questões que podem nortear futuros trabalhos a respeito desta instigante temática, que em muito pode contribuir para uma melhor compreensão do futebol em suas dinâmicas sócio-históricas e antropológicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CAMPOS, F. R. G. **O espaço de representação do futebol:** Uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

CAMPOS, F. R. G. O conceito de espaço de representação do futebol como possibilidade para apreensão do futebol profissional e amador como fenômenos da espacialidade. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 1-13, 2018.

COELHO, R. D. **Presença de goleiros negros no Brasil salta de 12,5% para 31% em oito anos.** UOL, 2012. Disponível em: <http://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2012/11/17/presenca-de-goleiros-negros-aumenta-mas-eles-ainda-sao-minoria.htm>. Acesso em: 22 jun. 2021

FERREIRA, E. Edílson revolta palmeirenses ao opinar sobre Jailson: “Goleiro negão falha”. In: Fox Sports Rádio, 2018. Disponível em: <http://uol.esportetv.blogosfera.uol.com.br/2018/02/16/edilson-revolta-palmeirenses-ao-opinar-sobre-jailson-goleiro-negao-falha/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FRANCO JR., H. **A dança dos deuses:** Futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUILHERME, P. **Goleiros:** Heróis e anti-heróis da camisa 1. São Paulo: Alameda, 2006.

RIBEIRO, D. A vingança de Barbosa: A luta do goleiro negro por respeito. **Carta Capital**, 2015. Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/a-vinganca-de-barbosa-a-luta-do-goleiro-negro-por-respeito/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

RODRIGUES, B. Estigma racista do goleiro negro persiste desde derrota na Copa de 1950. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/07/estigma-racista-do-goleiro-negro-persiste-70-anos-apos-maracanazo.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021.

RODRIGUES FILHO, M.L. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

AGRADECIMENTOS

Às universidades públicas brasileiras.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Douglas Meyer Oliveira (Autor Correspondente)

ORCID: 000-0001-6479-6499.

E-mail: douglas_poa@hotmail.com

Felipe Freddo Breunig

ORCID: 0000-0003-3057-8260.

E-mail: felipebreunig@yahoo.com.br

Alex Branco Fraga

ORCID: 0000-0002-6881-1446.

E-mail: brancofraga@gmail.com

APÊNDICE B

ARTIGO “O GOLEIRO DE ALUGUEL”

O Goleiro de Aluguel

Douglas Meyer Oliveira¹⁷

O futebol, e suas variações (de campo, futsal, society ou futebol 7, de areia etc.), continua sendo o esporte mais praticado no país pelos homens, em espaços públicos ou privados¹⁸, seja ele de forma amadora ou profissional. E dentro desse grande espetáculo, a esmagadora maioria desses praticantes prefere jogar na linha; poucos abnegados optam em jogar no gol.

Geralmente, o goleiro é visto como função ingrata, por alguns, dentro do futebol, e em jogos amadores normalmente não se encontra alguém disposto a desempenhar esse papel, por isso muitas vezes não se tem um goleiro de ofício para essas partidas amadoras, então, é preciso que os jogadores de linha se revezem por um determinado tempo. Ao perceber essa necessidade, uma plataforma para *smartphones* foi criado por um grupo de amigos para convocar seu goleiro de forma prática e rápida.

A plataforma do Goleiro de Aluguel – a única no setor – funciona da seguinte forma: primeiramente o interessado descarrega o aplicativo no *smartphone*. Ao abri-lo é preciso responder se a intenção é convocar alguém para jogar na posição de goleiro ou ser convocado para atuar como goleiro. Se o usuário da plataforma escolher a opção “quero ser um goleiro”, deve preencher seus dados pessoais e escolher a região de atuação, bem como a distância máxima que está disposto a percorrer para jogar.

¹⁷ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). douglas_poa@hotmail.com. Porto Alegre/RS - Brasil

¹⁸ PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Movimento é vida:** atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. Brasília, DF, 2017.

Em seguida, deve informar uma conta bancária de sua titularidade. O valor a ser recebido é definido pela plataforma e o “trabalhador do gol” fica com apenas 60% do valor pago por quem convocou o goleiro, sendo que este valor é liberado na carteira do aplicativo 15 dias após a partida. É necessário solicitar a transferência dos valores disponíveis para a conta bancária indicada anteriormente, que possui um prazo de compensação de 4 dias úteis. A cada 10 jogos realizados, a remuneração é aumentada, podendo o trabalhador receber 75% do valor pago pelo contratante. Na hora da contratação, o contratante define o tempo de duração da partida.

A nota atribuída ao goleiro de aluguel pelo contratante após cada partida pode chegar a até 30 pontos e envolve, basicamente, os seguintes aspectos e pontuações: pontualidade vale 5 pontos, personalidade de 1 a 5 pontos, técnica de 1 a 10 pontos e se o contratante utilizar a camisa do aplicativo ele ganha mais 10 pontos. Na hora de convocar, o contratante possui duas opções: a de convocar um goleiro aleatório ou a de convocar um goleiro específico. Se a opção for por um goleiro aleatório, a plataforma irá convocar os goleiros de acordo com critérios estabelecidos pelo gerenciamento algorítmico, e o primeiro que aceitar será escalado para a partida. Após isso, o contratante poderá acessar o ranking e ver a avaliação do mesmo, e caso julgue necessário, pode solicitar um outro profissional caso o contratante queira um goleiro mais experiente. Ele pode, primeiramente, acessar o ranking, e convocar um goleiro específico que esteja nas primeiras posições.

A era do acesso, portanto, fez emergir um novo modelo de operacionalização do capitalismo, no qual o trabalhador não é mais necessariamente aquele que tem “carteira assinada” e garantias trabalhistas, ele passa a ser o trabalhador *just-in-time*, que numa tradução livre para o português seria o “trabalhador sob demanda”. Esse novo modelo requer um trabalhador apto a atender demandas que aparecem, um nicho de trabalho que mais recentemente passou a ser realizado por plataformas que fazem a conexão entre o trabalhador (prestador do serviço) requisitado e o consumidor requerente. Estamos passando por um processo de mudança e a tendência é que o trabalhador, na narrativa das empresas se torne um trabalhador autônomo, atue por conta própria e assuma o ônus de tal condição, estando permanentemente

disponível ao trabalho, sem ter qualquer garantia ou proteção trabalhista, assim como sem qualquer previsão a respeito da sua remuneração e carga horária.¹⁹

As transformações no mundo do trabalho resultaram em perdas para os trabalhadores, que sofrem com a intensificação da exploração da força de trabalho pelo capital, com o aumento do desemprego, contratos temporários, aumento no setor de serviços, desmobilização sindical entre outros aspectos.²⁰

O goleiro de aluguel é mais um entre tantas plataformas provenientes da nova concorrida e predadora forma de trabalho informal, também conhecida como economia de aplicativos²¹ ou *Gig Economy*²². Para situarmos de modo panorâmico essa radical alteração no mundo do trabalho, passa a ser interessante destacarmos algumas das grandes alterações na forma da organização da produção e consumo produzidas por esta nova economia.

O gerenciamento algorítmico leva em conta diversos fatores, como localização, avaliação, assiduidade, etc., e faz com que de acordo com as suas ações, a plataforma tome um direcionamento que nem sempre é benéfico ao trabalhador. Além do gerenciamento algorítmico, a empresa delega ao contratante fiscalizar e avaliar o trabalhador. Porém, essa avaliação feita pelo contratante nem sempre condiz com o serviço prestado, fazendo com que o trabalhador seja prejudicado.

Assim como em outras plataformas, se o goleiro de aluguel possuir muitas avaliações negativas, ele passa a ser acionado com menos intensidade e pode até ser suspenso. E como as empresas-plataforma alegam que os trabalhadores não possuem vínculo empregatício com elas, pois elas não cobram exclusividade, a responsabilidade por eventuais penalidades é atribuída aos requerentes do serviço. Portanto, empresas que atuam nesse modelo uberizado, tal como a Goleiro de Aluguel, passam a ideia de que o usuário é quem determina

¹⁹ ABÍLIO, L. Uberização: A era do trabalhador *just-in-time*? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020.

²⁰ SAUER, R. T.; LACKS, S. **Educação física e as problemáticas significativas do trabalho docente**. In: XVI CONBRACE e III CONICE, 2009, Salvador.

²¹ MANDEL, M.; LONG, E. **A economia de aplicativos no Brasil**. Progressive Policy Institute, 2017.

²² ABÍLIO, L. Uberização: A era do trabalhador *just-in-time*? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020.

a jornada de trabalho do trabalhador (prestador de serviço), portanto, a figura do “patrão” seria, dentro dessa lógica, o próprio usuário.

APÊNDICE C

CONVITE PARA ENTREVISTA

Prezado Senhor,

Este é um convite para você participar da pesquisa “DA SOLIDÃO DAS TRAVES À REDE DE GOLEIROS DE APLICATIVO: Representações sociais da função de goleiro por meio da uberização”, desenvolvida por Douglas Meyer Oliveira, sob a orientação do Prof. Dr. Alex Branco Fraga, do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A pesquisa que estamos desenvolvendo tem por objetivo compreender de que modo os goleiros de aluguel vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol por meio da mediação dessa plataforma digital. De acordo com a sua disponibilidade de tempo, contamos com sua participação sob forma de entrevista, que será baseada em um roteiro de questões sobre sua trajetória e sua percepção da função de goleiro antes e após ser goleiro de aluguel. Cabe destacar que além de você, planejamos entrevistar outros goleiros, que, assim como você, também utilizam o aplicativo Goleiro de Aluguel.

Em caso de aceite, solicitamos, por gentileza, que nos informe a rede social de sua preferência, bem como os melhores dias e horários, para que possamos agendar a entrevista. O tempo estimado para a realização da entrevista é de 40 a 50 minutos.

Desde já, muito obrigado pela atenção dispensada.

Att,

Douglas Meyer Oliveira

Mestrando em Ciências do Movimento Humano (UFRGS)

douglas_poa@hotmail.com

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Douglas Meyer Oliveira, mestrando no curso de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o(a) convido a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada “DA SOLIDÃO DAS TRAVES À REDE DE GOLEIROS DE APLICATIVO: Representações sociais da função de goleiro por meio da uberização”. A pesquisa será por mim desenvolvida sob a orientação do professor Dr. Alex Branco Fraga.

A pesquisa que estamos desenvolvendo tem por objetivo compreender de que modo os goleiros de aluguel vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol por meio da mediação dessa plataforma digital. De acordo com a sua disponibilidade de tempo, contamos com sua participação sob forma de entrevista, que será baseada em um roteiro de questões sobre sua trajetória e sua percepção da função de goleiro antes e após ser goleiro de aluguel. Cabe destacar que além de você, planejamos entrevistar outros goleiros, que, assim como você, também utilizam o aplicativo Goleiro de Aluguel.

Todas as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas. O material gravado e transcrito ficará armazenado de forma codificada e com senha nos acervos dos pesquisadores. Todos os procedimentos a serem adotados antes, durante e depois das entrevistas não irão alterar a sua rotina de trabalho. As informações obtidas por meio destas entrevistas serão confidenciais, portanto, apenas os pesquisadores envolvidos terão conhecimento e posse do seu conteúdo, sendo utilizadas exclusivamente para os objetivos acadêmicos propostos.

É importante que você tenha conhecimento de que a pesquisa não trará benefícios diretos para você, porém esperamos que o estudo ofereça ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado, especialmente no campo da Educação Física. Os entrevistados terão o retorno dos achados após a conclusão do relatório final da pesquisa.

Conforme a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em seres humanos no Brasil, os riscos em participar de um estudo são inevitáveis. No caso desta pesquisa, os riscos e incômodos que podem fazer parte da sua participação se referem a possíveis constrangimentos durante as entrevistas.

Antes de concordar em participar da pesquisa, é muito importante que você esteja ciente das informações e instruções contidas neste documento. Além disso, os pesquisadores irão esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a entrevista. Mesmo depois de já ter assinado este documento, você poderá, a qualquer momento, desistir de participar desse estudo sem qualquer tipo de prejuízo. Desta forma, caso alguma entrevista já tenha sido realizada, você terá o direito de solicitar a retirada das informações que você mesmo forneceu. Vale ressaltar que a sua participação nessa pesquisa é voluntária, ou seja, você não receberá qualquer forma de pagamento, assim como também não haverá nenhum tipo de ônus.

Caso você tenha qualquer tipo de dúvida adicional em relação aos seus direitos como participante da pesquisa, a qualquer momento do estudo você poderá contatar

um dos pesquisadores ou diretamente o Comitê de Ética da UFRGS por meio dos seguintes canais:

- Douglas Meyer Oliveira, pesquisador em nível de mestrado – *e-mail*: douglas_poa@hotmail.com; telefone (51) 9.8179.0017;
- Doutor Alex Branco Fraga, professor responsável pela pesquisa – *e-mail*: brancofraga@gmail.com; telefone: (51) 3308.5821;
- Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS – *e-mail*: etica@propesq.ufrgs.br; telefone: (51) 3308.3738;

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, concordo em participar dessa pesquisa ao assinar este termo de consentimento em duas vias, ficando de posse de uma delas.

Data: ___/___/___

Assinatura:

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Este é um modelo de roteiro de entrevista que será utilizado com sujeitos que utilizam o aplicativo Goleiro de Aluguel.

Nome:

Número de partidas:

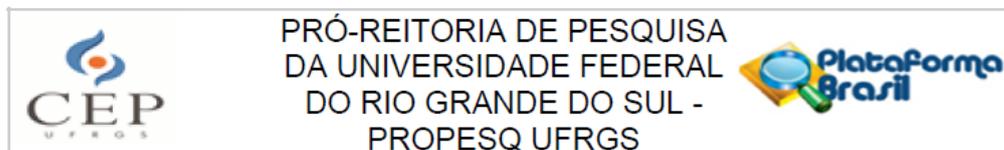
1. O que te levou a ser goleiro no aplicativo do Goleiro de Aluguel?
2. Você já havia atuado como goleiro antes? De forma amadora, profissional ou de divertimento?
3. Como ficou sabendo dessa plataforma?
4. Já passou por alguma situação inusitada?
5. Como você vê a posição do goleiro dentro do futebol profissional? E no aplicativo?
6. Você vê o aplicativo como uma forma de trabalho, de divertimento, de competição, de treino, ou de alguma outra forma?
7. Você mudou sua percepção sobre o futebol, ou sobre a posição de goleiro após ser goleiro de aluguel?
8. Como você definiria o goleiro de aluguel em uma frase?
9. Você realiza algum treinamento específico para melhorar seu desempenho nas partidas?
10. Para você, é mais importante que sua equipe vença ou que você faça uma boa atuação?
11. Você vê o goleiro como solitário?

12. Você conhece outros sujeitos que utilizem o aplicativo do goleiro de aluguel? Mantém contato? Participa de um grupo?

13. Quando você comenta com alguém de fora que atua como goleiro de aluguel, o que geralmente te falam?

ANEXO A

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Da solidão das traves à rede de goleiros de aplicativo: representações sociais da função de goleiro por meio da uberização

Pesquisador: Alex Branco Fraga

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 42306121.2.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.570.686

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa do Prof. Dr. Alex Branco Fraga, orientador de mestrado de Douglas Meyer Oliveira do PPG em Ciências do Movimento Humano, da ESEFID/UFRGS. Ambas estão listadas na Plataforma Brasil. O presente trabalho tem como objetivo principal compreender de que modo os goleiros vinculados ao aplicativo "Goleiro de Aluguel" vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol por meio da mediação dessa plataforma digital. Os objetivos específicos são os seguintes: identificar a trajetória desses prestadores de serviços até chegarem à função de goleiro de aplicativo; e analisar o modo de organização desse coletivo de goleiros que é remunerado para atuar de forma avulsa em "peladas" de amigos. O marco teórico do projeto está assentado na Teoria das Representações Sociais (TRS) e a opção metodológica e a análise temática, tendo a entrevista semiestruturada com sujeitos cadastrados na referida plataforma como método principal de produção de dados.

Objetivo da Pesquisa:

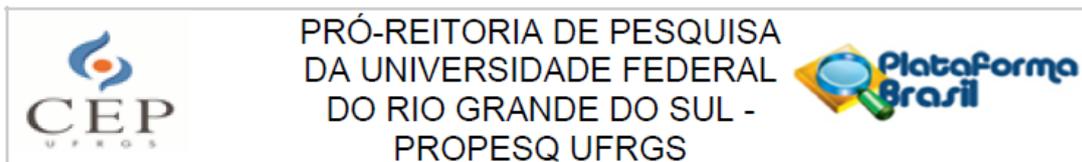
Objetivo Primário:

Compreender de que modo os goleiros de aplicativo vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol por meio da mediação dessa plataforma digital.

Objetivo Secundário:

Identificar a trajetória desses prestadores de serviços até chegarem à função de goleiro de

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 4.570.686

aplicativo; e analisar o modo de organização desse coletivo de goleiros que é remunerado para atuar de forma avulsa em "peladas" de amigos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios são apresentados da seguinte forma:

RISCOS:

Conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em seres humanos no Brasil, os riscos em participar de um estudo são inevitáveis. No caso desta pesquisa, os riscos e desconfortos que podem vir a ocorrer se referem a possíveis constrangimentos durante as entrevistas. Antes de iniciar a entrevista, todas as dúvidas serão esclarecidas pelo entrevistador e, mesmo depois de já ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o entrevistado poderá, a qualquer momento, desistir de participar do estudo sem qualquer tipo de prejuízo. Desta forma, caso alguma entrevista já tenha sido realizada, o entrevistado terá o direito de solicitar a retirada das informações que ele mesmo forneceu.

Benefícios:

A pesquisa não trará benefícios diretos para os entrevistados, porém esperamos que o estudo ofereça ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado, especialmente no campo da Educação Física. Os entrevistados terão o retorno dos achados após a conclusão do relatório final da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado, cujo objetivo é "compreender de que modo os goleiros de aplicativo vão construindo representações sociais acerca dessa função no futebol por meio da mediação dessa plataforma digital". Para isso, o mestrando irá contatar por redes sociais 20 participantes cadastrados na plataforma "Goleiro de Aluguel" por meio de uma mensagem padrão. As entrevistas serão realizadas de forma virtual.

O cronograma está adequado e as entrevistas devem iniciar em março de 2021. O orçamento está adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

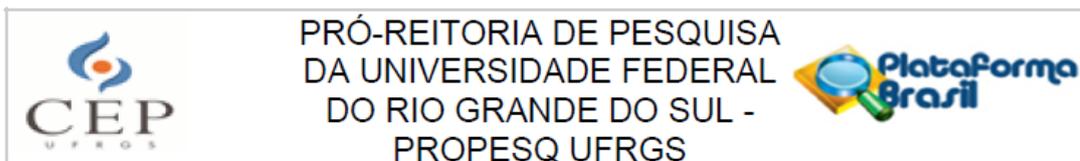
Projeto Cadastrado na Plataforma Brasil – Adequado

Projeto Completo – Presente

TCLE – Adequado:

- Esta em formato de convite; os procedimentos são detalhados; os riscos e benefícios são explicados; explica a confidencialidade dos dados coletados; apresenta a possibilidade para o participante desistir ou retirar seus dados; explica que não haverá custos para o participante;

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 4.570.686

possui contato do CEP e possui contato do responsável.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nesta terceira versão, todas as pendências foram atendidas, conforme descrição a seguir. Assim, considera-se o projeto em condições de aprovação.

2) as entrevistas serão realizadas de forma virtual e os contatos serão realizados via rede social. No entanto, não fica claro como se dará esse contato, se enviando uma mensagem padrão de convite. Caso seja este o caminho, solicita-se que a mensagem seja apresentada no projeto.

ATENDIDO: um modelo padrão de mensagem foi apresentado.

3) O TCLE foi reformulado e todas as pendências foram atendidas, no entanto, o novo forma deixa duas dúvidas: A primeira se refere a seguinte frase: "Cabe destacar a garantia de sigilo de todos os dados levantados esta garantido independentemente de necessidade de pedido expresso do participante.". Solicita-se esclarecimento sobre esse "pedido expresso do participante": (1) se quem participou não poderá rever seus dados; (2) ou se o participante que desejar ter seu nome divulgado não terá essa possibilidade.

ATENDIDO: a frase foi retirada

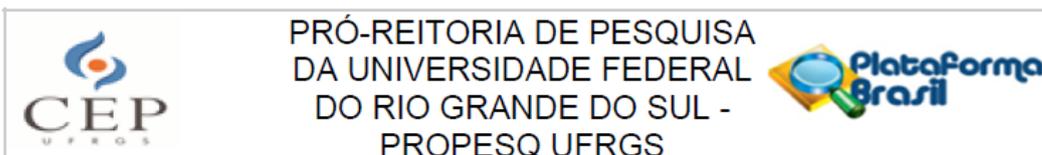
4) consta no orçamento despesas com deslocamento e lanche; no entanto, na carta resposta, é informado que as pesquisas serão realizadas de forma virtual. Assim, solicita-se esclarecimento sobre essas despesas ou uma revisão das mesmas.

ATENDIDO: na carta resposta os pesquisadores esclareceram que a pesquisa será realizada de forma virtual; assim os itens do orçamento foram retirados.

Considerações Finais a critério do CEP:

APROVADO

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 4.570.686

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1690498.pdf	25/02/2021 18:01:23		Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.doc	25/02/2021 18:00:43	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
Brochura Pesquisa	projetodouglas.pdf	25/02/2021 18:00:15	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodouglas.docx	25/02/2021 18:00:08	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	25/02/2021 17:25:17	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoa.pdf	18/01/2021 19:18:11	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	17/01/2021 07:57:48	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
Outros	roteirodeentrevista.docx	16/01/2021 15:50:09	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito
Declaração de concordância	autorizacaogda.pdf	16/01/2021 15:49:12	DOUGLAS MEYER OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 03 de Março de 2021

Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

ANEXO B**AUTORIZAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DO NOME DO APLICATIVO GOLEIRO DE ALUGUEL**

← Re: Solicitação de autorização



Samuel Toaldo <Samuel@goleirodealuguel.com.br>

Seg, 04/01/2021 23:47

Para: Você



Olá Dougla, sempre é um prazer colaborar com estudos acadêmicos. Você tem autorização para usar nome e imagens do Goleiro de Aluguel, também fico a disposição para eventuais dúvidas.

Em seg., 4 de jan. de 2021 às 17:25, <douglas_poa@hotmail.com> escreveu:

Prezado representante da empresa Goleiro de Aluguel,

Meu nome é Douglas Meyer Oliveira, sou aluno de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como orientador o professor Alex Branco Fraga.

Do modo como está desenhado o meu estudo, que tem por objetivo que modo os sujeitos que atuam no aplicativo Goleiro de Aluguel vão construindo representações sociais sobre essa posição singular no mundo do futebol, é fundamental entrevistar goleiros que desempenham a função por meio do aplicativo. Dada à singularidade dessa plataforma digital, seria muito importante para nós termos a autorização para citar o nome Goleiro de Aluguel no trabalho antes de entrarmos em contato com os goleiros. Meu orientador e eu tivemos acesso à tese de doutorado "Digital platforms in the sharing economy: mediating and flattening consumption and service relationships", que contou com o apoio de vocês, e notamos muitas similaridades no modo como a parte empírica da tese foi projetada. Apesar de o nosso foco ser as percepções dos sujeitos que atuam na condição de goleiros de aplicativos sobre a função de goleiro no mundo do futebol, pretendemos delinear a parte empírica na mesma linha do trabalho acima citado. Cabe salientar que esse estudo tem fins exclusivamente acadêmico-científicos, portanto, sem qualquer relação comercial, e segue os preceitos éticos adotados pela Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, emitida pelo Conselho Nacional de Saúde. Caso possamos contar com sua autorização, encaminharemos o projeto para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Por isso, solicito consentimento por escrito para citação do nome Goleiro de Aluguel, bem como dos textos e imagens públicas pertencentes ao aplicativo, que obviamente serão devidamente citadas as fontes e os locais de onde foram extraídos.

Desde já, agradeço antecipadamente a atenção e me coloco a disposição para novos esclarecimentos.

Att,
Douglas Meyer Oliveira

--
Samuel Toaldo
CEO
041 99654-2383



goleirodealuguel.com.br

ANEXO C

ACEITE DO ARTIGO “GOLEIRO DE ALUGUEL”

**CARTA DE ACEITE**

São Paulo, 08 de novembro de 2021.

Douglas Meyer Oliveira:

Temos a satisfação de informar que seu artigo intitulado: “O Goleiro de Aluguel” foi aceito pela Equipe Editorial da **Revista Ciências do Trabalho** e será publicado em nossa edição n. 21 (abril de 2022).

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Samuel Fernando de Souza', is centered on the page.

Samuel Fernando de Souza
Editor da Revista Ciências do Trabalho
Professor Adjunto da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho